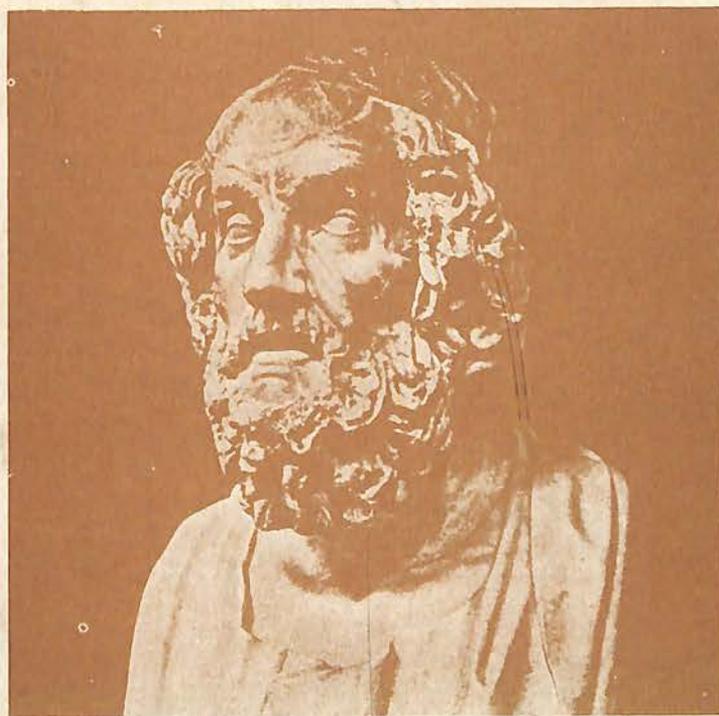




Universidade
Federal
de Pernambuco

ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

1985



ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura

Universidade Federal de Pernambuco

(Anteriormente publicada sob o nome:

Estudos Universitários. Revista de Cultura

da Universidade | do | Recife)

Editada semestralmente pela
Universidade Federal de Pernambuco

Impressa nas Oficinas Gráficas da Editora Universitária

Número avulso: Cr\$ 5.000; atrasado: Cr\$ 10.000

Estrangeiro: número avulso: US\$ 5.00; atrasado: US\$ 8.00

Assinatura anual: US\$ 10.00

ENDEREÇO: Rua Moraes Rêgo — Cidade Universitária
RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

REVISTA DE CULTURA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor: Reitor George Browne Rego

Diretor-associado: Prof. Luiz Bezerra de Carvalho Jr.

Editor: Prof. César Leal

CONSELHO CONSULTIVO

Prof. Murilo Guimarães

Prof. Marcionilo Lins

Prof. Paulo Maciel

Prof. Geraldo Lapenda

Prof. Aluizio Bezerra Coutinho

Prof. Evaldo Coutinho

Prof^a Cecília Maria Sanioto Di Lascio

Prof. Lourival Vilanova

Prof. Leônidas Câmara

Estudos universitários; revista de cultura da Universidade Federal de Pernambuco. v. 1 — jul./set. — 1962 — Recife, Universidade Federal de Pernambuco. trimestral

1. Cultura — Periódicos.

008.(05) CDU UFPE
001.05 CDD (19.ed.) BC-86-383

Livros, cartas e pedidos de assinatura devem ser enviados para:
ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS —
Avenida Prof. Moraes Rego —
Cidade Universitária — Recife
— Pernambuco — Brasil

ESTUDOS

UNIVERSITÁRIOS

REVISTA DE CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Sumário

ENSAIOS

- Da biologia à fraternidade universal
Aluizio Bezerra Coutinho 5
- Formação intelectual e itinerário filosófico de Tobias Barreto
Newton Sucupira 15
- A qualidade do ensino na educação superior brasileira
George Browne Rego 59
- Dimensões temporais na poesia
César Leal 73
- César Leal: Uma visão interdisciplinar da crítica
Ronald M. Rassner 91
- Universidade e o pensamento científico-cultural
Marcionilo de Barros Lins 99
- O princípio da autenticidade em "Seis personagens à procura de autor"
Leônidas Câmara 111
- O papel da Universidade em Ciência e Tecnologia
Sérgio Machado Rezende 127

LIVROS

- Água e Pedra (Poesia)
Weydson Barros Leal 143

COLABORAM NESTE NÚMERO

ALUIZIO BEZERRA COUTINHO

Biólogo, catedrático de Patologia Geral do Centro de Ciências Biológicas da UFPE, Regente de Filosofia das Ciências Naturais do Curso de Mestrado em Filosofia da UFPE. Publicou este ano o livro *Da Natureza da Vida*.

NEWTON SUCUPIRA

Titular de Filosofia do Departamento de História e Filosofia da Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Coordenador do Curso de Doutorado da mesma Universidade. Ex-titular de Filosofia da Educação da Universidade Federal de Pernambuco.

LEÔNIDAS CÂMARA

Doutor em Letras e Docente Livre em Teoria da Literatura, ex-catedrático de Estética da UNICAP, coordenador do Curso em Mestrado de Filosofia da UFPE e professor do Curso de Mestrado em Letras da mesma Universidade.

GEORGE BROWNE REGO

Doutor em Educação pela Universidade de Tulane (USA), professor dos Cursos de Graduação em Pós-Graduação do Centro de Educação da UFPE, ex-Pró-Reitor para Assuntos Acadêmicos e atual Reitor da Universidade Federal de Pernambuco. Várias obras publicadas em livros e revistas especializadas.

CÉSAR LEAL

Professor de Teoria da Literatura e de Teoria da Poesia nos Cursos de Graduação e de Mestrado em Letras da UFPE. Poeta e crítico de poesia, autor dos livros *A quinta Estação*, *O triunfo das águas*, *Jornal do Verão*, *Os cavaleiros de Júpiter*, *Literatura: a palavra como forma de ação*, entre outros. É conselheiro da Fundação Joaquim Nabuco.

RONALD RASSNER

Ph.D. pela Universidade Wisconsin. Professor de Literatura comparada, especialista em Estudos Africanos. Atualmente participa de um Programa de Intercâmbio com várias Universidades brasileiras a serviço da Comissão Fulbright.

MARCIONILLO LINS

Catedrático de Bioquímica, Professor Emérito da UFPE da qual foi Reitor entre 1971-1975. Assistente Técnico Especializado CNPq. Diretor do Departamento de Recursos Humanos da SUDENE. Várias obras publicadas.

SÉRGIO REZENDE

Ph D. em Física pelo Massachusetts Inst. of Tech. (MIT) Professor de Física Aplicada e Básica no Departamento de Física da UFPE. Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências, Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Física. Vários trabalhos publicados.

WEYDSON BARROS LEAL

Poeta da novíssima geração pernambucana.

Da Biologia à Fraternidade Universal

Aluizio Bezerra Coutinho

Desde seu aparecimento o transformismo vem utilizando representações gráficas das relações de continuidade ancestral entre os seres vivos. Na *Origem das Espécies*, Darwin representa a "descendência com transformação" de espécies imaginárias por meio de modelos simplificados sob a forma de árvores genealógicas prescindindo nelas a consideração da sexualidade que tem o inconveniente de tornar os troncos, ramificados ou não, em feixes reticulados com dicotomias e anastomoses. As árvores genealógicas são tentativas de representação atual em dimensões espaciais do que ocorreu ou se supõe ter ocorrido ao longo do tempo. Desenvolvidas com luxo de detalhes por Heckel, tornaram-se dispositivos de uso conveniente e corrente nas exposições de idéias filogenéticas. A comparação entre as árvores filogenéticas, que são condensações de árvores genealógicas possíveis, dão uma idéia bem segura do desenvolvimento dos conhecimentos, durante os últimos cem anos, das possíveis relações de parentesco entre os seres vivos. Pela comparação da seqüência de propostas é possível apreciar-se facilmente não só o crescimento da documentação material quer paleontológico quer genética, bioquímica ou serológica, ou ainda embriológica e anatômica, como também as mudanças, havidas nas interpretações destes conhecimentos. Conceitos novos de valor ainda não bem assentados, tais como "distância evolutiva" atestam a introdu-

ção de critérios mais quantitativos que qualitativos na reconstrução das linhagens, dos possíveis entrelaçamentos das categorias taxionômicas.

Estes estudos e especulações apresentam uma feição comum. Todos eles procuram salientar as semelhanças entre as espécies de organismos, minorar o valor das diferenças. De um ponto de vista sentimental devem ser vistas como esforços que fortalecem e frizam o parentesco, a fraternidade, a unidade original de, e entre, todos os seres vivos. Nisto contribuem para reforçar a corrente de pensadores que consideram não ser importante nem necessária a idéia da natureza como campo de batalha, deformação do espírito darwiniano utilizada abusivamente por todos os advogados da violência que querem justificar, mesmo às custas de uma adulteração sistemática do darwinismo, seus pendores sanguinários de conquista e abuso do poder. Para isso é necessário que se deixe de ver, escotoma muito freqüente, que desde Kropotkin, que exaltou a mútua ajuda como fator evolucionário, até as recentes avaliações do altruísmo aparecendo como valor seletivo favorável nas populações de organismos sociais.

As árvores filogenéticas são mais do que meras representações gráficas feitas por naturalistas imaginosos. Elas são na verdade retratos muito ou pouco fiéis, não importa, da realidade da existência no tempo de uma continuidade física entre todos os organismos da biosfera. Todo ser vivo individual provém de outro ser vivo. Toda célula de outra célula. Não há intervalos de inexistência, interrupção saltatória nas linhagens. Há evidências empíricas de unidade de origem de todos os viventes. De qualquer modo, por imperfeitas e defeituosas que sejam, as árvores filogenéticas descrevem graficamente um fato concreto, por difícil que possa parecer à primeira vista sua aceitação.

Esta dificuldade está encastada na concepção do mundo que se aceite. Para os adeptos numerosos de religiões panteístas, pampsiquistas, ou das que aceitam como

dogma de fé a possibilidade, não só da "reincarnação" mas a da metempsicose, nada de repugnante pode ou deve haver na idéia da unidade de origem. O mesmo não se dá entre os adeptos das religiões, de origem judaica, fundamentalistas, tanto cristãos, mormente os "reformados", como os muçulmanos, hebreus e muitas seitas menores de igual origem e inspiração. Os que remontam ao "livro", passam a admitir a multiplicidade e independência das diversas categorias de viventes, culminando com uma criação especial do homem, feito para alimentar e manter os deuses, como está no Enema Elish, o livro mesopotâmico da criação, para louvá-los perenemente, recebendo o "direito" de dominar, usar e abusar de todos os outros viventes, feitos somente para seu regalo e gozo, ou como matéria prima para oblações e sacrifícios, como se depreende dos primeiros capítulos do Gênesis.

A admissão da idéia de que a espécie humana seja o resultado de uma criação especial, separada e distinta das origens ou origem de todos os demais seres vivos foi e continua sendo influente artigo de fé. Uma das grandes conseqüências do transformismo a partir de Darwin é ter modificado a mentalidade dos estudiosos sérios, fazendo-o de forma a contornar obstáculos confessionais. Pelo menos para a inteligência católica, não é nunca demais lembrar Mendel, Boule ou Teilhard de Chardin, o fundamentalismo desvaneceu-se como uma névoa, e aquilo que os piedosos têm como verdades da fé deixou de ser a credulidade supersticiosa em textos arcaicos de redação obscura, retocados na história ao sabor dos interesses clericais ou políticos do momento. O espírito esclarecido que aceita uma razão de ser transcendente ou imane não necessita, requer ou mesmo aceita conviver com a adoração de textos convertidos em fetiches, cuja análise documental seria anátema, para não dizer nada da interpretação racional.

O desenvolvimento da teoria da origem fortuita, única porque de probabilidade baixíssima mas positiva, con-

corda com o transcendentalismo religioso, filosófico, espiritualista na sua recusa em ver na vida um campo de demonstrações de tendências preternaturais, de forças teleológicas, de enteléquias, e também ao afirmar que a estrutura automontável pode existir como resultado de um ato inteligente. Mas o acordo para aqui. A existência de uma inteligência transcendente, divina portanto, é admitida como consequência de um ato de fé, não como resultado da apreciação das cousas do mundo. A convicção do caráter fortuito da origem da vida, como evento de muito baixa probabilidade de ocorrência não requer nenhum ato de fé além dos dois primeiros, sem os quais a ciência e a filosofia das ciências não têm justificativa: primeiro a fé na existência de uma realidade material, fora de nossa consciência da qual nós somos também parte, e, segundo, a de que o mundo físico, chamado exterior é inteligível, isto é, representável, descritível nos conceitos da mente, em que pese a aparência de recorrência semântica destas últimas palavras.

A mentalidade associada ou derivada do pressuposto de que o homem é o resultado de uma criação especial, predestinada a ser dono e senhor do mundo é uma reserva, um armazém da presunção nociva e abjeta dos "destinos manifestados", que leva, em relação à biosfera e à Terra de um modo geral, à consagração dos abusos do "jus utendi et abutendi", atitude de irresponsáveis. Em relação ao próprio homem, os pronunciamentos de "destinos manifestos", quase sempre atribuídos a atos e desejos de Deus ou Deuses como justificativa aos próprios crimes, geram, é claro, todos os abusos sociais, opressões e guerras, tiranias e "apartheids". Este estado triste das cousas poderá até sugerir dúvidas sobre a existência de um valor seletivo da inteligência.

Com estas ponderações chega-se ao reencontro da noção de valor, de tão grande significação metafísica que forma o travejamento essencial da moral, da ética. A noção de valor, como foi sugerido, não pertence ao domínio

dos fatos das ciências naturais. Pertence ao domínio da consciência. Valor seletivo não expressa nenhum conceito qualitativo desta ordem. É uma maneira simples, taquígráfica, não pedante de querer dizer que determinado fator, bem caracterizado, assegura maior fertilidade aos indivíduos, de uma população, que geneticamente estejam condicionados para manifestá-lo.

Com o advento da inteligência o uso de determinada qualidade, potencial ou manifesta, deixa de ser necessário. O ato voluntário consiste na opção de uma "decisão" no sentido do algoritmo derivado da teoria do jogo. Quanto mais acentuada, elevada e requintada for a inteligência segundo e conforme a mensuração tentativamente precária dos psicólogos, mais distantes no tempo e no espaço serão as avaliações e tentativas de apreciação das consequências resultantes da prática do ato voluntário. O imediatismo é caráter próprio das inteligências rudimentares, está mais próximo da simples resposta reflexa do que de uma elaboração mental. Somente a inteligência elevada pode ser considerada como capaz de bom uso dos poderes que ela confere. Infelizmente a eficiência dos possuidores de personalidades incompletas, onde o egoísmo e a falta de escrúpulos converte a inteligência em esperteza e velhacaria, cheias de crueldade, destituída de compaixão, faz agirem como destrutores, tanto do ambiente como da sociedade, e do próprio futuro, porque somente há futuro para os que pensam, planejam e agem tendo em vista os resultados remotos, futuros e distantes, e por isso mesmo preparam e optam pelos caminhos apropriados para o bom porvir.

O sentimento de fraternidade tem sido o sal da terra bem no sentido que se encontra em Mateus, 5-13. Tem surgido em muitas civilizações e culturas desde que estas atinjam um grau de desenvolvimento intelectual, filosófico e literário. Verifica-se e é problema a ser estudado e elucidado pelos que fazem filosofia da história, desde Amenófis IV, que se chamou Aque nato, indo por Buda

e Isaías a Jesus de Nazaré, para mencionar somente uns poucos, dentre os quais alguns atingiram na memória dos homens a santificação ou a deificação, ou foram vítimas de tentativas de arrancamento dos registros históricos pelos eficientes partidários da violência, como aconteceu com Amenófis IV, o Aquenato, e, em dias de ontem, a El Bab, sacrificado que foi em 1850.

O reconhecimento da fraternidade entre os homens tem se manifestado principalmente pela oposição às guerras e conflitos, a instituições como a escravidão, à sujeição servil, aos racismos superioristas de "povos eleitos" promotores de genocídios e "apartheids". Mais rara é a manifestação do sentimento de irmandade para com toda a biosfera, dos partidários da proteção da natureza, que admitem a utilização dos seres vivos como contingências, sem tolerância de abusos, como os desastres ecológicos de nossos dias e as extinções por agência humana maldosa, sem justificção aceitável de centenas senão de milhares de taxons, inventário não concluído porque tem-se destruído até o que se ignora existir. Nunca se poderá avaliar com rigor a deleteriedade dos efeitos do uso da inteligência de baixo padrão, rudimentar.

O sentimento de comunhão com a natureza viva, da necessidade de participar-se da biosfera como um componente harmônico e não como um foco de doença letal tem surgido periodicamente para a alegria dos otimistas. São figuras que formam o que de mais belo e respeitável tem sido visto na história. Destaque especial tem a figura de São Francisco de Assis, o santo por excelência da reconciliação do homem com a natureza e a vida, e que o converteu no patrono da ecologia militante dos que, contra a oposição soez, aberta e até agressiva, pregam a defesa da biosfera, o uso e não o abuso destrutor da natureza. Tais militantes enfrentam não somente a fúria dos zelotes que sempre se associaram aos, ou se constituíram, em poderes e mandos, mas também a indiferença pilatesca dos tíbios e dos aproveitadores do deixa estar como está, os mornos a quem se refere Dante, indignos de atenção.

Até os dias de hoje todos estes movimentos e atitudes contavam unicamente com o suporte da elevação moral, isto é, da aceitação de sistemas de valores não sujeitos às vantagens materiais, à satisfação de vaidades, mas baseados todos nos sentimentos que sempre foram tidos como manifestações de bondade, o altruísmo, a abnegação e a solidariedade. É portanto de acreditar que uma filosofia natural que não só admita mas exija alguma coisa mais sólida do que um sentimento ético, como seja a continuidade física no tempo, de todos os organismos vivos, fato biológico de que, como foi visto, os desenhos das árvores filogenéticas são representações em primeira aproximação, possa vir a se constituir em um firme apoio à moral de solidariedade, do sentimento de participação, não em um corpo místico, mas em um corpo físico, real, efetivo, assegurando a unidade de toda a biosfera e nela a humanidade com ela e não contra ela.

A ciência natural é essencialmente neutra quanto aos pontos de vista éticos. Ela não impõe decisões, apenas demarca o possível do inviável. Não estabelece maneiras de como usar suas leis nem as possibilidades das técnicas que delas derivam. Uma substância tanto pode ser um veneno como uma medicina. A forma do uso, ocasião, indicação é que fazem-na veneno ou remédio. Por isso quem quer que faça ciência, ao se comportar como moralista estará apenas fazendo dela um uso determinado para o que ele pensa saber ser verdadeiro, bom, embora nem sempre o seja. O risco de erro tem levado até a atitudes reprováveis, quando a qualificação moral deixa a desejar, o que infelizmente tem sido mais do que freqüente em todos os tempos, desde que se pode falar em ciência. Mas a neutralidade essencial da ciência não inibe nem compromete o uso justo, e, como se usa dizer, moralmente elevado, capaz de melhorar as sociedades, promover a manifestação do que se chama virtude.

É forçoso reconhecer que a tarefa desta utilização não é fácil. Ela compete antes ao que equivale ao sacer-

dócio, e não a uma igreja de biólogos ou de pedantes filósofos amantes de bizantinismos metafísicos. Compete a homens de boa vontade que, sendo em sua maioria estranhos à biologia e às leis da genética, vão ter dificuldades afetivas de fácil compreensão. Não é fácil ao homem alheio a estas questões aceitar que ele próprio, como cada um de nós, esteja em continuidade física, tão concreta como a que une todas as partes do corpo de cada um de nós, fazem parte de uma continuidade física, com todos os nossos semelhantes, mesmo que sejam nossos inimigos pessoais, mesmo que sejam os mais vis, tanto como com os mais talentosos, nobres e geniais dos humanos. Mais difícil ainda é aceitar-se que esta continuidade física estenda-se também aos mais vilipendiados vivos, dos vermes às lesmas. Pois a continuidade física no tempo não se faz somente com as belas aves, as belas flores. Afinal para o naturalista isto não é surpreendente, porque ele sabe distinguir, ver e admirar cores e formas, fascinantes e belas em seres tidos tradicionalmente como repulsivos, porque ao microscópio surgem perspectivas de existência possível nunca sonhada sequer. É uma exigência insofismável, inevitável, que tem que ser admitida por mais que se lamente ou se deseje negar.

Mas Jesus de Nazaré já pedía que se amasse o próximo, que se amasse os inimigos, que se rejeitasse a competição e a luta pela afirmação vaidosa da personalidade. Os zelotes não pensavam assim. Quantos de seus seguidores, como os seguidores dos proponentes da paz e da fraternidade, de Buda a El Bab, na verdade seguiram seus mestres? Para honra da humanidade, e vai aqui esta ponderação valorativa, obviamente ética, não científica, foram muitos. Houve sempre inúmeros mártires por esporem princípios de fraternidade, independentemente do colorido confessional religioso. Se a noção da unidade

da vida, o reconhecimento deste fato material der origem a movimentos éticos comparáveis, pode-se apenas desejar que seja pequeno o número de seus mártires que distinguir-se-ão de todos os anteriores porque não serão animados por nenhuma espécie de fé numa realidade mística sobrenatural, nenhuma esperança de recompensa ultraterrena, ou melhor orientação de um Karma, mas por uma convicção de outra natureza, a de que o advento da inteligência não deve ser promovido a, ou transformado em causa de extinção, a propiciador da morte a curto ou a longo prazo, conforme venha a agir a grei dos estúpidos e alarves que mandam no mundo contra o futuro do mundo.

A perspectiva dessa grande tragédia tem levado facilmente à increpação de responsabilidades à ciência, aos cientista por todos os desastres que têm resultado do mau uso das técnicas científicas por indivíduos guindados ao poder e à riqueza, e que podem fazê-lo por manipularem o que se chamava nos tempos do racionalismo francês "bourrage de crâne", prática hoje convertida em arte de consumado refinamento na efetuação e na divulgação. Por causa dessa confusão difícil de desfazer e de expor, formam-se movimentos obscurantistas de todas as qualidades que desejariam praticar "autos da fé" contra os que eles supõem muitas vezes erradamente, mas infelizmente nem sempre assim, profetas e causas eficientes das desgraças que se desenham no futuro. Este foi o drama de consciência de Einstein.

Desgraçadamente há entre os cientistas os que se tornam cúmplices do apocalipse, do crepúsculo dos Deuses, tornando viáveis pela técnica possível e pela má qualidade moral deles. O estudo da ciência não é o de um catecismo. Não exige nem impõe as qualidades que valorizam a personalidade e fazem da inteligência que apenas seja capaz de esforços de compreensão, transformar-se

naquela de nível mais elevado, superior que tenha o sentimento moral, o dom da discriminação e escolha que produzem a sensibilidade artística, o dom da abnegação, do altruísmo, qualidades que, se não prevalecerem, não será possível inventar um sentido para o advento do homem.

Que assim possa ser.

Formação Intelectual e Itinerário Filosófico de Tobias Barreto

Newton Sucupira

No Brasil do século passado, o autodidatismo era a regra geral para todos os que pretendiam dedicar-se aos estudos filosóficos. No caso de Tobias Barreto, em razão de seu talento privilegiado e de seu germanismo filosófico, o autodidatismo assume proporções incomuns. Pedro Calmon não exagerava ao dizer que ele foi "o mais espantoso autodidata de nossa história intelectual". É verdadeiramente espantoso que este sergipano com a formação básica adquirida no interior de sua província, sem ter saído do Recife, sem jamais haver freqüentado os grandes centros da inteligência européia, como fizeram várias personalidades de nosso mundo intelectual, sem dispor de professores especializados, nem de institutos de altos estudos, tenha dominado a língua alemã a ponto de familiarizar-se com o pensamento germânico como nenhum outro intelectual brasileiro de seu tempo.

Contudo, por maior que tenha sido o seu talento, Tobias não pôde superar as limitações inerentes a todo autodidatismo, como revelam notórias deficiências de sua cultura filosófica. No fundo, o pensador sergipano foi uma vítima das estreitezas dos horizontes culturais de seu ambiente e do próprio sistema de ensino dominante no Império, os quais impuseram barreiras intransponíveis aos vãos de sua admirável inteligência.

Para bem avaliarmos a riqueza e o vigor de seu pensamento, bem como suas lacunas e imperfeições, é

de todo aconselhável começar pela análise de sua formação intelectual, de suas carências e vicissitudes e de seu itinerário filosófico.

O jornal de Sergipe, "O Republicano", na edição de 14 de julho de 1889, ao fazer o necrológio de Tobias Barreto, escreve o seguinte:

"Tobias nasceu a 7 de junho de 1839, em Campos, decadente vila desta província. Descendente de família pobre e obscura, porém honrada, cedo revelou a pujança de seu talento constituindo-se o melhor professor de latim daquelas paragens" (1).

É difícil apurar se o jovem Tobias foi realmente o melhor professor de latim de sua região. Mas o certo é que, em sua província, recebeu uma boa formação latina, da qual muito se orgulharia ao longo de sua carreira. Apesar de pobre, sua família não mediu esforços para que lhe fosse dada uma educação intelectual que, àquela época e "naquelas paragens", era o que havia de melhor em matéria de instrução secundária: o estudo do vernáculo e do Latim. Acompanhem os passos de sua formação intelectual.

Tobias fez o curso primário em sua vila natal de 1846 a 1851. Nesse mesmo ano, em vista de prosseguir os estudos, deslocou-se para Estância onde se matriculou na aula de Latim regida pelo Padre Domingos Quirino, futuro Bispo de Goiás. Em pleno meado do século XIX vivíamos ainda no regime de aulas avulsas de latim, remanescente do velho sistema de aulas régias instituído pelo Marquês de Pombal após a expulsão dos Jesuítas em 1759. A aula de Latim da Estância havia sido criada nos fins do século XVIII.

Em 1853, transferiu-se Tobias para a vila do Lagarto com o objetivo de concluir seus estudos de latinidade

na aula do Padre Pitangueira, ao mesmo tempo que aperfeiçoava os conhecimentos do vernáculo com o capitão Miguel Teotônio de Castro, professor público primário. Em outubro de 1854, prestou exame para tornar-se professor substituto da mesma aula em que estudara. Segundo nos conta o próprio Tobias, o inspetor houve por bem conceder-lhe o título geral de substituto em qualquer cadeira de Latim da província. Aos quinze anos de idade ei-lo oficialmente investido nas funções de professor substituto de Latim.

Dados o seu talento e suas justas ambições, Tobias Barreto decerto não poderia contentar-se, por muito tempo, com o modesto ofício de mestre substituto numa obscura vila do interior de sua província. Assim, em novembro de 1856, submeteu-se a concurso para a regência da aula de Latim de Itabaiana, cidade bem mais adiantada do que a vila do Lagarto. Aprovado, entra no exercício de suas novas funções em janeiro de 1857, lecionando até dezembro de 1859.

Referindo-se à formação latina de Tobias, um de seus biógrafos e admirador fervoroso, o sergipano Sebrão Sobrinho, assim se expressa com manifesto exagero: "Tendo apenas dois anos e sete meses (inclusive os meses de férias) de estudo da língua latina, já era Tobias manejador desse idioma, falando-o e escrevendo-o como mestre".²

Além dos estudos literários, Tobias aprendeu música em Estância e em Itabaiana, chegando a tocar flauta e violão com relativa mestria. É o flautista da orquestra de Itabaiana e seu violão é vivamente apreciado nas serenatas e saraus da sociedade local. Graças a esses conhecimentos de música, fará, mais tarde, freqüentes incursões no campo da crítica musical.

Outro aspecto importante de sua formação intelectual é o ambiente religioso no qual se processou e

que deixará marca indelével em seu espírito. Marca que influenciará profundamente o próprio curso de seu pensamento filosófico. Desde a infância até a juventude, sua existência transcorrerá em íntimo convívio com os padres e as coisas da Igreja. A esse respeito, vale citar a pertinente observação de Sebrão Sobrinho:

"Nascendo quase entre as batinas do vigário Amaral, criando-se entre as de Domingos e Pitangueira, oriundo de pais católicos e de uma terra ainda hoje completamente católica, como é Campos, que não registra, em nossos dias, ninguém que não seja, vivendo numa época em que Sergipe desconhecia inteiramente outro culto, era Tobias dado a tudo que se relacionasse à Igreja e, assim, senhor de uma boa voz, se integrou nos cantos corais das solenidades religiosas fazendo parte da orquestra de Chiquinho, o músico".³

Tobias jamais renegará o sentimento religioso que impregnou fortemente toda a infância e adolescência e sempre o terá por inerente à natureza humana. Mais que os argumentos racionais, esse sentimento vai impedir de resvalar para o materialismo mecanicista que seria a consequência natural do monismo haeckeliano. A discussão dos problemas religiosos será uma constante de sua obra até o fim da vida.

Consciente de seu talento e de seu saber, Tobias Barreto logo haveria de perceber que uma cidade do interior de sua província tinha muito pouco a oferecer-lhe para o seu nível de aspiração. O diploma de uma das academias do Império era a meta normal dos jovens talentosos, principalmente quando lhes faltava o status social decorrente do nascimento ou da riqueza. De origem humilde, o êxito de uma carreira intelectual seria o instrumen-

to adequado de ascensão social. Hermes Lima captou muito bem o estado de espírito do jovem Tobias ao escrever: "Mestre de Latim em cidade importante como Itabaiana, já por essa época, pressentia o rumo de sua carreira que numa coisa se resumia: continuar os estudos para poder aspirar a posições mais altas".⁴

Assim, visando a prosseguir seus estudos, Tobias obtém uma licença de seis anos e dirige-se à Bahia com a intenção de ordenar-se sacerdote. Mas, logo depois de chegar a Salvador, abandona semelhante projeto e resolve fazer os preparatórios para ingressar na academia de Medicina. A julgar por seus biógrafos, frequentou aulas dos melhores professores, inclusive as de filosofia de Frei Itaparica. Suas preferências, contudo, voltavam-se para a literatura e, segundo nos diz Hermes Lima, passava o melhor de seu tempo lendo os românticos e deslumbrando-se com Victor Hugo.

Passam-se os meses e termina o ano de 1861 sem que Tobias houvesse prestado os exames dos preparatórios. Inteiramente desprovido de recursos, regressa à vila natal em dezembro do mesmo ano. Em 1862, tenta mais uma vez a fortuna e ruma, desta vez, para o Recife, com o propósito de se fazer bacharel em direito. Durante o ano de 1863, cursou, no Colégio das Artes anexo à Faculdade, as aulas de geometria e de geografia. Em novembro do mesmo ano, apresentou-se aos exames de quatro matérias dos preparatórios e, em março do ano seguinte, fez provas das três matérias restantes, iniciando o curso jurídico em 1864.

Naquela época vigorava a reforma do ensino superior de Couto Ferraz, aprovada em 1854, que exigia para o ingresso no curso jurídico os preparatórios das seguintes matérias: latim, francês, inglês, filosofia racional e moral, retórica e poética, história e geografia, aritmética e geometria. Tais matérias eram as mesmas para o curso de

medicina, com exceção de retórica, substituída por álgebra até as equações de 1.º grau. Como se vê, nenhum estudo de ciências físico-químicas ou biológicas era exigido para seguir o curso de direito, nem mesmo para o de medicina. O estudo dos preparatórios se fazia onde e como o candidato quisesse, bastando que provasse nos exames, realizados na ordem que lhe aprouvesse, os conhecimentos adquiridos e, por isso mesmo, chamavam-se parcelados. Segundo bem observou Mariotto Haidar, em seu livro sobre o ensino secundário no Império, "restrito aos preparatórios, reduziam-se, ainda, os estudos secundários, exclusivamente, aos programas e pontos fixados pelo governo para os exames realizados em todo país".⁵

A dominância da cultura literária, com ausência das ciências naturais, era, pois, a regra geral na formação dos candidatos às academias do Império, tendo em vista o regime de preparatórios, no qual se resumia a educação secundária brasileira durante o século XIX e até as primeiras décadas deste século. Regime que, por assim dizer, infelicitou nossa instrução secundária ao longo de todo esse período.

Ao matricular-se no curso jurídico com vinte e cinco anos incompletos, Tobias Barreto tinha sobre a maioria de seus colegas a vantagem do amadurecimento intelectual e a superioridade de uma boa cultura clássica e literária. Mas carecia inteiramente de estudos científicos de base. A precariedade, ou mesmo nulidade, de sua formação científica responde pelas deficiências e equívocos de seu pensamento, quando se põe a especular sobre questões científicas hauridas em Haeckel ou noutros autores alemães. Tobias Barreto valeu-se dos trabalhos de divulgação científica em livros e periódicos germânicos, os quais digeriu, não sem dificuldades, justamente por lhe faltarem as noções científicas elementares. Daí as incongruências e contradições tão comuns em suas concepções filosóficas-científicas. E, ao lado de sua admiração reverencial pela ciên-

cia germânica, vemos suas hesitações em sacar todas as conseqüências do cientismo que, em muitas ocasiões, fazia questão de professar. Exibindo conhecimentos extraídos dos autores alemães, inacessíveis aos intelectuais de seu meio, Tobias Barreto recebia, em seu tempo, a consagração de admiradores pelo que lhes parecia uma extraordinária e profunda erudição científica.

O primeiro encontro de Tobias Barreto com a filosofia se deve ao curso de Frei Itaparica, cujas aulas tiveram, pelo menos, o mérito de inculcar-lhe o gosto da especulação filosófica. Na Faculdade, colabora nos jornais acadêmicos, e, mais que o Direito, a Filosofia é o objeto de suas preferências. E, na verdade, é ainda nos tempos de estudante que se lança à sua aventura filosófica. Em 1867, premido pelas dificuldades financeiras, cursando o 3.º ano, Tobias se inscreve no concurso para o provimento da cadeira de filosofia do Liceu Pernambucano, competindo com o Dr. José Soriano de Souza, o tomista mais destacado de sua época no Recife. Embora tenha sido classificado em primeiro lugar, Tobias é preterido, sendo nomeado seu contendor sob a alegação de ser casado.

Do concurso dirá, anos mais tarde: "O que ficou em domínio de todos, foi que ambos nós, eu então pobre acadêmico do 3.º ano e o Dr. Soriano, já conhecido até em Roma, provamos que éramos néscios, horrivelmente néscios em matéria filosófica".⁶ Essa confissão de ignorância filosófica, na realidade, era mais uma tirada retórica do que uma convicção sincera ou manifestação de humildade intelectual. Na verdade, Tobias não se considerava inteiramente ignorante em filosofia. Assim é que, logo no ano seguinte ao de seu concurso, inicia sua produção filosófica escrevendo uma série de artigos de crítica. De qualquer modo, havia certa dose de verdade em sua confissão retórica. Os primeiros artigos, embora revelando suas qualidades de análise e sua acuidade crítica, acusam as falhas de sua formação filosófica, o conhe-

cimento insuficiente de categorias elementares da filosofia.

É o que vemos, por exemplo, no artigo polêmico "Teologia e Teodicéia não são Ciências", de junho de 1868,⁷ Tobias, querendo demonstrar, com razão, que nem todo objeto de conhecimento se torna necessariamente objeto de ciência, faz uma distinção inepta entre conhecimento e ciência, erro que mesmo o principiante de curso de filosofia dificilmente cometeria: "O conhecimento é particular, fenomenal, determinado; a ciência é geral, baseada em princípios". Nesse enunciado há um equívoco e uma parcela de verdade. O equívoco está em distinguir conhecimento e ciência como se fossem gêneros diversos. O que Tobias tinha em mente, decerto, era distinguir conhecimento empírico, conhecimento vulgar, comum a todo homem, e conhecimento científico. A verdade do enunciado estava na segunda parte: a ciência é geral baseada em princípios. Logo a seguir, Tobias afirmava, acertadamente, na mais pura linha da filosofia escolástica, que ele tanto repudiava como filosofia decréta e reacionária: "O individual, encarado em si mesmo, não pertence à ciência; o que nos indivíduos ela procura é o que eles têm de geral e comum aos gêneros, às diversas classes de seres ou fatos". **De individuis non est scientia**, diziam os escolásticos na esteira de Aristóteles. No artigo citado, Tobias pretendia mostrar que da crença em Deus, cuja legitimidade não estava em jogo, não se podia deduzir uma ciência do divino, fosse Teologia ou Teodicéia. O artigo mistura uma série de observações críticas pertinentes com ingenuidades e confusões conceituais.

O mesmo poderia dizer-se do artigo no qual, anos depois, pretende fazer uma crítica demolidora dos pontos de filosofia do padre Dr. Jerônimo Thomé.⁸ Nesse trabalho, Tobias revela total desconhecimento da teoria aristotélica do prazer e da virtude, e usa do ridículo e do achincalhe na falta de uma argumentação fundamentada, des-

cambando para comparações grosseiras e de mau gosto, incompatíveis com uma crítica filosófica séria.

Igual desconhecimento do racionalismo moderno clássico verifica-se em sua inaptidão para compreender o alcance do **cogito** cartesiano para toda filosofia moderna. Hélio Jaguaribe, em seu lúcido ensaio sobre a filosofia no Brasil, destacou a deficiente informação de Tobias em matéria de história da filosofia e acrescentava: "Tal deficiência — regra geral dos pensadores brasileiros — não se coaduna bem com a intensa curiosidade intelectual de Tobias, homem de leituras abundantes e variadas. Mas a verdade é que a precária informação de Tobias quanto ao passado e à evolução da filosofia assume proporções dramáticas em suas primeiras obras e, minnada embora pelos estudos posteriores, marca, até o fim, uma das limitações de seu pensamento".⁹

Tal deficiência é o fruto de seu autodidatismo em meio intelectual desprovido de uma comunidade científica e de instituições apropriadas para o desenvolvimento da erudição e cultura filosóficas. Sem estudos sistemáticos, sem aprendizagem metódica, Tobias põe-se a ler as obras de filósofos contemporâneos que lhe chegam às mãos sem dispor dos instrumentos conceituais básicos da crítica filosófica, sem o domínio das categorias fundamentais do pensamento filosófico. Daí porque se deixa seduzir pela filosofia em moda, pela teoria científica mais em voga, desprezando toda a tradição dos grandes filósofos sem a qual não lhe era mesmo possível compreender o estado da filosofia de seu tempo. Esquecia ele que a história, como afirmava Hegel, é o laboratório da filosofia. Tudo isso explica os graves equívocos de seu pensamento, como ocorre, por exemplo, em sua leitura de Kant, conseqüente incapacidade de aprender o verdadeiro sentido do criticismo transcendental. E tais limitações, conforme bem observou Jaguaribe, não chegaram a ser superadas mesmo com a continuação e aprofundamento de seus estudos filosóficos.

Na década de 1860, quando Tobias começa a filosofar, os intelectuais brasileiros que se dedicavam aos estudos filosóficos, em geral, ainda estavam fascinados pela filosofia do ecletismo espiritualista de Victor Cousin. No Recife, Antônio Pedro de Figueiredo, o "Cousin fusco", havia traduzido a "História da Filosofia" do chefe da Escola Eclética, cujas idéias faziam adeptos na Academia. E não era somente o pensamento leigo que abraçava a doutrina do filósofo francês; a filosofia ensinada nos seminários era igualmente influenciada pelas idéias de Cousin. Dessa influência nos dá testemunho o Dr. Soriano de Souza em seu **Compêndio de Filosofia**, publicado em 1867, o qual reflete as condenações da modernidade européia pelo **Syllabus**. O tomista pernambucano lamenta a difusão das doutrinas de Cousin no Brasil e deplora, em particular, sua penetração nos Seminários: "Aqui a filosofia que ainda geralmente se ensina é um misto de cartesianismo e ecletismo, que para cá nos mandam os escritores franceses; e essa mesma se acha reduzida a tão mesquinhas proporções que quase poderia desaparecer do quadro dos estudos preparatórios sem grande dano da instrução pública". E continua: "Nas escolas eclesiásticas não são melhores as coisas nesse ponto, pois, à exceção de um Seminário, em todos os mais, segundo as informações que temos, ensina-se aquela mesma filosofia e pelo mesmo método. Daí se colhe facilmente a fraqueza da instrução ordinária de nosso clero e o pouco aproveitamento com que estuda a sagrada teologia, à qual a filosofia é não só útil, mas também necessária".¹⁶

O ecletismo de Cousin tinha tudo para satisfazer às aspirações filosóficas dos intelectuais brasileiros daquela época: fraseologia brilhante e superficial, espiritualismo difuso, mentalidade conservadora, racionalismo moderado. Os intelectuais conservadores, ligados ao catolicismo tradicional, não obstante as veleidades racionalistas poderiam ficar de consciência tranqüila: Cousin, como bem acentuou Ravaisson, pregava uma espécie de ra-

cionalismo que, em última análise, poderia ser conciliado com a fé.

Havia outra característica do ecletismo de Cousin que o tornava perfeitamente assimilável aos nossos intelectuais daquela época, sem estudos científicos de base e sem formação filosófica especializada: era uma filosofia fácil, na qual a apresentação literária primava sobre o rigor técnico da exposição e o fascínio da eloquência supria a falta de solidez da argumentação.

Como sabemos o chefe da Escola Eclética recolheu no idealismo alemão pós-kantiano a idéia segundo a qual, por uma dialética interna, a história da filosofia, em seu desenvolvimento através dos tempos, havia, pouco a pouco, constituído a própria filosofia. A obra da história, verdadeira potência criadora superposta à natureza, consistia em reter e conciliar tudo o que os sistemas filosóficos encerravam de verdade e de conforme aos ideais do espírito. Mas, enquanto Hegel concluía que o coroamento do longo trabalho dos séculos era seu próprio sistema, Cousin modestamente pensava que a filosofia definitiva seria o produto da síntese dos elementos de verdade contidos nos diferentes sistemas filosóficos.

Assim, o corpo de doutrina que formava o ecletismo, sob a égide de Victor Cousin e seus discípulos, era a psicologia de índole empírica dos escoceses na base e a metafísica de tipo racionalista na cúpula. A psicologia de Reid e Dugald-Stewart representava o que, naquele momento, se poderia chamar de espírito moderno. Era o espírito de observação substituindo o método dedutivo dos escolásticos. Contudo, a escola escocesa se apresentava pouco científica na forma, pouco sistemática em suas exposições.

Cousin logo percebeu que não poderia constituir uma filosofia exclusivamente sobre base empírica. Tor-

nava-se necessário completá-la com uma metafísica. E, na escola eclética, essa metafísica era uma combinação de Platão, Descartes, Malebranche, Leibnitz e um pouco de Maine de Biran. Como dizia Paul Janet, os denominados lugares comuns do ecletismo eram os mais belos pensamentos de Platão, de Descartes, de Fénelon, de Malebranche e de Leibnitz apropriados à época e à inteligência de um jovem auditório.¹¹

O verdadeiro método da filosofia, segundo Cousin, consistia em chegar ao conhecimento da alma por meio da descrição e da classificação dos fenômenos psíquicos e daí, seguindo o caminho trilhado por Descartes, elevar-se até o conhecimento de Deus. Era o método psicológico que situava Cousin na grande tradição da filosofia reflexiva francesa.

O ecletismo pretendia contentar, ao mesmo tempo, os espíritos científicos com o método de observação dos fenômenos interiores e as almas religiosas com sua metafísica espiritualista. Na realidade, não satisfaz a nenhuma das partes. Ravaisson, em seu famoso *Rapport sur la Philosophie française au XIXème siècle*, assinalou com muita agudeza as pretensões e as decepções da filosofia de Cousin. Basta-nos citar o seguinte trecho: "O ecletismo tinha prometido muito, e o prestígio da eloquência de seu autor havia contribuído para muito esperar-se de suas promessas. Mas logo se devia reconhecer no filósofo que fizera nascer tantas esperanças um orador para o qual, como para os oradores em geral, a crer em Aristóteles, o verossímil, na ausência do verdadeiro, seria suficiente. Quando se julgava convencido, cedia quase sempre à sedução, mais poderosa na época em que surgiu o ecletismo, da palavra ou do estilo. Outros tempos vieram em que se preferiu, desde então, sob formas menos brilhantes, se necessário, um fundo mais rico, menos literatura e mais doutrina".¹²

Espiritualista conservador, eclético e retórico, Victor Cousin não deixava de ser racionalista, defenden-

do a autonomia da razão e a secularização da filosofia. Daí afirmar, com ênfase, a necessidade de "um ensino secular da filosofia separado de toda teologia e de toda influência eclesiástica". E era justamente esse toque de racionalismo que atraía os filosofantes brasileiros de entendimento mais arejado, os quais prezavam a racionalidade mal contida nas malhas elásticas de um dessorado catolicismo de tradição. O ecletismo espiritualista de Cousin era, pois, a alternativa oferecida aos nossos racionalistas bem comportados que, mordidos pela mosca azul do pensamento moderno, recusavam o medíocre tomismo nacional mumificado em manuais tresandando a sacristia.

Vivendo nesse clima de pensamento fortemente influenciado pelas idéias de Cousin, nada mais natural que Tobias Barreto começasse a filosofar nos quadros teóricos da escola eclética. Ao que parece, tivera os primeiros contactos com a filosofia do chefe do espiritualismo francês nas aulas de Frei Itaparica. Além desse curso, durante o ano em que, em Salvador estivera a preparar os exames que não chegou a fazer, as leituras de poetas e escritores franceses descortinaram-lhe horizontes intelectuais bem mais amplos e diversos que o mundo das humanidades latinas aprendidas com os padres de sua terra natal. Não obstante essas primeiras incursões, nada ortodoxas, pela cultura intelectual moderna, Tobias ingressa no curso jurídico ainda preso a suas origens cristãs. Disso nos dá testemunho o artigo de fundo, por ele escrito, do primeiro número do semanário "O Acadêmico", editado pelos estudantes em 1865.¹³

Mas, à medida que avançava em seus estudos filosóficos, afastava-se de todo dogmatismo eclesiástico e, esposando o racionalismo mitigado da escola eclética francesa, rejeitava a filosofia escolástica por julgá-la incompatível com a ciência moderna e com a liberdade da inteligência. Em seus primeiros artigos, sob a influência do espiritualismo de Cousin, encontramos a afirmação vi-

gorosa de uma razão emancipada e secularizada, bem como uma profissão de fé nitidamente anti-escolástica.

Num de seus primeiros ensaios filosóficos, "Guzot e a escola espiritualista do século XIX", Tobias Barreto, comentando a tese de Cousin segundo a qual em Deus as coisas haurem, ao mesmo tempo, sua inteligibilidade e seu ser, identifica razão e revelação: "Não há reconhecimento mais formal da revelação e da criação; mas da revelação como deve ser entendida, inerente à criação, fazendo parte dela, e por conseguinte identificando-se com a mesma razão proclamada pela escola espiritualista".¹⁴ Reconhecendo a existência de Deus, a realidade do espírito, reitera igualmente a autonomia da razão, único instrumento por meio do qual atingimos as ultimidades do ser. A liberdade é o atributo essencial da razão, órgão da filosofia. Assim é que, no artigo "A propósito de uma teoria de S. Tomás de Aquino", Tobias reclama energicamente essa liberdade: "A filosofia quer e deve ser livre; a liberdade é para ela mais que um distintivo; é a sua própria vida, pois que constitui seu poder. Se há presentemente, a esta hora da civilização, um fenômeno ao mesmo tempo lastimável e ridículo, é, por certo, o esforço que ainda fazem espíritos apoucados para sufocar o filósofo no fundo de seu pensamento e dizer à razão: Cala-te, louca! Seria, com efeito, bom para eles que a razão guardasse silêncio"¹⁵

Nesse mesmo artigo, de abril de 1868, ao reivindicar a mais completa liberdade espiritual para a filosofia, desfecha ataque cerrado à escolástica: "É o que mais espanta é a coragem com que neste século se desce aos subterrâneos em que jaz feito cinza o cadáver da escolástica e se pretende ressuscitá-lo para oferecê-la ao público". Mais adiante acrescenta: "Quando Leibnitz dizia ter achado ouro na cisalhagem da escolástica, Leibnitz enganava-se: eram os reflexos de seu próprio gênio projetados sobre aquele muladar que ele tomava como precioso

sidades daqueles tempos. E numa tirada muito ao sabor de seu temperamento polêmico, conclui lançando arrogante desafio: "Se alguém há, entre nós, que se julgue a encarnação do tomismo, e se sinta por isso ferido no íntimo de sua religiosidade, dir-lhe-emos que é fácil o desagravo, dignando-se de erguer a luva que aí fica lançada na liça do combate".

O mestre do Recife não permaneceu por muito tempo acomodado no frágil equilíbrio doutrinário do ecletismo francês. Seu espírito crítico logo percebeu a superficialidade e a inconsistência das construções teóricas do espiritualismo de Victor Cousin e seus discípulos. Note-se que, na década de 60, o ecletismo havia perdido inteiramente sua autoridade no cenário da filosofia universitária francesa, sob o impacto das críticas das mais diferentes correntes filosóficas: do empirismo em geral, de representantes da metafísica espiritualista como Ravaisson ou Vacherot e, particularmente, do positivismo de Comte, para quem Cousin era o "famoso sofista". Em 1857, no seu livro "Les philosophes français du XIX siècle",¹⁶ Taine, colocando-se em terreno não muito distante do positivismo, combateu o ecletismo que, naquela época, ainda ocupava uma sólida posição, e procurou demonstrar que, sob formas literárias, a escola eclética não explicava nada e o principal objeto de sua crítica foi mostrar a inaniidade da pretensão de Victor Cousin e seus seguidores de estabelecer os princípios racionais como que plainando acima dos fenômenos sensíveis.

Já em 1869, Tobias Barreto empreende a crítica da filosofia espiritualista da escola de Cousin. É o tempo em que, segundo observa Sílvio Romero, "deixando o velho espiritualismo, Tobias entregava-se com ardor ao estudo de Carnot, Taine, Vacherot, Scherer, Mill, Littré, Augusto Comte".¹⁷ A propósito do artigo "Sobre a religião natural de Jules Simon", Sílvio Romero escreve em nota na edição do Governo de Sergipe: "Este ensaio que é de 1869,

marca a passagem definitiva de Tobias Barreto da velha intuição espiritualista para o naturalismo de Haeckel e Noiré.¹⁸ Manifestamente o grande amigo de Tobias comedia um de seus hiperbólicos exageros. Em 1869, o fundador da Escola do Recife não dominava o alemão para ler Haeckel e Noiré, autores que só mais tarde viria a conhecer. Antes de chegar ao monismo haeckeliano, ele deveria passar pelo positivismo de Comte.

E é sob o influxo do positivismo que Tobias escreve o longo artigo "A ciência da alma ainda e sempre contestada", de 1871, no qual ataca pela base a filosofia eclética francesa, contestando a validade do método psicológico. Neste ensaio, define claramente sua posição atual em face do ecletismo: "Não quero insinuar que se negue o mérito real de certas páginas, únicas proveitosas, que se encontram nos livros da célebre escola. Pelo contrário: se alguma coisa me pesa, é o ver-me obrigado no interesse da verdade, ou do que tenho por tal, a ser severo com aqueles em cujas obras pude haurir, pelo menos, a paixão deste gênero de estudos".¹⁹

As objeções por ele dirigidas ao método introspectivo se inspiram nitidamente na crítica de Comte ao caráter científico da psicologia, logo na primeira lição de seu "Cours de Philosophie Positive". O fundador do positivismo rejeitava a psicologia como ciência porque negava a possibilidade mesma da introspecção. Não é possível a observação de si mesmo, sentenciava Comte. Toda observação supõe um objeto distinto do sujeito que observa, um fato diverso da observação de que é objeto. Tais condições não seriam atendidas na pretensa observação interior, na qual sujeito e objeto coincidiriam, por constituir o ato de observar uma só coisa com a realização mesma do fato de que se trata de conhecer. Vejamos o próprio texto de Comte: "É sensível, com efeito, que, por uma necessidade invencível, o espírito humano pode observar todos os fenômenos, exceto os seus próprios. Pois

por quem seria feita a observação? Concebe-se, relativamente aos fenômenos morais, que o homem possa observar-se a si mesmo no caso das paixões que o animam, por esta razão anatômica que os órgãos que lhes servem de sede são distintos dos que são destinados às funções observadoras. Ainda mesmo que cada um tenha tido ocasião de fazer sobre si mesmo tais observações, estas jamais poderiam ter uma grande importância científica, e o melhor meio de conhecer as paixões será sempre observá-las do exterior. Todo estado de paixão, precisamente aquele que seria mais essencial examinar, é necessariamente incompatível com a observação. Mas, quanto a observar da mesma maneira os fenômenos intelectuais enquanto se executam, há impossibilidade manifesta. O indivíduo que pensa não poderia dividir-se em dois, um que raciocinaria enquanto o outro observaria o raciocínio. O órgão observado e o órgão observador sendo, neste caso, idênticos, como a observação poderia realizar-se?"²⁰ Daí tirava a conclusão de que o pretendido método psicológico é radicalmente nulo em seu princípio. E como para a epistemologia positivista uma ciência só pode constituir-se a partir da observação dos fenômenos, segue-se que a psicologia como ciência não é possível.

Evidentemente Comte não queria negar a consciência imediata que temos de nós mesmos e de nossos estados psíquicos. Ele não era um behaviorista watsoniano *avant la lettre*. Contestava que esta consciência pudesse transformar-se em observação científica como acontece com a percepção dos fenômenos físicos. Para compreender a significação e o alcance dessa objeção, deve-se ter em conta que ela visava, no pensamento de Comte, a introspecção da escola eclética que pretendia atingir a alma e suas faculdades, provar a independência e a heterogeneidade da alma como relação ao corpo e, dessa forma, construir uma ciência da alma em sua essência mesma. Comte criticava, na introspecção, um processo de conhecimento metafísico, transcendente. Ar-

ruinando a ciência psicológica dos ecléticos, a objeção invalidava a metafísica que tinha por base uma tal psicologia.

Os críticos modernos da psicologia introspectivista reconhecem que é impossível afastar completamente a objeção de Comte: a introspecção não pode ser estritamente contemporânea do fato psíquico observado. É possível, no entanto, atenuá-la. A observação interior se realizaria por meio da memória, principalmente a memória imediata, e, neste caso, a introspecção se converteria em retrospecção. Mas, se a retrospecção, graças à memória torna-se exequível, não apresenta a mesma objetividade da observação dos fenômenos físicos e não tem o mesmo valor científico. Na forma de retrospecção, a observação interior é indireta, incompleta e falível.

Tobias Barreto não faz referência expressa à famosa objeção contra o método introspectivo formulada no "Cours de Philosophie Positive". Somente uma única vez cita Comte para dizer que não o acompanha em sua afirmação segundo a qual a posteridade fará da psicologia assunto de comédia. Para ele, Tobias, a psicologia não é ciência e, sim, entretenimento, o que não está muito distante da comédia. Mas, inegavelmente, sua crítica à psicologia dos ecléticos move-se nos quadros da objeção de Comte.

O mérito de Tobias está em que não se limita a repetir, nem mesmo a parafrasear simplesmente a objeção comteana. Boa parte de sua crítica se dirige à tentativa de contornar a objeção recorrendo-se à memória. E ele não tem dificuldades em mostrar que a observação interior por meio da lembrança não nos proporciona dados objetivos controláveis à maneira da percepção externa. Daí infere a consequência de que os fatos da vida interna não podem ser observados de modo que nos forneçam matéria científica. Não existe, portanto, a pretendida

ciência da alma proclamada pelos ecléticos, e a psicologia, tal como era praticada, além de não possuir validade científica, não nos revelava o que há de mais rico e mais profundo da vida psíquica humana, concluindo por afirmar, com razão, "que nos sentimos melhor traduzidos em uma lauda de Montaigne ou de La Rochefoucauld do que em todo um capítulo de Garnier".²¹ O mesmo se poderá dizer de muitos psicólogos modernos que procuram encher de estatísticas o vazio de suas análises.

Com esse artigo Tobias encerra o ciclo de suas críticas ao espiritualismo dos ecléticos. É o positivismo que, nessa fase, passa a merecer suas preferências filosóficas, embora não por muito tempo. Nesse mesmo ano de 1871, quando "ainda acreditava na possibilidade das visões de Augusto Comte", o pensador sergipano começa a abandonar o positivismo, conforme declara a Sílvio Romero em carta de 1888.²² Em verdade, jamais fora positivista de estrita observância. Certamente, a epistemologia positivista muito contribuiu para sua compreensão e admiração da ciência moderna, a ponto, por vezes, de deixar-se empolgar pelo cientismo dominante em muitos círculos do pensamento europeu. Mas, não chegou a endossar a redução de todo saber humano válido aos parâmetros do espírito positivo, tão bem descritos por Augusto Comte no "Discours sur l'esprit positif". Característica marcante da inteligência de Tobias Barreto era sua acentuada vocação especulativa, que o tornava perseverante enamorado da metafísica. Em plena fase de adesão parcial à filosofia positiva, não hesita em confessar: "Releva ainda notar que não sentimos pela metafísica o profundo e sistemático rancor do positivismo. A parte a causa suprema e o que mais lhe possa dizer respeito, entendemos que ainda há lugar bastante para as pesquisas filosóficas".²³

Conforme se depreende desses artigos, é com as armas da crítica positivista que Tobias combate a filosofia espiritualista da escola eclética de Victor Cousin. Mas

o sergipano demorou-se pouco nos arraiais comteanos. Na edição das obras de Tobias, Paim e Mercadante delimitam a fase de rompimento com o positivismo entre 1875 e 1882. A julgar pelo próprio testemunho do mestre do Recife — segundo o qual começara a abandonar já em 1871 — e pelo conteúdo de seus escritos ao longo da década de 70, não parece que tenha levado tanto tempo para desvencilhar-se das doutrinas comteanas. O estudo dos filósofos alemães afasta-o progressivamente da filosofia positiva e, desde 1875, quanto às idéias filosóficas, não se pode mais considerar Tobias Barreto, mesmo parcialmente ligado ao positivismo.

Evaristo de Moraes Filho, em notável estudo comparativo entre a idéia de Tobias e as do positivista Miguel Lemos, no que se refere à crítica político-social do Império, identifica vários pontos comuns aos dois autores. Segundo Moraes Filho, "sente-se nos ensaios de Tobias dos anos 70/72 que ele se encontra mergulhado por inteiro numa atmosfera que se alimenta no "Curso de Filosofia Positiva".²⁴ Impossível discordar desse julgamento, ressaltando-se, no entanto, que Tobias, em face do positivismo, sempre manteve uma atitude ambígua de concordância e assimilação, de crítica e de rejeição. Acolhe plenamente a valorização do conhecimento científico positivo, mas recusa a doutrina dos três estados enquanto lei universal da evolução do espírito humano; se adota parcialmente a epistemologia positivista, recusa a negação pura e simples da metafísica; se adere resolutamente à crítica comteana da teologia, repele *in toto* a tese positivista da extinção inevitável da religião.

No artigo sobre a religião natural de Jules Simon (1869) afirma: "Não nos enganamos quando firmemente aderimos ao pensamento da escola de Augusto Comte na parte relativa ao desdém da teologia". Todavia, conclui o artigo reiterando sua crença na perenidade do espírito religioso: "Por mais livre que seja o nosso modo de opinar,

temos a convicção de que o olhar mais perspicaz, se bem atender, não descobrirá em nosso espírito um ataque direta ou indiretamente feito às crenças religiosas geralmente recebidas. Se algum existe, e confessamos que há, é somente dirigido às crenças metafísicas e teológicas, abstratas e improcedentes, que nada têm de comum com a religião e com o sentimento religioso".²⁵ É que Tobias distinguira sempre entre o que ele julgava a pretensão dos teólogos e filósofos de discorrer sobre a essência e os atributos de Deus e a fé religiosa. Ter a religião como dimensão essencial constitutiva do espírito humano, é uma tese vigorosamente defendida pelo mestre da Escola do Recife até os seus últimos escritos.

Ainda em seu período de ligações com o positivismo, caberia destacar a presença do filósofo francês Étienne Vacherot no curso do pensamento de Tobias Barreto. Com raras exceções, os estudiosos de sua obra não fazem menção deste filósofo. Sílvio Romero, como foi visto acima, relaciona o nome de Vacherot no rol das leituras que influenciaram Tobias para seu rompimento com o ecletismo. Clóvis Beviláqua, referindo-se ao artigo de Tobias sobre a polêmica de Vacherot com o padre Gratry, presta o seguinte esclarecimento em nota ao pé da página: "Em Pernambuco eram lidos, com interesse, os livros de Vacherot, sobretudo "La Democratie", "La Religion" e "Science et Conscience". Era escritor atraente e pensador muito estimável".²⁶ Omite, no entanto, a obra mais importante do filósofo francês, que foi várias vezes citada nos escritos de Tobias: "La Métaphysique et la Science", em dois alentados volumes. Vacherot se distinguia pela clareza na exposição das idéias, pela sua erudição, mas não era pensador profundo. Disso tinha consciência o nosso grande jurista que, em sua habitual benevolência de julgamento, usou o eufemismo "pensador estimável".

Indiscutivelmente, Vacherot causou profunda impressão no mestre do Recife. Os calorosos elogios ates-

tam a admiração e o respeito que ele nutria pelo filósofo francês em sua fase pré-germanista. No seu artigo "A religião perante a psicologia" (1870) escreve: "Vacherot é, quanto a nós, o modelo da seriedade filosófica, o tipo do verdadeiro filósofo moderno". Com relação ao livro "La Métaphysique et la Science", assim se expressa no artigo "Uma luta de Gigantes" (1872): "Sobre esta obra que é talvez o maior edifício da filosofia contemporânea, sentimo-nos aqui bem acanhado de espaço e tempo para emitir um juízo seguro. Podemos dizer com Ernesto Bersot que, ou se goste ou não de sua doutrina, é forçoso confessar que ali há uma filosofia e um filósofo".²⁷ Tais apreciações revelam-se particularmente significativas, quando sabemos que não era do costume de Tobias prodigalizar indiscriminadamente elogios desse calibre.

No rigor dos tempos, não se pode dizer que Vacherot tenha influenciado sensivelmente o curso do pensamento filosófico de Tobias Barreto. A sua ação se exerceu na forma daquelas leituras que estimulam as idéias, fornecem novas temáticas ou abrem novas perspectivas, atualizam ou fortalecem convicções em estado germinal, sem que, necessariamente, sejam aceitas as teses por elas veiculadas. Em nossa opinião, a leitura das obras de Vacherot, notadamente "La Métaphysique et la Science", muito concorreu para que, no período da influência positivista, fosse preservado e mesmo incentivado, o pendor metafísico do pensador sergipano.

Tobias Barreto via no metafísico francês um dissidente rebelde da escola espiritualista de Cousin. Em verdade, desde cedo, Vacherot dirigiu críticas severas ao ecletismo, embora inserindo-se na grande tradição francesa da metafísica reflexiva. Para ele, "o método eclético pode ser excelente para o senso comum que vai direto aos resultados sem se inquietar do problema; mas é muito insuficiente como método filosófico".²⁸

Vacherot, que Parodi classificou de espiritualista independente, alimentava o propósito de promover a reconciliação da metafísica com a ciência moderna, apresentando a concepção, ousada para sua época, de uma metafísica positiva. Em sua opinião, a idéia de Deus da filosofia clássica cinde-se em duas noções distintas e quase opostas: a noção de Infinito, imposta e verificada pela ciência, mas ligada a todas as imperfeições, estranha a toda moralidade; e a noção de Perfeição que, ao contrário, a ciência não nos mostra realizada em parte alguma, a não ser na consciência e no pensamento. Aí ela brilha como a atração e o ardor de todo progresso, constituindo a "categoria do ideal".²⁹

Nessa linha de pensamento, escreve "La Métaphysique et la Science" sob a forma de diálogo entre o cientista e o metafísico, no qual este último tem sempre a palavra principal. Mas sua metafísica leva em conta a crítica kantiana, opondo-se igualmente às "abstrações" da velha metafísica escolástica e às construções do racionalismo clássico de Descartes e Leibnitz, do mesmo modo que aos mistérios da teologia. Em sua opinião, nem a crítica kantiana, nem a ciência positiva constituem interditos definitivos à elaboração de uma nova metafísica crítica e analítica. Tal programa está expressamente formulado nas primeiras páginas de seu livro fundamental: "A obra que empreendo é toda análise e crítica. Se creio firmemente que a metafísica não é uma ciência morta, nem uma ciência feita, é em nome dessa dupla autoridade. Não, a história não disse sua última palavra sobre os problemas que fazem o objeto da metafísica. Minha fé profunda é que a análise e a crítica, operando livremente e sem prevenções sistemáticas, acabarão por ter razão contra um dogmatismo absurdo e contra um ceticismo deplorável. Sobre questões dessa importância, não é possível que o espírito humano seja reduzido aos mistérios da teologia, às abstrações da velha metafísica ou às negações da filosofia pela filosofia crítica".³⁰

A idéia de uma metafísica positiva, mantendo estreitos vínculos com a ciência, haveria de receber entusiástica acolhida da parte de Tobias. Primeiramente, por sua rejeição da filosofia escolástica e do racionalismo dogmático. Em segundo lugar, por satisfazer, ao mesmo tempo, sua vocação especulativa e o respeito sacrossanto pelas ciências exatas e naturais inculcado pelo positivismo comteano.

Não obstante certas convergências teóricas e a admiração e deferência com que sempre tratou o filósofo francês, Tobias Barreto não hesitou em submeter algumas de suas doutrinas ao crivo de uma crítica rigorosa. Assim, escreve o artigo "A religião perante a psicologia" para refutar a tese de Vacherot, segundo a qual a religião é um estado transitório do espírito humano, característico de sua infância e mocidade, que deve ceder ao império da reflexão madura e calma, isto é, ao império da filosofia. Nesse ponto, vê uma curiosa afinidade entre o filósofo espiritualista e o positivismo de Comte. E depois de censurar Vacherot por não ter mencionado a "teoria do tríplice estado humanitário", escreve: "Entretanto, nós descobrimos uma real analogia, senão perfeita identidade, entre o que diz Vacherot e o que diz a filosofia positiva. Há somente uma diferença: é quanto ao método: mas isto não infirma as relações que prendem as doutrinas, uma vez que elas chegam, pouco mais ou menos, a resultados idênticos".³¹

Já em artigo anterior, havia rejeitado o Deus de Vacherot, "infinito-real, perfeição-ideal que não só pede almas de filósofos para ser adorado, como também cabeças de gênios para ser claramente entendido". Refutando a tese de Vacherot sobre a transitoriedade da religião, Tobias Barreto, mais uma vez, deixa transparecer sua vinculação mais ou menos consciente às crenças religiosas recebidas na infância e adolescência ao afirmar enfaticamente: "Mas chegar até a negação completa do senso re-

ligioso, como inerente à natureza humana, é o que não podemos admitir, por motivos de real e profunda convicção".³²

Outro ponto em que Tobias Barreto diverge frontalmente de Vacherot é de ordem metodológica. Coerente com sua crítica da psicologia eclética, na qual contesta a validade da introspecção, — crítica do mais puro teor positivista, segundo vimos — o mestre da Escola do Recife não pode aceitar uma construção metafísica com base no método reflexivo. Para ele, é improfícua a tentativa de tirar da consciência individual, "em ermas contemplações de si mesma, o conhecimento do homem, de todas as suas aptitudes, como de todas as leis que o dirigem".³³

Mas qualquer que seja o alcance de tais críticas, Tobias Barreto não recua na admiração que vota a Vacherot e termina seu artigo classificando a metafísica daquele filósofo francês de "vasta e profunda". Sem nenhuma dúvida, a leitura de "La Métaphysique et la Science" deixou em seu espírito viva impressão e lhe terminou por fortalecer suas convicções metafísicas. Convicções que permanecerão intactas ao longo de seu período germânico, ou seja, até o fim de sua produção filosófica.

O ano de 1871 será decisivo para sua carreira intelectual. Tobias Barreto, neste ano, transferiu-se para Escada, cidade do interior pernambucano próximo a Recife, e dedicou-se a estudar com afinco e paixão os autores alemães. À medida que se adentrava na leitura desses autores, crescia sem limites sua admiração pela cultura germânica, levando-o a menosprezar inteiramente a inteligência francesa. E justamente porque seu fascínio pelo pensamento alemão atinge verdadeiros paroxismos de exaltação, cabe indagar as motivações que o conduziram a esse desvairado germanismo cultural. São elas de caráter exclusivamente intelectual? Puro interesse especu-

lativo de aprofundamento dos grandes problemas filosóficos? A análise da própria vida de Tobias Barreto e o que ele deixou entrever em seus escritos nos autorizam a pensar que, por trás dos motivos intelectuais, havia também causas de natureza psicológica e social.

Houve quem pretendesse explicar a atração de Tobias Barreto pela cultura germânica como consequência da vitória alemã sobre a França na guerra de 1870. O próprio Sílvio Romero encarregou-se de veicular semelhante explicação, ao escrever em seu ensaio sobre a filosofia no Brasil: "É certo que a última guerra alemã atirou-o nos braços da cultura germânica e transformou toda a sua velha intuição".³⁴ Tobias Barreto, por sua vez, tratou de desautorizar essa versão mostrando que já em 1869 iniciava o estudo do alemão: "Aqui importa notar — e para destruir uma certa idéia geralmente aceita, de que eu me dedicara à Alemanha por ocasião ou depois da guerra desta com a França — que já no ano de 69, ainda acadêmico, eu começara a fazer estudo de gramática alemã, não podendo, porém, ir muito avante, por causa das ocupações acadêmicas".³⁵

Decididamente Sílvio Romero cometia manifesta injustiça com seu grande amigo, supondo que se deixasse atrair pelo pensamento alemão apenas por causa dos feitos bélicos do exército prussiano. Muito pelo contrário, Tobias Barreto, longe de entusiasmar-se com a vitória alemã, fez severas restrições à política expansionista da Prússia. No artigo "Política Prussiana", de 1870, tem palavras duras para os planos de expansão do Pangermanismo, ressaltando que, na Alemanha, se insurgem contra essa política: "A mácula indelével de um bárbaro atentado feito aos direitos, às idéias santas, às justas aspirações da civilização moderna não se faz extensiva a todo aquele nobre e generoso povo". Mais adiante condena a agressão prussiana com estes termos: "Prússia insiste em apunhalar a França; e a Europa cruza os braços ante

o quadro hediondo que oferece a execução de tão negro projeto!..." E conclui com estas belas palavras: "Hoje só existe um conquistador simpático: é o espírito humano, a quem pertence a Alemanha sempre profunda e a França sempre grande".³⁶

Em nota a esse artigo, na edição do *Governo de Sergipe*, Sílvio Romero fez a seguinte observação: "Ainda nesse tempo Tobias andava bastante preso aos franceses, posto que já começasse a estudar a Alemanha".³⁷ Neste ponto há de dar-se razão a Romero. Conforme foi dito acima, à medida que se aprofunda no pensamento germânico, Tobias Barreto tende cada vez mais a referir-se à cultura francesa em termos depreciativos. Com efeito, poucos anos depois, no artigo intitulado "Auerbach e Victor Hugo", responsabiliza a França pela "formação da meia cultura que possuímos",³⁸ e sugere que se introduza em nosso sistema de instrução preparatória a língua alemã. Em carta ao redator da *Deutsche Zeitung*, do Rio de Janeiro, em 1874, escreve: "Não só na luta bélica, mas também na luta espiritual, os franceses foram superados e atirados em segunda linha. Pouco a pouco as nações mais cheias de vida e de esperanças transformam o seu velho modo de ver, abandonando a insígnia do francesismo e reunindo-se em torno da Alemanha".³⁹ Em 1880, no artigo sobre Treitschke, afirma: "Ninguém como ele já demonstrou tão peremptoriamente o que há de banal e vazio por detrás das belas aparências da cultura francesa".⁴⁰ Seria fastidioso relacionar as inúmeras passagens da obra de Tobias em que ele proclama a total superioridade da cultura germânica sobre a francesa. Mas em nenhum momento louvará o belicismo germânico e sua política de conquista.

Permanece, contudo, a questão de saber o que induziu Tobias Barreto a estudar o alemão e conhecer diretamente os pensadores germânicos. Antes de tudo, importa observar que, naquela época, a admiração pela Ale-

manha, principalmente por sua universidade, era relativamente generalizada entre professores e alguns homens públicos brasileiros. Havia toda uma corrente no campo da educação que advogava a aplicação dos modelos germânicos ao nosso ensino superior. Em 1870, o ministro Paulino de Souza, ao apresentar seu projeto de criação de uma universidade na Corte, externava toda a sua simpatia pela cultura e pelo sistema de ensino da Alemanha. Em 1873, o professor da Faculdade de Direito do Recife, Tavares Belfort, em seu parecer sobre o projeto supramencionado, não escondia suas preferências pelo modelo alemão ao afirmar: "Desde já declaramos que nossas simpatias, no intuito de achar um modelo para nós, são pelo sistema alemão, e ninguém achará, por certo, suspeita nossa propensão e sem fundamento nossa escolha, quando a Alemanha entre todas as nações representa a ciência".⁴¹ A Reforma Leôncio de Carvalho, de 1879, ao instituir a frequência livre e o regime de cursos livres no âmbito das faculdades oficiais, declara que está adotando elementos do sistema universitário alemão, notadamente a docência privada. Nesse período caracterizado pelo movimento do ensino livre, uma das correntes mais ativas foi precisamente aquela que Roque Spencer Maciel de Barros denominou "germanismo pedagógico".

Mas entre o germanismo dessa corrente, que pregava a reforma do ensino superior brasileiro segundo os moldes alemães, e a germanofilia de Tobias Barreto e da Escola do Recife vai uma grande distância. Não consta que os adeptos do germanismo pedagógico se tenham dedicado ao estudo aprofundado e sistemático do pensamento alemão. E nisso reside a singularidade do caso Tobias. No limitado espaço cultural de sua província, inteiramente ocupado pelo pensamento francês, ele encontrou, por seus próprios meios e esforços, o caminho que lhe permitiu dominar o alemão e conhecer a produção intelectual germânica como nenhum outro brasileiro de sua época.

O professor Maciel de Barros, em dois artigos publicados em "O Estado de São Paulo", (12 e 19-1-58) procurou identificar as causas do "germanismo nas últimas décadas do Império. Em sua opinião, o germanismo chegou até nós por intermédio de intelectuais franceses, principalmente nos escritos de Renan, autor que tanta influência exerceu naquela fase de nossa história intelectual. O professor da Universidade de São Paulo menciona em primeiro lugar a obra de Renan **Questions Contemporaines**, cuja segunda edição é de 1868, na qual o famoso escritor aponta, como os grandes fatores da vitória de Sadowa, a ciência e a virtude germânicas, o protestantismo, a filosofia, Lutero, Kant, Fichte e Hegel. Refere-se, também, ao livro de Renan sobre a reforma intelectual e moral da França (1874), o qual preconizava a reforma do ensino superior segundo o modelo universitário alemão, como condição da reforma intelectual de sua pátria. E depois de citar outros escritores que, nesse particular, seguiam a trilha de Renan, conclui: "O 'germanismo' francês aponta os caminhos do germanismo brasileiro".

No entender do professor paulista, esta seria também a causa inicial do germanismo de Tobias Barreto que, provavelmente teria lido a obra de Renan publicada em 1868, antes, portanto, que o pensador sergipano começasse a frequentar os autores alemães. Um dos biógrafos de Tobias Barreto, Omer de Mont'Alegre, citado por Maciel de Barros, já sustentara a mesma tese: foram os franceses que levaram a influência germânica até o mestre do Recife, salientando que "comentários de autores franceses e ingleses sobre as novas teorias surgidas na Germânia tinham levado a sua curiosidade a conhecer referidos autores na língua original". De que Tobias Barreto se tenha voltado para o pensamento alemão provocado, em grande parte, por leituras de autores franceses, não temos dúvidas. Não cremos, contudo, que para isso o fator decisivo tenha sido Renan.

Quais teriam sido, então, as leituras francesas que despertaram no mestre da Escola do Recife particular interesse pelos filósofos alemães a ponto de querer conhecê-los diretamente em seu idioma? Não será difícil indicar tais leituras. Note-se que, desde seu estágio no ecletismo, Tobias Barreto teve muitas oportunidades de ler referências altamente elogiosas à profundidade dos filósofos germânicos. Victor Cousin nutria grande admiração pelo kantismo e são visíveis nele os traços da influência de filósofos pós-kantianos como Schelling e Hegel os quais visitou em suas viagens à Alemanha. Estudos sobre este país e sua cultura Tobias Barreto deve ter lido na "Revue des Deux Mondes", da qual era leitor aplicado. De 1867 a 1870, a revista publicou numerosos ensaios sobre a Alemanha em seus mais diversos aspectos, entre os quais se destaca uma dezena de artigos do belga Émile de Laveille e um trabalho do próprio Renan sobre a guerra franco-alemã. Na mesma revista, terá lido o artigo de Callemel-Lacour "Un Boudhiste en Allemagne, Arthur Schopenhauer", que o fez descobrir o famoso filósofo do pessimismo.

Mas Vacherot parece ter sido, dos autores franceses freqüentados pelo pensador sergipano, aquele que escreveu as páginas mais encomiásticas sobre a filosofia alemã da primeira metade do século XIX. Logo na introdução de sua obra fundamental anteriormente citada, manifesta sua admiração pelos filósofos alemães: "Os amantes zelosos da filosofia francesa acharão talvez minha crítica demasiado simpática à filosofia alemã e lamentarão que minhas conclusões deia tanto se aproximem".⁴² Na página seguinte, explica as razões de sua adesão às idéias filosóficas alemãs: "Descartes, Malebranche, Bossuet, Fénelon, são infinitamente mais agradáveis a ler e a seguir do que estes rudes e poderosos pensadores da Alemanha. Mas a filosofia daqueles autores é de um outro tempo; nem as idéias, nem os argumen-

tos que ela encerra escaparam à crítica de Kant e de sua escola. Ela não pode responder às necessidades novas e às de sua escola". E continua, na mesma página, fazendo alusão aos partidários do ecletismo que, já naquela época sofria os golpes de críticas demolidoras: "Porque se faz necessário que o desencorajamento, o medo do desconhecimento, o horror da obscuridade germânica, o sentimento da arte que os tenha rejeitado no seio de uma filosofia que a crítica julgou, a ciência repele e que não deveria encontrar crentes a não ser entre os letrados e os teólogos?"⁴³ No capítulo sobre a filosofia no século XIX, explica longamente o pensamento de Kant, Schelling e Hegel e tece hinos de louvor à filosofia alemã apesar de suas obscuridades. No entanto, Vacherot não lê o alemão, conforme ele próprio confessa: "Minha ignorância absoluta da língua alemã privando-me da vantagem de recorrer às fontes, obrigou-me a servir-me de traduções e dos resumos mais apreciados, particularmente da obra conscienciosa de Wilm, que obteve os sufrágios da Academia de Ciências Morais".⁴⁴

Tendo na mais alta conta a filosofia de Vacherot, era natural que a intensa curiosidade intelectual de Tobias Barreto fosse estimulada a conhecer diretamente esses "rudes e poderosos pensadores" da Alemanha louvados pelo filósofo francês com tanto entusiasmo. Ora, o mestre do Recife, por seu temperamento e sua inteligência, não era homem de se contentar com traduções. Haveria de empenhar-se no estudo do idioma germânico para conhecer, no original, a produção filosófica dos alemães. E ao estudá-lo tomou-se de paixão pela cultura germânica.

Que Tobias Barreto, logo em seus primeiros contactos, se deslumbrasse com a famosa erudição alemã e identificasse pura e simplesmente as nébulas do pensamento germânico com abissais profundezas da metafísica, era comportamento perfeitamente compreensível. A

esse respeito e todas as proporções guardadas, nos dá significativo testemunho—um pensador da estatura de Raymond Aron, ao relatar suas próprias experiências: “A língua alemã é de uma flexibilidade excepcional para a filosofia e assim sempre a tendência a crer que os filósofos alemães são mais profundos do que realmente são. Há duas línguas para a filosofia, o alemão e o grego. Então quando começamos a imergir na língua alemã, sentimos enriquecidos e com o risco de sermos afogados. No começo, tomei todos os filósofos alemães por grandes filósofos”.⁴⁵

Se Raymond Aron, com seu açado espírito crítico e a sólida formação filosófica de aluno laureado da célebre “École Normale Supérieure” da rua D’Ulm, viveu uma tal experiência ao defrontar, pela primeira vez, os filósofos alemães no original, a *fortiori* outra não teria sido a reação do talentoso autodidata brasileiro do século passado, ávido de saber, mas desprovido de formação filosófica. Compreende-se, pois, que a Tobias todo filósofo alemão haveria de parecer-lhe pensador de grande profundidade e imensa erudição. Isso explica porque se deixou empolgar por muito filósofo medíocre pelo simples fato de que escrevia em alemão. Ele, que passou a menosprezar Victor Cousin por ser eclético e superficial, tomou Noiré por grande pensador, quando, na realidade, era não menos superficial, de menor importância no curso da filosofia do século XIX do que o chefe do ecletismo francês.

Mas, se razões de ordem predominantemente intelectual podem explicar a opção do pensador sergipano pela filosofia alemã, sua exaltada germanofilia deve-se em grande parte, a motivações extra-intelectuais. Suas raízes mergulham em sua própria personalidade em conflituosa reação ao meio social. Com efeito, em muitos de

seus comportamentos, Tobias Barreto se assemelha ao tipo do homem ressentido na acepção scheleriana⁴⁶ do termo, e, assim, o germanismo tornou-se o instrumento privilegiado de sua auto-afirmação, de seu fazer-se valer.

Proveniente de família modesta, sem haveres e sem títulos, Tobias Barreto chegava a uma província dominada pela aristocracia dos senhores de engenho, para a qual os talentos do jovem sergipano nada representavam socialmente. Embora diplomado em direito, para os barões da terra ele continuava a ser o forasteiro mestiço sem eira nem beira. Mas, consciente de seu talento, de seu valor intelectual, não se conformava com essa situação de inferioridade social. Espírito independente, orgulhoso e desabusado, recusava-se a cortejar os senhores para obter as graças e favores que lhe assegurassem a ascensão na hierarquia social. Por isso mesmo, tentou impor-se por sua inteligência, por sua invulgar cultura para sua época e ambiente, por seu imenso talento verbal e pela agressividade de suas inúmeras polêmicas. Guercindo Bessa, conterrâneo, amigo pessoal e admirador extremado de Tobias, percebeu com muita acuidade seu problema social ao observar: “Atirado bem moço no vórtice social do Recife, sem fortuna, sem o prestígio do nascimento, sem o ascendente de um nome feito, sem o apoio de ninguém, completamente só e desarrimado, Tobias compreendeu em boa hora que, desarmado para a luta pela vida, sucumbiria fatalmente se não se apercesse dos meios eficazes de triunfo”. E o germanismo cultural foi precisamente um desses meios eficazes que lhe permitiriam atender à necessidade incoercível de afirmar-se e de triunfar no ambiente cultural e social da província. Foi esse o fator extra-intelectual que levou Tobias a dedicar-se com ardor e paixão obsessiva à cultura germânica.

Em vários de seus artigos, nota-se verdadeira ostentação de seu saber germanizado, o vivo sentimento de sua superioridade por ler os escritores alemães em seu

próprio idioma e, por isso mesmo, inacessíveis à quase totalidade dos intelectuais de seu tempo. Nos artigos sobre Hartmann e sobre Treitschke, por exemplo, começa por salientar que certamente seus leitores não têm o menor conhecimento de tais autores. É que somente conhecem os escritos alemães quando, segundo suas expressões, são "reduzidos à clave de sol para uso dos diletantes, isto é, traduzidos para o francês".⁴⁷ Do mesmo modo, no artigo "Auerbach e Victor Hugo", Tobias, mais uma vez se vangloria de pertencer ao reduzidíssimo círculo privilegiado dos que freqüentam os autores alemães diretamente em sua própria língua. No mesmo escrito afirma: "É dubitável que haja presentemente no Império seis indivíduos capazes de lavrar um parecer exato e consciencioso no que toca à vida espiritual na Alemanha".⁴⁸ O germanismo dava-lhe consciência de situar-se muito acima da intelectualidade brasileira em geral. E certo de sua superioridade intelectual pelo fato de estar familiarizado com a cultura alemã, não perde ocasião para depreciar a inteligência francesa e, com isso, os intelectuais brasileiros que teriam de contentar-se com a fraca dieta cultural da França.

No artigo "Himmel-und Escadafahrt", de 1883, Tobias Barreto nos dá expressivo testemunho do que representava para ele o seu germanismo apaixonado. Nesse ano, aportara ao Recife uma corveta alemã conduzindo um príncipe da casa imperial germânica, neto do Imperador Guilherme I. Entre as homenagens prestadas ao príncipe, a colônia alemã organizou uma excursão a Escada, com almoço no engenho Sapucaí do Coronel Marcionilo Silveira Lins. Convidado para fazer parte da comitiva, Tobias descreve a excursão em verdadeiro estado de exultação, regozijando-se pela consideração que recebia de tão ilustres representantes de uma nação cuja cultura colocava muito acima de qualquer outra. E isso ocorria precisamente naquela vila onde vivera dez anos fecundos de sua formação germânica e também na qual passara tan-

tas vicissitudes e humilhações. Vale reproduzir em toda sua extensão trecho significativo do artigo.

"Era na terra onde eu iniciara a luta pelo germanismo, na terra onde vivi dez anos, que foram outros tantos anos de combate que sustentei, **Zehn Jahre deutscher Kämpfe**, não em forma de livro, como Treitschke, mas em forma de impropérios e insultos que não me faltaram, era na terra onde a minha **folie raisonnante** pela Alemanha chegou a dar-me um certo ar de lastimidade, a ponto de se julgar um ato providencial a minha retirada dali por ordem dos bacamartes, no que aliás, digamo-lo entre parênteses, não deixa de haver um pouco de razão, pois só os atos da providência, ainda mesmo os mais disparatados, costumam passar impunes, como passou o singular atentado de 1.º de agosto de 1881; era na terra, enfim, onde eu era alvo de insólitos desdêns, como chefe da chamada **escola teuto-sergipana**, até da parte do jornalismo da corte, que um príncipe alemão se tornava objeto de contemplação e curiosidade geral! Oh! sem dúvida: eu tinha motivo de rir.

Tudo isso devia causar-me a impressão de uma vitória. Não foi sem muita razão que uma inteligente alemã me disse naquele dia: **Sie haber gesiegt**. Realmente eu me sentia triunfante".⁵⁰

Efêmero triunfo. Todo o seu talento e toda a sua cultura germânica não conseguiram romper as barreiras sociais que lhe interrompia a sociedade pernambucana sob a hegemonia da aristocracia rural dos senhores de engenho, por ele apelidado pejorativamente de "açucarogra-

cia". Daí o ressentimento que lhe roía a alma, exacerbando a "rebeldia do mestiço", estimulando seu temperamento polêmico e levando-o a agressões intelectuais, algumas vezes inteiramente gratuitas, como sucedeu com José Higino, seu colega de congregação da Faculdade, fato esse que foi bem ressaltado por Hermes Lima: "Invejando em José Higino a consideração que a sociedade lhe negava; mordido de ciúmes pela alta missão que àquele haviam cometido de fazer pesquisas nos arquivos holandeses sobre o domínio batavo no Norte, ao espírito de Tobias vinha logo a comparação das duas vidas, a sua e a do colega com quem contendia. Enquanto ele fizera a viagem da existência "sozinho e a pé", o outro fizera-a, numa boa parte, montado na "garupa do avô" e o resto na garupa do Instituto Arqueológico. Tudo lhe saía difícil. Para o colega, tudo fácil. Não resistia e comparava-se. Se, quando se julgava, sentia-se abatido, quando se comparava sentia-se orgulhoso"⁵¹.

O germanismo, que lhe grangeou uma legião de admiradores principalmente entre os estudantes, oferecia-lhe uma compensação, no plano cultural, pela falta de reconhecimento social a que se julgava com direito pela sua inteligência e por seu saber. Algumas vezes, a cultura alemã representava a torre de marfim onde se refugiava quando experimentava, na carne, as injustiças de que era vítima em consequência da estrutura social em que vivia.

Seria, contudo, inexato e injusto pensar que o germanismo de Tobias se reduz a essas motivações psicossociais. À parte os desvarios de sua germanofilia, a opção pela filosofia alemã reflete sua imensa vontade de saber, seu marcado pendor para a reflexão filosófica. Seu espírito crítico era suficientemente apurado para logo perceber a superficialidade e as inconsistências do ecletismo de Victor Cousin e seus seguidores, doutrina que, no Brasil daquela época, passava pelo produto mais re-

presentativo da filosofia francesa da primeira metade do século XIX. Por outro lado, o positivismo comteano, embora o atraísse por sua filosofia científica, não correspondia à sua vocação especulativa. Não obstante seu entusiasmo pelos progressos da ciência positiva, Tobias tinha em mira uma concepção metafísica do universo como totalidade. E foi precisamente essa conjugação da pesquisa científica com o espírito metafísico, freqüente em muitos pensadores alemães, que o deixou fascinado pela filosofia germânica.

Tobias Barreto interessou-se pela cultura alemã em seus mais variados aspectos. Contudo, a filosofia, o direito, a literatura constituem as áreas culturais, por excelência, em que se concentraram os seus estudos. No presente ensaio, limitamo-nos ao pensamento filosófico. E para melhor avaliar o que da filosofia alemã mais utilizou o mestre do Recife na tentativa de formular sua concepção do mundo, parece-nos indispensável delinear, em grandes traços, o quadro das principais correntes do pensamento filosófico germânico na época que vai do meado do século XIX à década de 80. É o que pretendemos fazer no capítulo seguinte.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Editorial do jornal "O Republicano", de Larangeiras, Sergipe. O jornal era o órgão do Partido Republicano na antiga província de Sergipe e obedecia à direção do Dr. Felisberto Freire. A citação acha-se à página 345 de "Vários Escritos", volume X das obras completas de Tobias Barreto, Edição do Governo do Estado de Sergipe, 1926.
2. Sebrão Sobrinho — Tobias Barreto — Gênio de Desgraça, 1º Volume — Imprensa Oficial, Aracaju, 1941, pg.80.

3. Sebrão Sobrinho — op. cit., pgs. 92-93.
4. Hermes Lima — Tobias Barreto (A época e o homem) — São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2a. Edição, 1957, pg. 3.
5. Maria de Lourdes Mariotto Haidar — O ensino secundário no Império brasileiro — São Paulo, Universidade de São Paulo — Editora Grijalbo Ltda. 1972, pg. 61.
6. Tobias Barreto — O atraso da filosofia entre nós, in Tomo I da edição Paim-Mercadante, pg. 113.
7. Tobias Barreto — Teologia e Teodicéia não são Ciências, in Tomo I da Edição Paim-Mercadante, pg. 16.
8. Tobias Barreto — Os pontos de Filosofia do padre Dr. Jerônimo Thomé — in "Filosofia e Crítica", vol. III da Edição do Governo de Sergipe, 1926, pg. 167 e ss.
9. Hélio Jaguaribe — A Filosofia no Brasil — Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura — Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1957, pg. 57.
10. José Soriano de Souza — Compendio de Philosophia ordenado segundo os princípios e methodo do doutor Angelico S. Thomaz d'Aquino — Recife, Typographia da Esperança, Rua de S. Francisco, n.º 2, 1867, pgs. XXXVII-XXXVIII.
11. Paul Janet — La Philosophie Française Contemporaine — Paris, Calman Levy, 1879, pg. 44.
12. Félix Ravaisson — La Philosophie en France au XIX Siècle — Publication faite sous les auspices du Ministère de l'Instruction Publique, Paris, A l'Imprimerie Impériale, 1868, pgs. 31-32.

13. Cf. "Vários Escritos", Vol. X, da Edição do Governo de Sergipe, 1926, pgs. 239-242.
14. Tobias Barreto — in Tomo I da Edição Paim-Mercadante, pg. 7.
15. Tobias Barreto — op. cit. pg. 8.
16. H. Taine — Les Philosophes Classiques du XIX Siècle en France — Paris, Librairie Hachette, 1857. Citamos pela 12a. edição, da mesma editora, 1923.
17. Em nota ao artigo de Tobias, "Fatos do Espírito Humano", in "Estudos Alemães", vol. VIII da Edição do Governo de Sergipe, pg. 382.
18. In "Estudos Alemães", edição citada, pg. 423.
19. In Tomo I da edição Paim-Mercadante, pg. 81.
20. Augusto Comte — Philosophie première, Cours de Philosophie Positive, Leçons 1 à 45 Présentation et notes par Michel Serres, François Dagognet et Allal Sinaceur, Paris Hermann, Éditeurs des Sciences et des Arts, 1945 1e. Leçon, pgs. 33-34.
21. In "A Ciência da Alma ainda e sempre contestada", edição Paim-Mercadante, Tomo I pg. 93.
22. Essa carta é de 2/1/1888. Referindo-se ao seu ensaio "A Questão do Poder Moderador", esclarece: "A expressão — sociologia — era um resto de tributo que eu pagava ao positivismo, de que fora adepto, posto que já então começasse a abandoná-lo". Em "Vários Escritos", edição citada, pg. 323. Em nota ao artigo acima referido, no volume de "Questões Vigentes", mesma edição, pg. 174, Tobias escreve: "O leitor não estranhe ouvir-se falar de sociologia. Grande parte

- deste artigo foi publicado pela primeira vez em outubro de 1871 no "Americano", jornal de que fui um dos diretores; e a esse tempo ainda eu acreditava na possibilidade das visões de Augusto Comte.
23. Tobias Barreto — "Sobre a Religião Natural de Jules Simon, in vol. I da edição Paim-Mercadante, pg. 40.
 24. Evaristo de Moraes Filho — "Um caso de sincronismo cultural: Tobias Barreto e Miguel Lemos, in Revista Brasileira de Filosofia, Vol. XXXII, fasc. 126, São Paulo, 1982, pg. 169.
 25. Tobias Barreto — "Sobre a Religião Natural de Jules Simon", in vol. I da edição de Paim-Mercadante, respectivamente pgs. 37 e 59.
 26. Clóvis Bevilacqua — História da Faculdade de Direito do Recife, 2a. Edição, Instituto Nacional do Livro — Ministério da Educação e Cultura, 1977, pg. 361.
 27. Tobias Barreto — "Uma Luta de Gigantes", in "Filosofia e Crítica, vol. III da edição do Governo de Sergipe, pg. 126.
 28. Étienne Vacherot — La Métaphysique et la Science, ou Principes de Métaphysique Positive, 2 Tomes, I-XXXV - 452 pgs., II-693 pgs. Paris, Librairie de F. Chamerot, 1858, Tome II, pg. 322: "La méthode éclectique peut être excellente pour le sens commun qui va droit aux résultats, sans s'inquiéter des difficultés du problème; mais elle est fort insuffisante comme méthode philosophique".
 29. Ét. Vacherot — op. cit. Tome II, no qual discute o problema de Deus, da página 490 a 597.
 30. Ét. Vacherot — op. cit., Tome I, pg. VI.

31. Tobias Barreto — "A Religião perante a Ciência", in Tomo I da edição Paim-Mercadante, pg. 71.
32. Tobias Barreto — artigo citado, pg. 74.
33. Tobias Barreto — artigo citado, pg. 68.
34. Sílvio Romero — "A Filosofia no Brasil", in "Sílvio Romero, Obra Filosófica", Introdução e seleção de Luís Washington Vita, Coleção Documentos Brasileiros, n.º 139 — Livraria José Olympio Editora, 1969, pg. 110.
35. Tobias Barreto — Em carta de 6 de agosto de 1880, dirigida ao Sr. Carvalho Lima Junior que pediu a Tobias informações sobre sua vida e carreira intelectual. In "Vários Escritos", edição do Governo de Sergipe, pgs. 296-297.
36. Tobias Barreto — "Política Prussiana", in "Estudos Alemães", vol. VIII da edição do Governo de Sergipe, pgs. 499-501.
37. Sílvio Romero — Nota ao artigo acima citado, pg. 501
38. Tobias Barreto — "Auerbach e Victor Hugo", in "Estudos Alemães", pg. 467.
39. Tobias Barreto — "Carta ao redator da "Deutsche Zeitung" do Rio de Janeiro", in "Estudos Alemães", pg. 333. A carta é de 1874.
40. Tobias Barreto — "Henrique von Treitschke e o movimento anti-judaico na Alemanha", in "Estudos Alemães", pgs. 350-351. Neste mesmo artigo escreve: "Quer naquele, quer neste caráter ele se assinala por um talento não comum, e não comum na Alemanha mesma, onde entretanto o talento corre as ruas e a ciência é quase um fenômeno ordinário". pg. 349.

41. Tavares Belfort — Parecer acerca da criação de uma Universidade no Brasil, Maranhão, Typ. do Paiz, 1873, pg. 119.
42. Ét. Vacherot — Op. cit. pg. XXXIII.
43. Ét. Vacherot — Op. cit. XXXIV.
44. Ét. Vacherot — Op. cit. pg. XXII.
45. Raymond Aron — Le Spectateur engagé — Entretien avec Jean-Louis Missika et Dominique Wolton. Paris, Julliard, 1981, pg. 38.
46. Max Scheler submeteu o conceito nietzscheano de "ressentimento" a uma penetrante análise fenomenológica com o objetivo de refutar a tese de Nietzsche segundo a qual a moral cristã seria uma ética do ressentimento. Cf. "Das Ressentiment im Aufbau der Moralen", in "Vom Umsturz der Werte", Max Scheler Gesammelt Werke, Band 3, Francke-Verlag-Bern, 1955. Para Scheler "o ressentimento é um auto-envenenamento psíquico (**seelische Selbstvergiftung**) de causas e conseqüências inteiramente determinadas. É uma atitude ou disposição psíquica permanente que, mediante uma repressão sistematicamente exercida, nasce da descarga de certas emoções e sentimentos que, em si mesmos, são normais e pertencem aos componentes fundamentais da natureza humana, mas que podem provocar certa inclinação permanente a determinadas espécies de deformações valorativas e aos correspondentes juízos de valor. Entre os afetos e emoções que mais se destacam nessa disposição psíquica estão os seguintes: sentimento de rancor e impulso de vingança, ódio, maldade, ciúme, inveja, malícia". Pg. 38. Segundo Scheler, o desejo de vingança é um dos mais importantes elementos do ressentimento. A palavra ressentimento está a indicar um movimento afetivo que se

origina da apreensão do estado afetivo de uma outra pessoa (**fremde Gemütszustande**) e, por isso mesmo, é uma re-ação (**Antwortsreaktionen**). O ressentimento é sempre um sentimento contra e gera o desejo de vingança com todas as suas sequelas, uma disposição hostil contra todos que são considerados como ocupando posições ou desfrutando de situações privilegiadas em detrimento da pessoa que, por seu valor, se julga com legítimo direito a tais posições.

Segundo dissemos, Tobias é, sob certos aspectos (**secundum quid**), um ressentido. É necessário, pois, atender a essa ressalva. Com efeito, a permanente atitude de crítica ferina à maior parte de seus colegas de Faculdade, a figuras intelectuais que lhe pareciam inferiores à sua inteligência, à sua cultura, fazendo-o sentir-se injustamente preterido, é, sem dúvida, uma típica atitude de ressentido. Ressentimento que se deve, em grande parte, à estrutura social em que vivia.

47. Tobias Barreto — Artigo citado sobre Treitschke, pg. 347.
48. Tobias Barreto — Artigo citado sobre "Auerbach e Victor Hugo", pg. 468.
49. Tobias Barreto — "Himmel-und Escadafahrt", in "Estudos Alemães", pg. 505.
50. Hermes Lima — Op. cit. pgs. 264-265 — O ataque rude e descabido desferido contra José Higino é característico de uma atitude ressentida. Como demonstra a carta a Sílvio Romero, de 2/1/1888, Tobias estava à espreita de uma ocasião oportuna para investir contra Higino. Nessa carta Tobias se manifesta "incomodado de ver seu nome citado em companhia dos de José Higino e João Vieira (o badalo) como os três iniciadores da reforma jurídica entre nós".

Depois de atacar Higino e dizer que "é um pesquisador da Holanda que nunca nos disse uma palavra sobre a literatura desse país, "promete investir contra ele: "Muito breve pretendo dar-lhe uma surra nesse sentido". Anuncia, ainda, que está estudando holandeses para inteirar-se do movimento espiritual da Holanda, acrescentando: "Ramalho (Ortigão) também terá o seu quinhão de pancada". Em "Vários Escritos", pgs. 323-324.

A bem da verdade seja dito que, em algumas polêmicas, o provocado foi Tobias Barreto e sua reação, mesmo virulenta, justificava-se. Tal é o caso da famosa polêmica com os padres do Maranhão, surgida a propósito do discurso de paraninfo de Tobias sobre a idéia do Direito. Tobias foi atingido em seu legítimo direito à liberdade acadêmica e reagiu à altura embora a polêmica, de ambos os lados, descambasse para insultos grosseiros. A Josué Montello cabe o indiscutível mérito de haver pesquisado os autores maranhenses da polêmica identificando o verdadeiro autor dos artigos publicados na "Civilização" contra Tobias. Tratava-se do poeta satírico Euclides Faria, como demonstra Montello em sua excelente introdução ao livro no qual ele reproduz os artigos da polêmica, os de Tobias e os dos supostos padres do Maranhão que até então permaneciam sepultados no velho jornal do Maranhão. Cf. "A Polêmica de Tobias Barreto com os Padres do Maranhão", Livraria José Olympio Editora, Rio/1978.

A Qualidade do Ensino na Educação Superior Brasileira*

George Browne Rego

Hoje, mais do que nunca, fala-se e se quer repensar e discutir a problemática de qualidade do ensino, particularmente enquanto contraposta à noção de massificação.

A expressão torna-se como que uma palavra de ordem do ser e do fazer universitários, pronunciada numa frequência rítmica que se assemelha ao pulsar de um coração saudável. O MEC, o Conselho de Reitores, Pró-Reitores, Diretores, Professores, Associações de docentes e de funcionários, Diretórios Estudantis, todos enfim, enfatizam nos seus discursos este simpático e sonante aposto, colocando-o como fim primeiro a ser colimado no processo de transcendência que percorre a via condutora, da massificação à excelência.

O conflito conceitual, desenvolvido a partir deste binômio, alinha indivíduos — até um passado recente não alinhados — de diferentes hierarquias e matizes ideológicos dos diversos estamentos educacionais, provocando certa confusão e um verdadeiro tumulto que contribuem para mais abalar as já tão frágeis estruturas de nossa precária e incipiente filosofia educacional brasileira.

Foram, sem dúvida, as perplexidades e os equívocos advindos, em sua maioria, da reforma universitária que a partir de 1968 se instaurou no país, que contribuíram para o desenvolvimento de generalizados sentimentos de culpa, resultantes de erros e incompreensões, ob-

* Trabalho apresentado na Universidade Federal Fluminense no "Encontro Nacional de Pró-Reitores Acadêmicos".

viamente palpáveis, e com efeitos amplamente sentidos por todos. Sentimentos esses tratados, ou de modo não muito racional ou à luz de conveniências pessoais e, por isto, sem se tornarem objeto de crítica científica pertinente. Por medo ou idolatria ao poder instaurado "manu militare" foram assim compactuados por uns e, oportunamente, silenciados por outros.

Poder-se-ia então, a partir daquela época, distinguir grupos que se organizariam, mais ou menos, nos três segmentos posteriormente alinhados: a) aqueles que elaboraram a reforma ou, indiretamente, contribuíram à sua consecução. Boa parte deles integrada por autoridades ministeriais e universitárias que, no conjunto, comungavam com os seus princípios e acreditavam, um tanto dogmaticamente, na sua funcionalidade e eficácia; b) um grupo de professores em boa parte tradicionalistas, alguns de boa formação intelectual e cultural, outros até professando no plano teórico algumas ideologias de vanguarda. Todos, porém, nostálgica e substancialmente afetados pela perda de poderes e prerrogativas provenientes da anterior estrutura de faculdades isoladas e do sistema de cátedra que a reforma ousara elidir. Esta situação conduzia muitos deles a um conflito de consciência com impactos neurotizantes pois tinham, por um lado, de anuir, por convicção ou aceitar por conveniência, o regime instituído em 1964, e, ao mesmo tempo, repudiá-lo e criticá-lo naqueles aspectos que afetavam mais diretamente o poder que detinham e os privilégios dele resultantes; c) os críticos e contestadores do sistema — sejam os aliados da vida universitária pelo sistema de repressão, sejam os ainda nela mantidos, embora sem qualquer espaço de participação ou decisão. Envolvidos — como era de se esperar — por um denso clima emocional, professavam uma inarredável concepção maniqueísta na qual viam a Reforma como um produto do movimento militar de 1964 e, como tal, fruto contaminado do pecado original deste e, conseqüentemente, tratavam-na mais como objeto de repulsa do que de análise e de crítica.

O fato é que, na realidade, esforço suficiente não foi dispensado em prol de uma profunda avaliação crítica da reforma "condition sine qua non" para o entendimento, revisão ou mesmo alguma possibilidade de supressão. Como se não fosse um legado deixado, desde a antiguidade ao conhecimento humano, a necessidade inalienável de, diante de um constructo intelectual, seja ele forjado a nível das ciências sociais ou das naturais, examinar-lhe os fundamentos teóricos que o inspiraram e as suas condições de possibilidade em confronto com a **praxis!** No caso a **praxis** seria a própria realidade brasileira. O que se viu, no entanto, foi mais uma atitude dogmática por parte do primeiro grupo; de uma certa acomodação pelo segundo; de excesso de emocionalismo pelo terceiro. Mas todos eles, fundamentalmente, por crença, temor, acomodação ou revolta, deixaram de desenvolver em nível adequado, uma crítica mais científica do problema. Com efeito a grande preocupação de todos, àquela época, centrava-se mais na aparente bem sucedida recuperação econômica da nação, que a chamada filosofia do milagre brasileiro cuidara de difundir na década dos 70.

De fato, não há como negar que a reforma universitária esboça uma doutrina e um projeto teórico de Universidade que "per se", poderiam ser considerados componentes de uma nova filosofia de educação brasileira. Isto não obstante qualquer tentativa apriorística de estabelecer juízos de valor sobre ela. Assim, sendo alienada e alienígena para uns, autêntica e coerente com os interesses da nação para outros, ela se constituiu, preliminarmente, numa concepção teórica, filosófica e metodológica da educação superior brasileira.

UMA SÍNTESE DO MODELO DA REFORMA UNIVERSITÁRIA INSTITUÍDA EM 1968

Dentro do novo esboço teórico do ensino superior, a primeira coisa que se observa é o deslocamento do

eixo valorativo da formação universitária da linha **carreirrocêntrica** para a **conteudocêntrica**. A reforma substituiu o sistema de faculdades pelo sistema departamental, privilegia a **Universidade** como instituição essencial no contexto do ensino superior e só excepcionalmente, trata o problema das escolas isoladas. A organização dos cursos é profundamente alterada passando os Departamentos a se estruturarem em função de áreas do saber. Tais domínios do conhecimento, anteriormente, concentravam-se nas cátedras no interior de cada faculdade que, isolada e autonomamente responsabilizavam-se pela formação integral dos seus discentes. Os cursos surgem como cortes verticais atravessando e aglutinando as diferentes linhas departamentais das variadas áreas do saber, com vistas aos novos projetos de formação universitária.

Ao argumento de que os estudos gerais serviam universalmente a todos irrespectivamente a posterior formação profissional de cada um, acrescia-se o de natureza econômica: a não duplicação de meios para fins idênticos. Instituíam-se, assim, o ciclo geral ou básico (1.º ciclo), encarregado da formação fundamental antecedente à especialização. Ampliaram-se os cursos, em face das novas solicitações do mercado de trabalho, que passaram a agrupar-se genericamente, em duas amplas direções: cursos de natureza acadêmica e cursos de natureza profissional. Do ponto de vista de natureza jurídica das IES, além das autarquias, a grande inovação foi a fundação.

Ao nível discente ampliaram-se, de maneira significativa, as oportunidades educacionais, crescendo-se vertiginosamente o número de vagas e sedimentando-se, de uma vez por todas, o sistema classificatório de seleção de candidatos.

Mas é na pós-graduação que se procurou enfatizar a criação de um moderno e qualificado corpo docente. Como condição preferencial de ingresso dos docentes,

substituíram-se as indicações pessoais advindas do antigo sistema de cátedra, pelos concursos, causando nos círculos tradicionais uma considerável desfora. Substituindo o autodidatismo, que foi responsável durante vários anos, pela formação do catedrático e de sua condição preliminar — a **livre docência** — encoraja-se então a matrícula em cursos de pós-graduação como condição preliminar à docência. Sendo o país carente desse tipo de instituição, promoveu-se uma maciça evasão de docentes para instituições estrangeiras, principalmente, à época, para as universidades americanas.

Finalmente, incluem-se, entre as funções universitárias, a da extensão como forma interativa da própria comunidade universitária entre si e desta com a sociedade abrangente.

ALGUMAS CONSEQÜÊNCIAS DA IMPLANTAÇÃO DA REFORMA

A mais intensa reação à reforma universitária ocorreu, primeiramente, a nível institucional para estender-se depois ao plano social em geral.

O desmantelamento do sistema anterior, ameaçando a sobrevivência e o prestígio dos tradicionais cursos do ensino superior brasileiro, foi o primeiro e grande desafio à continuidade da reforma. Sob a orquestração dos antigos catedráticos, desenvolveu-se uma implícita, quase que silenciosa mas nem por isso pouco atuante, reação ao estabelecimento dos novos rumos preconizados pela reforma. Essa reação encontrou eco significativo no seio da própria sociedade brasileira. Movidos por condicionamentos históricos, os aspirantes à Universidade, com o apoio das suas famílias, perseveravam em almejar lugares nas tradicionais e prestigiosas ex-faculdades: Direito, Medicina, Engenharia. A ampliação das vagas por um lado e o novo afunilamento, por outro, gerado pelo 1.º

Ciclo — que originalmente constituíram-se num como que segundo vestibular — aumentou substancialmente a concorrência entre candidatos com patentes desvantagens e obstáculos para os mesmos. Isto provocou um impacto suficientemente forte a nível institucional e social para as frágeis estruturas da nascente reforma, já comprometida na sua credibilidade pública por ter sido gerada em tempo recorde, sem consultas mais amplas ou trabalhos de conscientização adequados nos círculos fechados do sistema autoritário.

A conseqüência, conhecida de todos, foi a eliminação pelo próprio Governo da função primordial do 1.º Ciclo, a saber: reorientar e descobrir vocações dentro da própria Universidade através de um maior embasamento cultural e científico, resultante de estudos gerais.

Por outro lado, o ingresso descontrolado de estudantes nas IES sem adequado planejamento nem avaliação das necessidades sem condições infra-estruturais, fazia declinar os níveis de formação. Isto ocorria, mormente, nos cursos mais novos e sem perspectivas acadêmicas ou profissionais convenientemente definidas. Seguia-se a tudo isto, uma não satisfatória alocação de recursos para lidar com as despesas de custeios e manutenção do sistema. Também, em alguns casos, não foram felizes as escolhas dos administradores universitários movidas em boa parte mais por perfis político-ideológicos do que por uma séria e equilibrada avaliação da formação e experiência científico-acadêmico.

Na medida em que as IES mais inchavam do que cresciam, não se dispôs suficiente tempo e esforço no sentido de, a nível sócio-econômico, criar-se novas e mais ricas condições de absorção do volumoso contingente universitário egresso das IES.

Gerou-se o desemprego e o sub-emprego em uma esfera que tradicionalmente, constituía, por excelência, o canal de ascensão da classe média.

A expansão da pós-graduação que — como já foi enfatizada — constituiu fator importantíssimo para o aperfeiçoamento docente, merece destaque especial.

Com efeito, a expansão da pós-graduação no Brasil realizou-se num curto espaço de tempo e numa velocidade além dos limites permitidos, mesmo em países de sistemas educacional e sócio-econômico mais sólidos.

É necessário entretanto ressaltar que, dentro do conjunto de metas preconizadas pela Reforma, a pós-graduação se constituiu numa das iniciativas que — apesar de todas as deformações e desacertos — teve realmente alguns resultados positivos para a vida universitária brasileira.

Analisando, do meu ponto de vista, a expansão da pós-graduação brasileira, alguns dos seus aspectos problemáticos de logo se evidenciam.

Inicialmente remetendo em massa para o estrangeiro legiões de docentes, não parece que os critérios de seleção tenham sido os mais sérios e consentâneos com as necessidades brasileiras. Mais uma vez, em certos casos, prevaleceram os critérios político-ideológicos e com isto não se ampliaram as oportunidades e as escolhas que, lamentavelmente, nem sempre recaíram nos mais qualificados. As instituições indicadas para treinamento também não foram em todos os casos as mais pertinentes em programas acadêmicos e em níveis de excelência. Limitados basicamente às ofertas americanas, através de programas como **Usaid** e outros, mesclavam-se os objetivos, que oscilavam entre os de natureza acadêmica e os de cooperação internacional, estes com evidentes conotações ideológicas. Como em certos casos, as bases culturais e científicas dos candidatos não eram tão sólidas e o senso crítico inexistente ou limitado, tais programas não só treinavam mal esses candidatos mas

atuavam como uma espécie de **brain washing**, alienando-os das necessidades nacionais. Retornando com título de mestrado e doutorado imediatamente entregavam-se, quase que exclusivamente à criação e desenvolvimento de cursos nacionais de pós-graduação. Era de se esperar que se desenvolvesse no bojo da própria instituição, além de outras conseqüências, um considerável conflito entre tais indivíduos e as facções tradicionais ou grupos mais jovens, que não tiveram a mesma oportunidade. Não obstante a pós-graduação foi responsável pela geração de excelentes profissionais acadêmicos e parte da produção intelectual cultural e científica das nossas universidades hoje advêm desse grupo.

Um outro problema de expansão de pós-graduação afetou diretamente a Universidade Brasileira, particularmente, no que tange àquilo que lhe é majoritário e ainda essencial: a graduação. A carência de mão de obra, resultante da saída de um apreciável contingente de professores para a pós-graduação, gerou a necessidade de se substituir, eventualmente, essa mão de obra em treinamento. Foi o período de improvisação do corpo docente para o ensino de graduação. Inicialmente, isto se processou através da seleção dos professores auxiliares de ensino, com contratação de natureza probatória, para desaguara na torrente dos chamados "professores colaboradores", cujos critérios de convocação em nada diferenciavam das indicações pessoais dos antigos catedráticos. Só que, desta vez, com o agravante do despreparo e da inexperiência dos novos docentes, cuja responsabilidade, em boa parte, decorreu do sistema educacional que os formou. Aqueles que regressavam do estrangeiro, munidos de pós-graduação, principalmente os que tinham desenvolvido programas de boa qualidade, procuravam concentrar-se em núcleos de pesquisa e pós-graduação e, cada vez mais, se descomprometiam com o ensino de graduação e com os interesses mais prementes e legítimos da sociedade brasileira. Associou-se a idéia de

"status" à de ser exclusivista da pós-graduação e da pesquisa. A conseqüência é que a graduação torna-se cada vez mais deficiente e boa parte dos seus professores despreparados.

Professores e alunos, vítimas de um sistema frágil e inadequado passam, deste modo, a ter em comum, análogas frustrações. Por isso é de se estranhar que a questão universitária, hoje, transborde da análise dos seus próprios meios-fins-propósitos para o plano político-ideológico, um dos grandes calcanhares de Aquiles da sociedade brasileira atual.

Temos, necessariamente, que levar em conta que uma boa parte da pós-graduação e da pesquisa brasileira tornou-se mera reprodutora e dependente da ciência e da cultura dos países econômico e socialmente dominantes.

Quanto aos professores contratados, eventualmente, para suprir transitórias deficiências do ensino superior de graduação, já se tornaram a esta altura efetivos. A falta de formação antecedente, os baixos salários, a natural confusão e perplexidade entre objetivos acadêmicos e político-partidários, num país que não dá a necessária atenção e não atribui o devido valor à universidade e sua missão, tudo isso gerou obstáculos quase que insuperáveis à qualificação desse contingente docente e da própria universidade como um todo.

Após essas considerações, parece que se faz amadurecida a oportunidade de falar especificamente sobre o que se entende por qualidade do ensino e quais as suas condições de possibilidade para a educação brasileira.

A QUALIDADE DO ENSINO E O SEU PAPEL PARA O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

Genericamente, o termo qualidade diz respeito à perfeição, conformidade e um certo padrão de excelência, virtude, talento.

Qualidade vem do latim "qualitas" de "qualis" e etimologicamente concerne à natureza que é própria ou se atribui à coisa. Distingue-se assim este conceito por referir-se à diferença em atributos antes que à numérica. Relativa, portanto, à espécie e não à quantidade.

Diz-se da qualidade sob o ângulo **intrínseco** ou sob o **extrínseco**.

Qualidade intrínseca é aquela inerente, própria, indispensável à coisa pelo que esta não pode ser sem ela. Constitui a sua própria substância e por isso, diz-se dela ser qualidade essencial.

Qualidade extrínseca é aquela que é atribuída ou acrescentada à coisa. É qualidade distintiva e, por conseguinte, acessória ou acidental.

Como conseqüência, a qualidade intrínseca ou essencial não pode faltar à coisa. Sem ela a coisa perece, pois é a sua própria natureza. Enquanto a extrínseca, embora promova e facilite a sua aparência, não lhe é essencial.

O termo ensino já se afigura extremamente complexo pois diz respeito não só ao conhecimento mas às condições de possibilidade de transmiti-lo.

Toda a tradição filosófica, de Platão a Kant, preocupou-se com o problema. Em "Mêno" o famoso diálogo de Platão, Sócrates põe a questão de se é possível ensinar algo a alguém e quais os limites e as possibilidades da ação educativa.

Mas não é nosso objetivo aprofundar este problema. Antes fornecer um conceito bastante amplo e operacional que nos dê uma idéia do que entendemos pela expressão **qualidade do ensino** e sua aplicação ao ensino superior.

Assim consideramos o ensino formal como a atividade intencional deliberada, através da qual se transmite a alguém conhecimentos de natureza filosófico-científica, cultural ou artística, com vistas à produção de aprendizagem.

Ensino qualitativo seria então aquele em que se transmitem conhecimentos a outrem de forma deliberada, dotados de bom nível de perfeição ou excelência.

Em princípio toda a atividade educativa há de ser qualitativa. Mas a variação de métodos e objetivos, em função dos diferentes níveis de aprendizado e maturação do educando, requer que o ensino superior atinja o máximo de perfeição qualitativa na sua abrangência, profundidade e pureza metodológica.

A universidade, como instância crítico-criadora da cultura geral, tem como uma das suas funções essenciais, transmitir, e também renovar e mudar a herança cultural da humanidade. Para isto há de reivindicar o máximo de qualidade e de excelência nas suas atividades de ensino e pesquisa.

Na publicação da Unesco, "Educação no Mundo", essa perspectiva da missão orientadora intelectual qualitativa da universidade e seu compromisso indeclinável de liderança na procura da verdade, vem assim ilustrado:

"...Em toda parte é sobretudo a verdade que se procura para se desenvolver o saber sabedoria. As universidades, auxiliadas pelas circunstâncias, foram as guardiãs da consciência intelectual da humanidade e a primazia da procura da verdade é também assegurada hoje dentro de uma civilização tecnológica como nunca foi no passado".

A esta altura já é possível tentar colocar a questão da qualidade do ensino superior distinguindo-se nela

o que é essencial, intrínseco à sua natureza, do que nela há de accidental.

Poderíamos então dizer que, num sentido bastante amplo, refere-se à qualidade do ensino toda e qualquer iniciativa ou empreendimento que concorra para o incremento das condições necessárias e desejáveis ao processo educativo.

Melhores condições físicas, mais verbas para educação, reformas administrativas, pedagógicas etc., tudo isso afeta indireta ou reflexamente a qualidade da educação, influenciando positivamente o educando e o contexto sócio-educativo em que se situam. Mas num sentido essencial, intrínseco, a qualidade do ensino refere-se ao nível de formação geral (intelectual, cultural, ética e artística) dos professores, ou seja, ao conteúdo que dominam, aos métodos que utilizam, ao poder de criatividade que desenvolvam, enfim, ao exercício da sabedoria.

Com efeito é possível dispor-se das condições amplas acima mencionadas, mas não se ter qualidade do ensino, no sentido intrínseco e essencial. Enquanto isto é possível — há que se admitir — que a recíproca não é verdadeira. Com efeito as primeiras ajudam à segunda, mas não a promove.

Acredito que reflexões mais amplas e profundas podem ser desenvolvidas sobre a questão da **qualidade do ensino** e suas implicações para a realidade sócio-educacional brasileira. Para os propósitos deste trabalho, entretanto, suponho que já se dispõe de alguns elementos hábeis a iniciar a sua discussão. Tenho observado que algumas vezes se fala e discute a qualidade do ensino com um certo quê de macaqueação. É mais uma expressão a entrar no jargão universitário, de forma um tanto quanto vaga, imprecisa, obscura. Um como que "pedagogs" que impressiona e que transmite a idéia de que

o seu pronunciante detém dele domínio teórico e pragmático. Mas é necessário que, algo que denota um sentido essencial de singular nobreza e grandeza para o ensino superior, como a sua qualidade, seja objeto de mais demoradas e profundas reflexões.

Não pretendo, como afirmei, trazer contribuição decisiva para o problema, contentar-me-ei apenas em suscitar deste seminário reações polêmicas que venham gerar pelo menos maiores preocupações sobre o tema. Neste momento em que a educação superior brasileira se encontra carente de qualidade, quer intrínseca quer extrínseca, a escolha desse tema num encontro de Pró-Reitores Acadêmicos, foi sobre todos os aspectos, lúcida e oportuna.

Concluo afirmando que as condições adversas, que marcam hoje a educação superior no Brasil, abrem perspectivas pessimistas para todos os que estão nela envolvidos e lutam pela sua elevação. Mas esse pessimismo não deve conduzir-nos a uma interpretação determinista do problema. À nossa adversidade, deve contrapor-se a nossa utopia. A esperança de transcendermos as dificuldades e encontrarmos os próprios caminhos, à margem de casuísmos políticos e de lutas pelo poder, constitui-se nessa nossa utopia e no desafio à nossa criatividade.

Termino afirmando:

que um homem desconheça o sentido, a razão, o significado e a função do social e da grandeza de algumas das suas mais nobres instituições — dentre as quais, sem dúvida, destaca-se a universidade — é lamentável mas não é desprezível. Mas que, um professor, um pesquisador universitário o desconheça é desprezível. Não que este não seja, como aquele, um cidadão comum. Porém mais do que isto, ele tem que ser uma sentinela da cultura, um guardião da inteligência e do saber, um cultor do caráter, um fascinado pela verdade e pela beleza.

Dimensões Temporais na Poesia

César Leal

O tempo passa,
Não nos diz nada.
Envelhecemos.
Saibamos, quase
Maliciosos,
Sentir-nos ir.

O sentimento expresso por Ricardo Reis, na epígrafe acima, mostra-nos que Fernando Pessoa pertence a esse tipo de poeta para quem o tempo é sempre motivo de uma reflexão constante. Aparentemente, a relação entre espaço e tempo é indissociável. Mas isso só é verdade quando se considera determinadas formas de dimensão temporal. A forma mais comum de encararmos o tempo é em sua dimensão empírica. Essa dimensão é que nos possibilita associar os "momentos" de nossa vida a determinados "lugares". Nesse caso, três elementos se conjugam para formar a consciência do existir: lugar, momento e duração. Dessa noção de tempo não participam o tempo absoluto ou "tempo próprio", e outro elemento que, por sua complexidade teria de conduzir o analista literário aos difíceis labirintos das teorias einsteineanas. Quando Coleridge afirmou que o círculo atinge o sublime, deixando de ser uma figura em si para nos permitir a visão da eternidade, estava se preocupando com algo relacionado ao conceito de tempo. Claro que ele se referia ao tempo empírico, representado pela noção de "eternidade". A noção de Coleridge é puramente heracliteana. Assim como a de Camões, quando escreveu na Ode IX:

Porque enfim tudo passa
 Não sabe o tempo ter firmeza em nada;
 e nossa vida escassa
 foge tão apressada
 Que quando se começa é acabada.

O mais dramático nessa visão do tempo empírico é a certeza de que não podemos alterar o relógio da existência. Entendido o tempo como uma coordenada que avança numa direção única, temos a certeza de que o tempo não volta e por isso não se pode "repetir" o passado, a não ser pela recordação de um "presente" que já não é um "agora". E é desse "recordar" que surgem alguns dos mais complexos espaços na teoria do poema. Quando T. S. Eliot escreve que "o tempo presente e o tempo passado estão ambos talvez contidos no tempo futuro e o tempo futuro contido no tempo passado" está, como ele próprio reconhece, reafirmando a irredimibilidade do tempo. Contudo, não se deve esquecer que o problema do tempo não preocupou T. S. Eliot apenas nos *Four Quartets*. Em "*Prufrock and other Observations*", T. S. Eliot busca e realiza com êxito uma unificação em relação a diferentes planos temporais: passado, presente e futuro. Eles são unificados através de uma técnica expressiva que rompe com toda a tradição poética. Vejamos esse trecho da mais elevada poesia, uma poesia que a nossa tradição de verso romântico ou parnasiano ainda recusa apesar de julgar-se portadora do espírito da modernidade:

E na realidade haverá tempo
 para a fumaça amarela escorregar ao largo das ruas,
 roçando suas costas nas vidraças das janelas;
 haverá tempo haverá tempo
 para modelar um rosto que encare
 os rostos que venhas a encontrar
 haverá tempo para matar e criar
 e tempo para todas as tarefas e dias de mãos
 que ergam e deixem criar uma questão sobre teu prato;
 tempo para ti e tempo para mim

e tempo ainda para uma centena de indecisões
 antes de tomar um chá com torradas.

No salão as mulheres caminham para lá e para cá
 conversando sobre Miguel Ângelo.

Essa reflexão mostra como o tempo **existe** e como se **desgasta**, enquanto mulheres falam de Miguel Ângelo, o "fog" espectral avança sobre as ruas de Londres, e outros conversam, tomando chá. Mais adiante, se ouve a voz dos que se sentem envelhecer: "Tempo para voltar e descer os degraus, com uma calva entreaberta em meus cabelos (Dirão eles: "Como andam ralos os seus cabelos!") — Meu fraque, meu colarinho a empinar-se com firmeza o queixo, minha soberba e modesta gravata, mas que um singelo alfinete apruma. Dirão eles: "Mas como estão finos seus braços e pernas!") — Ousarei/Perturbar o universo? Em um minuto apenas há o tempo para decisões que um minuto revoga". A. Manent, que traduziu Eliot para o castelhano, assim comenta esse poema escrito por Eliot em 1917: "El personaje central se mueve en un ambiente normal e ciudadano, se dá cuenta de seus atos sociais — está no presente —, porém a menudo bucea en sus recuerdos y aventuras — está en el pasado y termina el poema cuando Prufrock suena que muere ahogado junto a unas sirenas — está en el futuro".

Tardamos nas Câmaras do mar
 Junto as ondinas com sua grinalda de algas rubras
 e castanhas
 Até sermos acordados por vozes humanas. E nos
 afogarmos.

Somente através de fundamentação estética e filosófica se pode justificar a originalidade da poesia de T. S. Eliot e sua distinção intelectual. Nele, a reflexão sobre o tempo não leva em conta apenas as dimensões empíricas e psicológicas, as únicas até agora exploradas nos estudos literários. Não há dúvida de que Eliot considera outras dimensões, tais como as definições quânti-

cas, relativísticas e termodinâmica ou entrópica em que a matéria é considerada como em constante "desgaste". O poeta, com sua linguagem insólita e seu simbolismo abissal protege o poema contra os efeitos aniquiladores da entropia que, à semelhança do tempo empírico, avança também como coordenada em direção ao futuro, com sua "flecha" destruidora em incessante movimento. A tensão tempo-eternidade é uma constante em quase todos os seus poemas. Ele busca um tempo que sobreviva ao instante fugaz, e por isso, diz: "A ação justa é liberar-se/ do passado e também do futuro".

Os símbolos dessa reflexão aparecem com frequência; o rio, a viagem, a travessia, as gerações, as estações, os olhos de jacinto que miram o "silêncio, o coração da luz". A interpretação de sua poesia é difícil — se é que se pode interpretá-la — por concentrar-se a atenção do leitor em suas alusões, sua técnica, seu estilo e linguagem, elementos que funcionam apenas como acessórios, enquanto que o essencial é uma busca profunda do sentido da existência e do intemporal como substância de seu pensamento, o que já fora notado pelo seu mestre e amigo Ezra Pound.

Mas esse não é o tema que escolhi para meu breve comentário: "Dimensões temporais na poesia". Se falo de alguns poetas é apenas para justificar algumas colocações teóricas, possivelmente já bem conhecidas de nossos poetas mais jovens. Contudo, em relação ao tempo, nada disse sobre o que dele pensa um dos mais completos poetas de nossos dias. Refiro-me a Jorge Borges. É claro que nenhum poeta brasileiro se preocupou mais com o problema do tempo do que Carlos Drummond de Andrade. O livro que escreveu sobre ele Affonso Romano de Sant'Anna, sem dúvida um dos mais completos poetas-críticos de nossa história literária, dispensa-me de comentários, em relação ao tema na poesia do autor de **Boitempo**. A concepção de tempo em Jorge Luís

Borges é a de uma coordenada em movimento de velocidade constante. Por outras palavras, sendo um poeta que se confessa afastado das teorias, a visão de Jorge Luís Borges não apresenta, apesar de seu reconhecido intelectualismo, a complexidade que se observa em T. S. Eliot. Estranhamente, o poema se intitula "Arte Poética":

Mirar el río hecho de tiempo y agua
y recordar que el tiempo es otro río,
saber que nos perdemos como el río
y que los rostros pasa como el agua.

Sentir que la vigilia es otro sueño
que sueña no soñar y que la muerte
que teme nuestra carne es esa muerte
de cada noche, que se llama sueño.

Ver en el día o en el año un símbolo
de los días del hombre y de sus años,
convertir el ultraje de los años
en una música, un rumor y un símbolo.

Ver en la muerte el sueño, en el ocaso
un triste oro, tal es la poesía
que es inmortal y pobre. La poesía
vuelve como la aurora y el ocaso.

A veces en las tardes una cara
nos mira desde el fondo de un espejo;
el arte debe ser como ese espejo
que nos revela nuestra propia cara.

Cuentan que Ulises, harto de prodigios,
lloró de amor al divisar su Ítaca
verde y humilde. El arte es esa Ítaca
de verde eternidad, no de prodigios.

También es como el río interminable
que pasa y queda y es cristal de un mismo
Heráclito inconstante, que es el mismo
y es otro, como el río interminable.

Ao contrário da poesia de Eliot, a extraordinária beleza desse poema se revela claramente. Na primeira estrofe, o rio que se apresenta possui um significado literal, logo posto em contraste com o próprio tempo, agora encarado, metaforicamente, como um rio. Os homens passam a ser vistos como seres que se perdem, como se perdem no oceano as águas do rio que aparece no verso inicial, e, assim, os seus rostos passam como passam as águas do rio. A partir dessa relação analógica, podemos interpretar as estrofes restantes. Por isso, Borges mostra-nos que não devíamos temer a morte, pois a morte que tanto tememos não é mais do que aquela que a cada noite nos visita e "que se chama sono". Os dias e os anos devem ser vistos como símbolo de nossa vida e o dever do poeta é eternizar-se pela linguagem, porque outro, segundo me parece, não é o sentido dos versos: "converter o ultraje dos anos em música, um rumor y um símbolo". E essa interpretação, talvez, seja correta se atentarmos para tudo o que está escrito na quarta estrofe, em que se diz que a poesia é pobre mas "é imortal". Por isso, o poeta está salvo da morte, pois sua poesia volta diariamente como a aurora e o ocaso. Daí encontrar o poeta a salvação do seu nome através da arte. E é isso o que diz Horácio, numa de suas Odes mais famosas, quando assegura que construiu para si um monumento mais duradouro do que o bronze, capaz de resistir aos ventos indômitos e com duração superior à vida das Pirâmides. As quadras restantes, confirmam a confiança de um dos maiores poetas de nosso tempo na intemporalidade, na eternidade da poesia. Assim pensava também Jorge Guillén.

Qualquer leitor atento observa uma visão grandiosa do tempo na poesia de Pablo Neruda, em que a destruição de todas as coisas é a característica mais assinalada. Acredito que para Neruda muitas de suas concepções sobre a noção ou conceito de tempo chegaram-lhe à consciência através de intuições, ao contrário do

que se observa em T. S. Eliot e Jorge Luís Borges. A idéia de tratar-se de "intuição" me foi sugerida pela imagem que ele nos dá do tempo como um fogo em triunfo sobre todas as coisas. Essa concepção é entrópica, mas Neruda não despreza as dimensões empíricas e relativísticas. É complexa e paradoxal — embora poeticamente justificável a sua afirmativa de que o amor vivido e esquecido possui um "azul material vagamente invencible". Qualquer leitor pode observar a obsessão de Pablo Neruda em relação ao tempo, mas são importantes as intuições que Amado Alonso selecionou, como exemplo, em relação ao "tiempo acumulado, condensado, dormido sobre si mesmo", expressas em diferentes formas:

"el tiempo que dormido largos años dentro de las campanas"

... Los meses dilatados e hijos"

... Y tu como un mes de estrella, como un beso fijo...

... frente a la pared en que cada día del tiempo se une...

... el tiempo en el desventurado comedor solitario inmovile y visible como una gran desgracia"

... El tiempo cayendo sobre el tiempo muerto y la madera".

São imagens vigorosas que nos colocam diante de uma visão do tempo inteiramente estranha a nossa experiência. Ou ao menos para a maioria das experiências dos leitores. A imagem do oceano cobrindo o tempo que por baixo das ondas mira todas as coisas, como um deus oculto, é verdadeiramente cósmica: "... porque todas las agua van a los ojos frios del tiempo que debajo do oceano mira". Sobre o tempo acumulado, nada melhor do que proporcionar ao leitor o texto integral do poema "El reloj caído en el mar":

Es un día domingo detenido en el mar,
un día como un buque sumergido,
una gota del tiempo que asaltan las escamas

ferozmente vestidas de humedad transparente
 Hay meses seriamente acumulados en una vestidura
 que queremos oler llorando con los ojos cerrados,
 y hay años en un solo ciego signo del agua
 depositada y verde,
 hay la edad que los dedos ni luz apresaron
 mucho mas silenciosa que un abanico roto,
 mucho más silenciosa que un pie desenterrado
 hay la nupcial edad de los días disueltos
 en una triste tumba que los peces recorrem.

De acordo com essa visão do tempo, "um dia" pode ficar parado eternamente no fundo do oceano. É isso que Amado Alonso denominou de "tiempo-abismo" asaltado y recorrido por los voraces peces, con su aspecto de humeda transparência". No poema, as "escamas" simbolizam peixes. Os meses acumulados no vestido em abandono é o símbolo "donde reencontramos viejos días de nuestra vida, pero ya detenidos, paralizados, hechos recuerdos (bosquejo de una ascena de nostalgia aguda: el amante huele llorando y con los hojos cerrados un vestido de la amante perdida), luego en una poza de água estancada e vieja, recubierta de verdin: el verdin del água estancada son los años acumulados en ella, caídos sobre ella y superpuestos en la inmovilidad" (Amado Alonso). Nessa linha interpretativa, o oceano aparece como a grande tumba em que os dias "caídos" se acumulam e se dissolvem, ao contrário do cemitério onde se pode ver um pé desenterrado.

Vimos anteriormente dois modos de tratar o tempo do ponto de vista poético, exemplificando com versos de T. S. Eliot e Jorge Luís Borges. No caso de Eliot, mostrei como passado, presente e futuro foram utilizados simultaneamente em "definições" temporais diferentes, enquanto que em Jorge Luís Borges apresentei apenas uma visão do tempo no sentido em que foi concebido por Heráclito. Contudo, tanto na definição empírica quanto nas quântica, entrópica ou relativística, o rio do tempo foi considerado como fluindo numa direção única. Os temas

mais importantes do pensamento de Leibnitz foram desenvolvidos de forma verdadeiramente original pelo romantismo alemão. Mas a sistematização do pensamento leibniziano foi tão rigorosa que os próprios românticos nem sempre compreenderam até que ponto esse pensamento contribuiu para o desenvolvimento de suas teorias poéticas. É o caso — por exemplo — das teses de Novalis sobre a "poesia do futuro". Hoje, tanto os físicos quanto filósofos têm indagado se não existe, em condições diferentes das conhecidas por nossa experiência, uma correnteza de tempo fluindo em sentido oposto ao daquele tempo que avança "direcionalmente" para a frente, rumo ao futuro. Neste caso, o que se indaga é se existe efetivamente um tempo que navega para o passado. A ciência moderna diz que **sim**. A física conseguiu demonstrar a presença de partículas diminutíssimas de "matéria" cuja existência só pode ser admitida, segundo o princípio de Leibnitz, se estiverem "viajando para o passado". Por mais absurdo que isso possa parecer, a previsão desse anti-tempo foi feita pelo físico inglês Paul Dirac, ao teorizar sobre o pósitron (elemento da **antimatéria**) em 1929, o que lhe valeu o Prêmio Nobel de Física de 1933, por haver sido comprovada sua teoria, como veremos adiante. A **antimatéria** pertence a um mundo diferente de nosso mundo material e só existe nesse espantoso **antitempo**. Ora, se tais fenômenos existem no mundo da ciência, como "realidade" indiscutível, é claro que antes de 1935 muitos poetas nada sabiam sobre a existência de tais fenômenos, o que não ocorre com T. S. Eliot cuja reflexão sobre o tempo nos **Four quartets**, possivelmente incorporara esses conhecimentos novos.

Abgar Renault é um poeta também preocupado com o problema do tempo. Em seu livro recentemente lançado — **A outra face da Lua**, José Olympio Editora, 1983, escreve na "Elegia/III":

O tempo não é mais para horas lúcidas.
 O tempo, hoje, é para os minutos profundos,
 que antes de esvair-se, arquejam, oscilam no
 silêncio.
 O tempo é para as palavras que clamam eternidade
 e, todavia, se escrevem nas areias infieis da
 alma de homem ou rio:
 Passou o tempo dos versos claros e cheios de vozes,
 dos versos sem raízes e coloridos como flores:
 a hora é dos ásperos poemas que nenhum artifício
 adoça,
 das palavras em choque como corpos ou fundidas
 como vento e mar,
 das palavras escritas com a mão esquerda;
 de incompreensível simplicidade, tão cheias de
 intenção,
 e tão nuas, que parecem vestidas em ardentes
 capuzes,
 longas, escuras palavras, e tão nuas!
 densos, espessos vocábulos, sonhados, caçados ou
 casuais,
 todos para o ofício de dizer a usada tristeza
 de cada homem, de todas as crianças, de todas as
 mulheres,
 te todos os deuses.

Até aqui, o que Abgar Renault elabora é uma **Arte Poética**, assentada sobre os conceitos de tempo e linguagem. Trata-se de uma poética da modernidade, pois as palavras exigidas pelo "agora" clamam pelo eterno. O novo tempo arquivou os "versos claros", versos "cheios de vozes", "sem raízes" e, se não têm raízes, seu colorido seria como o de flores artificiais. A hora (metonímico de tempo) é de versos ásperos, aquelas rimas roucas que se encontram no "Inferno", de Dante, mas não em seu "Purgatório" ou "Paraíso", Abgar Renault defende uma guerrilha linguística, de modo a possibilitar o choque das palavras, como corpos, ou "fundidas como vento e mar". A linguagem deve ser cuidadosamente interpretada no tempo do poema, já que estão carregadas de intenções em sua simplicidade. Observa-se que a **simplicidade** é "incompreensível", pois as palavras devem ser tão

nuas que pareçam "vestidas em ardentes capuzes". Mais adiante, o poema prossegue:

Advérbios, adjetivos, verbos, substantivos movem-se
 no tempo.
 e arte sutil ou circunstancial força de acaso os
 mede e pesa
 para compor evasões e dar ao sonhado impossível, as
 águas invisíveis das horas que escorreram intocadas
 entre dedos ansiosos,
 ao que foi, não foi e ao que não vai ser,
 a vida com seus vinhos súbitos e distantes,
 que mal ferem os lábios e os cristais dos olhos.

Aqui o tempo assume crescente complexidade. A linguagem se movimenta no tempo e "arte sutil ou circunstancial" mede e pesa cuidadosamente as classes de palavras. Ligam-se ao conhecimento do tempo, termos como "evasões", "sonhado", "horas", "vida", "súbitos", "distantes". Verifica-se que a matéria participa pouco da noção de tempo e, por isso, o poeta situa sua reflexão no plano psicológico. Mas logo afirma:

O tempo já se devolve à eternidade,
 a água se esvai na clepsidra neutra,
 a areia correu, irreversível, das ampulhetas,
 vão estacando os pêndulos, as horas saltam dos
 quadrantes.

Aqui já estamos em uma definição temporal diferente. O tempo considerado é o empírico, o tempo medido pelo relógio de água, areia, o relógio de sol, o relógio mecânico todos marcando a irreversibilidade do tempo. E Abgar Renault conclui sua Elegia concentrando, num crescendo, sua bela reflexão sobre o tempo do homem, o nosso tempo, o relógio do nosso existir.

Resta uma hora; é mortal e verde, sempre verde à
 meia-noite, à fria claridade das madrugadas,
 ao meio-dia pleno, à tarde de violetas e lunar
 orvalho.

É a hora opaca dos retardatários,
 horas dos que ainda sonham encher seu cântaro
 arcaico
 no derradeiro minuto da única fonte.
 É a hora das coisas intimamente mortais,
 e as mãos irão encher de luz ou de lágrimas,
 e tentarão conter e retardar os últimos êxtases.
 Verde hora que habita meus olhos,
 eu te ouço passando e te estremeço, e quero-te,
 sem, saber seguir-te, acenar-te, nem gritar-te.
 Estás lúcida no fundo da taca breve que possuo,
 mas és longínqua a inacreditável.

Vemos aqui a união de várias definições diferentes da dimensão do tempo: a empírica, a entrópica e a psicológica. Para o teorista literário a dimensão psicológica é muito importante. Mas alguns físicos consideram que o tempo psicológico só existe como metáfora. A rigor "ele não existe" já que não faz parte da natureza material. Por outras palavras: o tempo psicológico só existe no próprio homem, como parte de seus processos intelectuais. Como os poetas — e incluo aqui dramaturgos, romancistas etc. — são hábeis manipuladores dos processos mentais, acredito que poucos se igualam a Abgar Renault, no conhecimento que tem sobre as várias faces da dimensão do tempo, inclusive a psicológica.

Ao escrever sobre algumas definições da dimensão temporal na poesia não estou me ocupando de um tema diretamente relacionado com a crítica literária. O problema é mais de natureza teórica, ainda que seja de interesse do crítico, especialmente o crítico de poesia. Ao incluir as dimensões quânticas, entrópica e relativísticas poderá parecer que estou procurando realizar uma união que estaria cada vez mais "distante" ou "impossível" entre arte e ciência. Ao falar sobre a antimatéria ou **anti-tempo**, refiro-me ao **pósitron**, teoricamente previsto por Paul Dirac, em 1929, e fotografado e descoberto por Carl Anderson, em 1932, quando observava numa câmara de

Wilson o que ocorria a um raio cósmico ao atravessar uma placa de chumbo e a seguir mergulhar em um fortíssimo campo magnético. A revelação do filme mostrou algo de surpreendente: a foto do raio era idêntica ao traço de um **eléctron** mas com uma diferença fundamental: ao curvar-se sob o efeito do campo magnético, a partícula dirigia-se num rumo oposto. Esse "eléctron" positivo ao chocar-se com o negativo se transformava em energia radiante pelo aniquilamento de ambos. Em 1933, Paul Dirac e o austríaco Erwin Schrodinger ganharam o Nobel, "por uma nova teoria atômica, a Mecânica das Ondas e previsão do **pósitron** (partícula da antimatéria). Em 1936, Carl Anderson ganhava o Nobel pela descoberta do pósitron, previsto por Dirac. O físico alemão Werner Heisenberg havia recebido em 1932 o seu Nobel pela teoria que deu início a Mecânica dos Quanta, embora já fosse famoso desde 1927, quando ainda muito jovem estabeleceu o Princípio da indeterminação do presente. O "princípio da incerteza" tem influenciado os poetas-críticos — e é necessário que assim seja — já que a Mecânica Ondulatória de Heisenberg não perdoa os que falam irrefletidamente sobre o tempo e seus "clássicos" modelos de exatidão. Comentando as teorias de Heisenberg, o físico nuclear Ralph E. Lapp escreve em seu livro **A Matéria**: "Embora isto pareça um sofisma sobre técnicas de laboratório, o "Princípio de Incerteza" de Heisenberg apresentava inferências filosóficas básicas que iriam revolucionar toda a Física. Pois, ao mesmo tempo que a incerteza fazia a declaração puramente negativa de que a certeza sobre a partícula atômica era impossível, tinha também um lado positivo. Aconselhava os físicos a esquecerem para sempre seus fúteis esforços para obter determinações exatas tanto da posição quanto "instante" do nível atômico. Recomendava-lhes, isto sim, a dedicar suas energias a criação de uma nova física. Essa nova física surgiu e tem tido um sucesso imenso: a Mecânica Quântica" (Ralph Lapp).

Segundo o físico italiano Carlo Borghi, os conceitos relativísticos e quânticos de tempo coincidem, quando interpretados como "cumprimentos em movimento" segundo a definição empírica do tempo mesmo. Todavia, esta unificação — diz ele — tem o seu preço que é a indeterminação do presente. Com efeito, o presente entendido como não-simultaneidade para com o resto do Universo, cai no caráter geral das quantidades para as quais vale o Princípio de Heisenberg, isto é, deve haver um "erro" inevitável no "presente", relacionado com outro "erro inevitável" na energia que é trocada nas interações do objeto cujo tempo é observado, com todo o resto do Universo, e o produto desses dois "erros" deve ser da ordem da constante de Max Planck, isto é, os dois "erros" são reciprocamente condicionados. Quanto à energia, esse "erro" representa o fato de que a energia é trocada por "quanta"; mas será que a mesma coisa vale também para o tempo? Borghi acrescenta que essa questão de se existe um "quantum de tempo" ainda não encontrou solução, mas a constatação de que o "presente" apresenta um "erro" já "foi estabelecida". Mas o problema central não é verificar se os poetas e os físicos coincidem em suas "intuições" sobre questões gerais da física e outras que agora estão apenas começando. Por exemplo, Dirac e Anderson comprovaram que ao se chocarem **pósitron** e **elétron** ambos se aniquilam, produzindo "quanta gama", estavam apenas "confirmando a conversão de massa em energia que Einstein previu em sua equação: $E=mc^2$. Na equação, **E** indica energia, **m** massa e **c** a fantástica velocidade da luz", explica Ralph Lapp.

Para o poeta, a importância desses fatos esta na amplitude de visão que a ciência lhe abre como espaço para a poesia. A física moderna apresenta uma humildade que se revela também pelo interesse cada vez maior do cientista pela poesia e as humanidades em geral. Os físicos trabalham materialmente com a "constante de tempo" de Planck que no caso do nosso universo é a ve-

locidade da luz. Em outros universos isso pode ser diferente. Mas são os cientistas que dizem constantemente aos poetas que o mistério da mente humana é altamente desafiador, uma vez que a velocidade do pensamento escapa a tudo o que a física conhece nesse domínio. Por isso, escreve Ralph Lapp: "a crescente humildade do cientista... bem pode ser chamada de nova fé. Mas, em última análise quem sabe o que os homens podem vir a ser? Bernard Shaw viu-os sob a égide da ciência, desenvolvendo-se em vórtices de pura inteligência. Alguns autores de ficção científica tem-nos vistos como místicos que conseguem mandar o espírito passar férias em planetas distantes. O cientista, em sua meteórica ascensão, tem feito que quase tudo pareça, pelo menos remotamente, possível". Transcrevi este trecho para mostrar que o cientista não deve ser confundido com o tecnólogo. O exemplo está em sua luta contra o emprego pelos "donos do mundo" das forças da ciência com o objetivo de destruí-lo, e, por isso; todos eles — cientistas e poetas — sofrem ao ver a gigantesca acumulação na Terra de bombas que transportam em seu "corpo" o fogo das estrelas.

Entre os poetas brasileiros, Joaquim Cardozo foi o que mais se preocupou com o problema do Tempo, a partir das dimensões relativísticas, entrópicas e quânticas. É a partir desse âmbito que fez uma das mais belas reflexões sobre o tempo, em seu **Um livro aceso e nove canções sombrias**, editado pela Civilização Brasileira — Massao Ohno Editores, Rio 1981. Refiro-me à "**Canção de um tempo sem tempo**", um tempo situado em clima verdadeiramente escatológico:

Já se pensou que havia
A música das esferas,
E soava nos campos do universo;
Mas eu vos digo:
Existe a música do tempo,
Do tempo que passa e que não pára
Tanto mais bela, quanto mais distante.

Canção de um tempo vazio
Tão vazio, como os vazios
Dos elétrons que emigram
Do corpo da matéria.

Canção de um tempo de onde
Nada vem, nada acontece.
O vazio das lágrimas choradas

Nesse tempo sem tempo e sem memória;
Em prantos e ternuras que se esvaíram,
Sem que houvesse dia,
Sem que houvesse noite,
Lacrimados pelo tempo sem tempo.

Minimização cada vez mais mínima
Se anulará para a vida humana
E todos reduzidos, a nada destruídos,
Vão se apagando como o rio que naufragou.

Um rio independente que surgiu
E se apagou de uma vez dentro das águas.

Nesta primeira parte da Canção, Joaquim Cardozo em nenhum momento se refere às dimensões empíricas e psicológicas do tempo. O reconhecimento desse fenômeno tem importância tanto para a crítica literária quanto para a teoria do poema. As dimensões observadas pertencem ao campo da física moderna e, assim, o poema atende às exigências da teorização de Baudelaire sobre o sentido da arte na era técnica. No poema "Canção que veio de um sonho negro" — Joaquim Cardozo já inicia a reflexão que vai desenvolver na canção seguinte, a última do livro, quando fala do Cinturão de Van Allen, as cintas que protegem a vida na Terra da constante chuva de raios cósmicos vindos das profundezas do espaço. Esse cinturão é constituído de prótons que em grande altura envolve o nosso planeta, e está relacionado ao campo magnético da Terra. Quando os raios cósmicos alcançam o Cinturão de Van Allen são desviados para o pólo magnético e, assim ficamos protegidos contra essa radiação letal.

Na segunda parte da "Canção de um tempo sem tempo", Joaquim Cardozo expõe toda a dramaticidade do que foi exposto na primeira parte:

Esta canção é mais do que poesia
Além de verso e ritmo
Mesmo poesia métrica e elegíaca
Esta canção é de forma visionária
É uma canção de forma e contraforma,
De um tempo sem tempo.

É de ausência entre ausências
É o nada do nada e outros nada.

Pois tudo se esvai na noite dos tempos;
É do tempo, sem tempo e sem memória
Sem qualquer sinal recordativo.
Apesar disso, agora, a música do tempo
Vai passando na pauta indefinida,
Em que se escreveu esta canção.

Esta música e canto e cantochão
A que se regeira e se regeu;
Essa música circula
Num círculo que se abre e que se fecha.
Um círculo que está sempre se voltando.

Esta música está sempre numa esfera
Girando e regirando ao mesmo tempo;
Um ciclo que sempre está revindo
Numa simples circulação solar.

Nas teclas que são de nitrogênio
E nas que de carbono se transformam
Surtem sempre hidrogênio.
E de nova girando, oxigênio
Num rodar perene e musical.

É o ciclo da luz, da luz do Sol.

Felix de Athayde, que escreveu a orelha do livro, diz que as **Nove Canções Sombrias** são a reflexão mais apurada, e contundente, e no entanto, poética que o poeta brasileiro fez sobre "um país noturno" que começou e continua num "abril sem fim". A interpretação está, pos-

sivelmente, correta, pois o caráter conotativo da linguagem poética deve possuir vários níveis de sentido. Mas isso não invalida as considerações que acabo de fazer, uma vez que foi através dos elementos apontados, que Joaquim Cardozo armou a construção de seu edifício poético. Em sua afirmativa de que "esta canção é mais do que poesia, verso, ritmo, poesia elegíaca e mélica", está colocado o desafio ao leitor. Na realidade, ao falar de "forma e contraforma" e de "ausência entre ausências", do "nada do nada e outros nada", Joaquim Cardozo está poetizando a teoria da antimatéria, antitempo, ou antipartícula que é igual a ausência de partícula. Ao falar do "ciclo", do "carbono", "hidrogênio" e "oxigênio", está falando do tempo cíclico, igual a teoria do Universo oscilante. "Tudo isso é tema para físicos e também para poetas", digo numa passagem do **Tambor Cósmico**. Pois o tempo e o cosmos estão diretamente relacionados ao homem e o seu destino na Terra. E esses são também os temas de minha experiência desde que comecei a escrever poesia.

César Leal: Uma Visão Interdisciplinar da Crítica

Ronald M. Rassner

"O poder das palavras é realmente aterrador. O próprio som pode influenciar no sentimento de alguém sobre o que se está acostumado a ouvir. Este ritmo de linguagem é um rasgo misterioso que provavelmente indica unidades biológicas de pensamento e sentimento que ainda são completamente inexploradas". (1).

O problema pouco enfatizado na "leitura" de trabalhos literários tem sido, e continua a ser, o problema dos limites metodológicos. Isto sem mencionar a "selva" (Wilderness) metodológica que nos confronta, nem o desafio humanista em neurofisiologia e bioestética. Suzanne Langer já notou este dilema de não termos no momento acesso científico aos fenômenos reais do sentimento. (2).

"Sentimento" é simultaneamente a fonte da criação, o reino solitário da crítica, e a terra prometida do auditório. O meio termo afetivo entre o crítico e seus leitores (ouvintes ou investigadores) pode ser a poesia de Joaquim Cardozo, T. S. Eliot, Pablo Neruda, Abgar Renault, Dante ou Camões. Ou, no caso do poeta-crítico César Leal, o meio poderia existir como uma leitura de noções mais eruditas e astrais: as leis físicas de Planck e Einstein, Dirac e Heisenberg. Pode ser, como o Professor César Leal sugere, que investigações humanistas en-

contrem sua própria resolução através de analogia com a Teoria dos quanta, ondas e partículas.

César Leal "lê" as leis da física, porque, por um lado, o criticismo literário tradicional é por demais orientado quanto ao texto (formalismo, estruturalismo) ou diz respeito à continuidade-descontinuidade histórica (Marxismo) para explicar de imediato as dinâmicas do processo comunicativo na arte. Por outro lado, o criticismo contemporâneo **mais intrínseco** finalmente mudou de rumo, tornou-se assunto-como-foco, escritor-como-resposta, leitor-como-auditório, e mudou em direção ao "texto" escrito como uma declaração comunicativa. Estou referindo-me ao cânon criando e quebrando os pós-estruturalistas (desconstrutivistas) e, mais especificamente, as teorias da estética da recepção, de Wolfgang Iser. Iser exige uma dialética entre o texto e o leitor para não mencionar a dialética entre o texto e o escritor), isto é, sua interação; e esboça "uma discussão intersubjetiva de interpretações individuais", explicando que "o significado é imagístico em caráter" e que "o significado só pode ser apreendido como uma imagem" (3).

Dáí existir um problema inerente. Para se explicar "imagem", inquestionavelmente, o veículo primário da comunicação intertextual é inter-individual, o crítico necessita da força fornecida pelos estudos de física, biologia, neurofisiologia, e outras ciências. O sucesso do criticismo literário (ou de arte) no próximo século dependerá inteiramente do crítico-tornado-verdadeiro interdisciplinador. É para essa área que aponta a crítica de César Leal.

Mas hoje, para onde se voltam os críticos literários? Eles se encontram numa posição peculiar no fulcro teórico. O modo já foi prognosticado: a teoria literária procura apoio de outras disciplinas, de sistemas análogos de comunicação mais intimamente ligados para evo-

car sentimento, e explicar o significado através do sentimento. Pois, se a imagem é o veículo da comunicação, o sentimento é a força condutora (e escondida) atrás da imagem. Lembre-se que Arte foi definida como a expressão simbólica do conhecimento do sentimento por parte do artista (4). E como críticos de Arte, devemos aceitar o alvo universal de cada trabalho de arte. (5). As fronteiras entre os gêneros não mais existem nesta nova era da crítica literária. Do mesmo modo que César Leal "debruça-se sobre" o Princípio da Incerteza de Heisenberg para explicar imagens de atemporalidade criadas pelos nossos maiores poetas, no momento, me apoiarei em noções de música e de mito para explicar as noções de tempo de César Leal. Não há outras formas de arte em que a imagem, o espaço e o tempo demonstrem suas valências tão bem.

A música é não-verbal; contudo é acústica; não-visual mas imagística. De igual modo é o mito, distinto em seu verbalismo, contudo paralelo à lógica musical em seu uso dos padrões de linguagem. Ambos mantêm a comunicação através do sentimento. E Levi-Strauss enfatizou sua justaposição mais importante:

"A verdadeira resposta está para ser encontrada na característica que o mito e a música compartilham em serem ambas linguagens que, de modos diferentes, transcendem a expressão articulada, enquanto que ao mesmo tempo...

exigem uma dimensão temporal para se desdobrarem" (6).
(grifo meu)

Isto, então, torna-se a arena para discussão: qual é esta dimensão temporal compartilhada não somente pela música e pelo mito, como também pela poesia? Levi-

Strauss então acrescenta um comentário pertinente não somente à música e ao mito, mas aos estudos comparativos em geral:

Mas esta relação com o tempo é de uma natureza um tanto especial: **é como se a música e a mitologia necessitassem do tempo somente para negá-lo**. Ambas, na realidade, são instrumentos para a **obliteração do tempo**. (7).

É precisamente esta remoção/negação do tempo (o original francês à supprimer de temps) que se torna o assunto do ensaio chave de César Leal, "Dimensões temporais na Poesia". Essa visão do criticismo de César Leal, aplicada ao estudo da poesia, representa um avanço no âmbito da crítica teorizante.

A música e o mito "suprime" o tempo de vários modos. No nível mais simplista, a música e o tempo da narrativa quebram com o real, ou com o tempo cronológico. Ambas as formas de arte criam suas dimensões temporais respectivas; simultaneamente usando tempo real com tempo "virtual" (sua semelhança, um outro termo Langeriano). O tempo virtual cria a ilusão de tensões e relaxamentos. A credibilidade desta ilusão está diretamente relacionada com o sucesso-na-comunicação de qualquer forma-de-arte. O "jogo" do tempo (em um sentido desconstrutivo) é a coisa na música e no mito. A manipulação do tempo pode ser mais facilmente descrita com este exemplo, um exemplo usado de forma quase oculta (inobtrusively), por Levi-Strauss. Na edição original francesa de **Le Cru et le Cuit**, ele inclui uma tradicional canção de ninar inglesa rimada por trás da capa da frente do seu texto. Completamente esquecida pelos seus tradutores ingleses, indaga-se sobre sua significação "vis-à-vis" **Le Cru et le Cuit**.

Cante uma canção de seis centavos

Um bolso cheio de centeio

Vinte e quatro pássaros negros

Cozidos em uma torta

Quando a torta foi aberta

Os pássaros começaram a cantar

Não foi este um prato delicado

para ser posto perante o rei?

O jogo com o tempo da canção de ninar rimada torna-se evidente: Os pássaros são cozidos e **depois** cantam. Esta imagem reverte o tempo real para criar sua impressão. E a imagem repentinamente armazena força além de seu uso imediato — **a remoção do tempo e a história, colocando em primeiro** plano paradigmas atemporais: a imagem da carne do Castelo do Sol soprando sobre os Espíritos; o passarinho queniano Agiryana Kanyana cantando enquanto é morto, temperado e comido; o macaco brasileiro advertindo a velha senhora enquanto esta se senta sobre sua carcassa cozida...

Uma vez que a imagem é identificada, exposta, e evidenciada (como por exemplo, com a escolha do "tempo" pelo poeta César Leal), ela permanece lacrada dentro do seu contexto, dentro do único poema estudado, ou refere-se sincronicamente a imagens retensivas e pro-tensivas dentro das tradições poéticas brasileiras, ou sulamericanas ou mundiais?

A fim de que o criticismo literário tenha credibilidade hoje, o crítico deve sentir e comunicar vários atos simultaneamente. Em qualquer obra de arte, o "ritmo" crítico e o "fluxo" da imagem estão operando em pelo menos três níveis: 1) o "texto" imediato; 2) a tradição circunvizinha (comunitária e culturalmente ligada); 3) e aquelas outras tradições e sistemas (culturais) coordenados e conhecidos por alguns indivíduos. Todos os três níveis apresentam um impasse aparentemente contraditório.

rio. Podemos, de um lado, congelar a imagem em um único texto, como se fôssemos interromper o tempo, congelando as imagens em movimento? E, reciprocamente, podemos aceitar o fluxo incessante de uma imagem através das sociedades, através dos continentes? Ambos os extremos são permissíveis e cruciais para a crítica literária se aquiescermos com Levi-Strauss. Pois ambos os processos deferem-se nele. O **supprimer** do tempo é sua omissão, descontinuação, remoção, negação. Se colocarmos um fim ao tempo, se abolirmos o tempo, então todas as formas de arte de todos os sistemas através da história, tornam-se relevantes dependendo do ângulo crítico de percepção. (Isto é, do indivíduo crítico).

E se o "ato de ouvir (o mito ou a música) imobiliza o tempo fugitivo", então o fluxo pode na realidade ser represado para inspeção. A escolha de **supprimer** (**sub + premere**) feita por Levi-Strauss tem o significado obsoleto de "comprimir", e como analistas podemos "comprimir" a imagem momentaneamente, apenas para permití-la que nasça de novo no seu fluxo inerente e incessante. Teoricamente possível apenas, pragmaticamente não há ação que pare o tempo; a diacronia implica no movimento/mudanças temporais; a sincronia implica em movimento/mudanças atemporais. Não temos vocábulos nem terreno para as dissecações pragmáticas de análise, para isocronos congelados. A imagem é arte-em-movimento (9). Uma vez criadas as imagens tornam-se transmitidas/comunicadas/codificadas e existem onde quer que a inclinação ou a necessidade exija sua recriação. Conjurar a imagem do tempo, como o faz César Leal em "Dimensões Temporais da Poesia", é finalmente evocar o jogo do tempo em todas as formas de arte em cada canto do mundo.

BIBLIOGRAFIA

Suzanne K. Langer, **Feeling and Form**, New York: Charles Scribner's Sons, 1953, p. 238.

2. Suzanne K. Langer, **Mind: An Essay ou Human Feeling**, Baltimore: John Hopkins Press, 1967, p. XVI.
3. Wolfgang Iser, **The Act or Reading**, Baltimore: John's Hopkins Press, 1978, p. X, 8 and 9.
4. Langer, **Mind**, p. XV.
5. Langer, **Feeling**, p. 260.
6. Claude Levi-Strauss, **The Raw and the Cooked**, New York: Harper and Row, 1975, p. 15.
7. *Ibid*, p. 16.

Tradução do Prof. Alan Magalhães Costa, Ph D. em Literatura norte-americana.

Universidade e o Pensamento Científico-Cultural

Marcionilo de Barros Lins

Não é de hoje que os grandes mestres da educação brasileira estão preocupados com os rumos das nossas universidades. Desde a década de 60, Anísio Teixeira, inesquecível pensador do nosso processo educacional, questionava sobre os caminhos de nossas universidades e as premissas defeituosas sobre as quais a Universidade Brasileira se expandiu. Relata, com muita clareza, no seu livro, a angústia vivida pela sociedade, para termos uma universidade capacitada para traçar definitivamente o nosso pensamento cultural e apoiar o desenvolvimento científico e sócio-econômico. Sabemos que, infelizmente, o começo de nossas universidades foi o mais frágil que se podia imaginar. Todas começaram com professores de tempo parcial e reunião de escolas profissionais. O único compromisso de uma universidade de tal estrutura é simplesmente ministrar aulas, na grande maioria das vezes aulas magistrais e, finda a aula, todos para casa, mestres e alunos. Será que isto é de fato uma universidade? Será que este tipo de universidade formará, realmente, os recursos humanos necessários à geração de um pensamento científico-cultural? As universidades se descaracterizaram como "Casa do Saber", surgindo, então, um outro tipo de universidade, comprometida com formação pura e simples de pessoal para diversos ramos de atividade profissional, com preparo bastante duvidoso. Como afirmavam Anísio Teixeira e vários outros estudiosos sobre o assunto, as universidades se

firmaram como um conjunto de "escolas" reunidas com uma reitoria distribuindo verbas para pagamento dos docentes e sua manutenção. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional procurando, em parte, melhor traduzir o que pretendíamos da Universidade, passou a exigir que, para haver uma universidade, era necessário ter uma Faculdade de Filosofia, influência, sem dúvida, do modelo europeu, pois, não pode haver universidade sem um centro propagador do conhecimento científico. As nossas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, que foram institucionalizadas com este pomposo nome, jamais cumpriram sua missão como centro irradiador do saber e da integração universitária ao contrário, na sua grande maioria, se tornaram uma "escola profissional" a mais e, como faculdade profissionais, passaram a formar professores para o ensino médio. A meu ver, nem isto desempenharam bem, resultando daí um ensino médio de péssima qualidade. Repetiram os erros das demais escolas de tempo parcial, sem compromisso com a universidade, meras repetidoras de aulas. Claro que houve exceção e a mais marcante é a da USP (Universidade de São Paulo), cuja Faculdade de Filosofia, devido à influência dos mestres europeus que foram contratados na época. Quem esquece, por exemplo, em Química, a influência de Rheinboldt e de Hauptmann, que criaram escolas notáveis, ainda hoje representativas cientificamente no cenário nacional e internacional, em São Paulo. Quem pode esquecer a escola humanística paulista? Os professores trabalhavam em tempo integral e dedicação exclusiva, portanto, à semelhança das universidades dos demais países, exerciam atividades criadoras. A pesquisa, no conceito da Universidade de Humboldt, é essencial à atividade docente, verdadeiro pré-requisito. Muitos argumentariam, como fazer pesquisa? Respondo, basta uma boa cabeça. Pesquisa não se faz unicamente com equipamentos modernos, ultra-sofisticados, se faz também com equipamentos outros e que funcionam muito bem. O necessário é a postura do professor, sua atitude

e sua convicção de que a atividade de pesquisa é indispensável à formação do pensamento cultural e científico. A leitura dos artigos de Anísio Teixeira, na sua quase totalidade publicados na Folha de São Paulo, ilustram, sobretudo, como havia uma posição firmada e um conceito estabelecido, que as universidades precisariam mudar. É o que queremos ainda hoje, que ela represente o local do saber, de onde deverão emanar as bases definitivas do nosso conhecimento científico e o pensamento cultural. Partimos de um modelo de escolas profissionais sem professor de tempo integral, incluímos como profissionais as "Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras", modelo europeu, próximo ao usado na França, e ainda sentíamos que faltava o principal, faltava a verdadeira universidade. O amadurecimento de um pensamento universitário é lento, precisa ser detectado no momento certo e, infelizmente, no Brasil tudo é feito depressa, sem uma fria reflexão e procurando sempre imitar ou copiar A ou B. Para sairmos do que temos para uma universidade verdadeira, pelo menos duas premissas básicas teriam que ser bem debatidas e estudadas em profundidade: 1) Que tipo de resposta pretendíamos das universidades para a comunidade se beneficiar e, portanto, o país sentir os efeitos de sua criação: 2) Qual o compromisso a exigir dos professores e dos administradores de uma universidade? Como remunerá-los bem a fim de que dediquem todo tempo à universidade como um compromisso definitivo a serviço da comunidade.

Se tivéssemos partido destas duas premissas teríamos evitado vários erros ou omissões, mas, as duas premissas citadas indicam claramente que teríamos que ter pensado antes de tudo na qualidade do material humano a ser recrutado e tomar como ponto básico de ação a formação de novos recursos humanos para atingirmos uma massa crítica ponderável. O nosso grande e primeiro equívoco antecedeu a reforma universitária e não tenho dúvidas em afirmar que erramos porque pensa-

mos muito mais no material e no físico, isto é, nos pródios, aparências e vários outros supérfluos, quando deveríamos ter pensado no tipo de universidade reclamada, pelo estágio cultural e desenvolvimentista do País. Se tivéssemos pensado na qualidade do material humano a ser recrutado e no aprimoramento crescente desse material, a nossa história, tenho certeza, hoje seria diferente. Por outro lado, não houve uma política de implantação das universidades oficiais nem mesmo particulares e, sim, decisões esparsas ditadas pelo prestígio ora de uma "unidade da federação", ora pelo prestígio pessoal dos governantes. Resumindo, não foi estudado e discutido em profundidade, mas muito superficialmente, não se buscou alternativas se melhor seria que os "estados" implantassem o "sistema universitário" dentro dos critérios de cada um, e o governo central seria o grande incentivador e mesmo o forte financiador, como é atualmente, para dar maior estabilidade às instituições universitárias, ou mesmo escolas superiores isoladas, não se discutiu em cada "Estado" a necessidade de interiorização, com grandes repercussões no processo da evolução industrial, resultando a grande maioria dos Estados com várias universidades oficiais concentradas nas capitais, servindo, inclusive, de alimentação ao fluxo migratório, com o aumento crescente da super-população dos grandes centros urbanos. Mais uma vez, sempre apressados e, mediante processo de cópia e imitação, ganhamos em quantidade e perdemos em qualidade. A constituição de uma universidade deveria partir de estudos sérios da problemática educacional e do futuro do País. A agregação de outras escolas ou faculdades profissionais existentes seria estudada com vistas a cada caso e a estrutura sócio-econômica da região, pois, a simples agregação, por decreto, tumultua o processo e deforma a universidade. Era preciso pensar na melhor oportunidade para se instalar uma universidade e nunca instalar por obrigação legal, proibindo-se, quase, a existência das escolas profissionais isoladas. Daí, hoje existirem tantas perguntas sem

resposta. Será que nosso ensino superior melhorou com a criação desenfreada de universidades? E o ensino agrícola melhorou com a criação de várias universidades rurais? Não sei francamente o que responder. Será que o ensino de ciências, realmente, está em nível de uma universidade? Nossa produção científica corresponde ao número de docentes das universidades? No entanto, os reclamos nacionais são indicadores de que é preciso uma análise profunda para evitar novos erros. Outro aspecto que desejaria ressaltar é a hora certa das decisões políticas e ações do governo. A educação somente pode ser estudada de modo integrado, isto é, 1.º grau, 2.º grau e superior, ou 3.º grau, isto é, uma trindade que se intercomunica e mantém íntima dependência entre si. Não se pode ter uma excelência em ensino superior com o ensino médio fraco, pois isto se refletirá, fatalmente, no ensino universitário. Mas, uma pergunta da mais alta reflexão é como evitar o aumento de matrículas nas universidades, hoje, inchadas de alunos? Como adequar as estruturas vigentes para o futuro ano 2.000. Pessoalmente, distingo duas fases no processo evolutivo das nossas universidades; a anterior à Universidade de Brasília e a posterior à UNB. Sem dúvida alguma, a Universidade de Brasília, inspirada no conceito de uma universidade moderna, como pensavam Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, nos trouxe um modelo totalmente diferente do existente. Situada em o novo Distrito Federal ela nascia como universidade e dela partiram as normas e a estrutura mais flexível. Houve tempo de refletir e discutir o modelo. Nada tinha, portanto, a encampar, ou seja, nada pré-existente. Podia começar com um centro do saber no conceito Humboldtiano. Começou visando recrutar os recursos humanos de excelência, partindo do pressuposto da necessidade de oferecer um novo modelo, concebido como centro de irradiação do saber científico cultural. O modelo de Brasília, sem dúvida, influenciou os pensadores educacionais da reforma atual, Lei 5540 e outros decretos, mas, na realidade, as universidades federais já

existentes, pouco assimilaram da nova proposta. Talvez porque foi colocada de certa maneira como imposição, o melhor teria sido fixar as normas gerais e deixar cada uma, dentro de sua característica local, escolher o modelo a seguir.

Antes mesmo da reforma ser promulgada, as universidades já se auto-analisavam e algumas, timidamente, tentavam mudanças. A Universidade Federal de Minas Gerais, na gestão do Reitor Aluísio Pimenta, criou e instalou "Institutos Básicos", e reestruturou suas escolas e faculdades. A UFPE tentou mudar e chegou a criar vários institutos, mas, o modelo de "Brasília" tinha características bastante inovadoras, integrando no vertical e no horizontal. Era a primeira reação oficial à **Cátedra**, ou melhor, à figura do catedrático no poder onipotente. Trazia no bojo da universidade os chamados Institutos Centrais, local onde se ministram os cursos básicos e em certos casos o ulterior ao básico. Além disso, para as grandes áreas diferenciadas, os centros, como os de Ciências da Saúde, e de Tecnologia e o de Ciências Sociais Aplicadas. Com isto, teríamos a predominância dos cursos sobre as faculdades e escolas, o que quer dizer não haveria mais cursos de uma única faculdade, mas, sempre um conjunto de unidades, especificando-se, apenas, alguns segmentos dos centros profissionais. Os professores não eram vitalícios e, sim, celetistas, funcionários de uma fundação, ao contrário das universidades públicas existentes, que eram autarquias, com quadros estáveis. Introduzimos, com Brasília, dois tipos de universidades públicas, o modelo autárquico clássico do governo, com salários e demais itens orçamentários, dentro das regras do DASP e as Fundações com maior liberdade no uso das rubricas orçamentárias. O sistema CLT, permitindo melhores salários, embora não garantida total estabilidade. Infelizmente, "Brasília" não conseguiu se firmar ainda como grande centro nacional de estudos avançados, ou pós-graduados, dado à grande influên-

cia política da capital federal com constantes crises acadêmico-administrativas.

O modelo único, para as Universidades Federais, não é o ideal. Pode ser o mais econômico do ponto de vista do DASP. O ideal seria termos mais de um modelo, até mesmo no que diz respeito à absorção de pessoal. O sistema clássico CLT, sem garantia de estabilidade e um sistema com estabilidade assegurada, por exemplo. As universidades fixariam o percentual dos celetistas e dos efetivos, bem como os mecanismos de absorção e os quantitativos de salários. O sistema CLT comum seria a maneira fácil de mantermos atualizado o quadro, as emergências e, sobretudo, a absorção rápida dos mais dotados e especialistas. Seria um agente provocador de estímulo ao próprio sistema de efetivos ou estáveis. Por outro lado, a qualidade do pessoal docente a ser escolhido no sistema CLT seria sempre seletiva, através de concurso de títulos e provas, e o caminho para efetivação seria longo, bem avaliado e gradualista, em função da produtividade.

Antes da reforma, a pedra de toque da estrutura era a Cátedra, hoje é o Departamento. Não há dúvida que o sistema departamental é melhor e mais amplo que o sistema fechado de cadeiras isoladas, que culminaram com uma estrutura de poder nas mãos de uma minoria. Mas, departamento não significa a perda da hierarquia acadêmica. Aqui está outro grande equívoco da maioria das nossas universidades. Os nossos departamentos, criados para ampliar a integração universitária, aumentaram a desintegração. Na maioria dos casos foram dominados por grupos incompetentes que se tornaram mais poderosos que as antigas cátedras. O desenvolvimento horizontal das áreas de conhecimento tornaram praticamente impossível o domínio total das áreas por um único professor. Exigem-se conhecimentos verticais profundos. Tomemos como exemplo a Física. Há centenas de enfoques para aprofundar novos conhecimentos, como

Física do Estado Sólido, Atomística, etc... Então, o departamento integra internamente, áreas no sentido horizontal e vertical. O departamento procura com a integração destas áreas no sentido horizontal, a compatibilização dos planos de pesquisa e ensino. Para melhor exemplificar, no antigo sistema de cátedras tínhamos várias cátedras isoladas de Física, talvez com o mesmo título Física I, Física II, etc., formando um sistema isolado, independente e muito caro. O departamento visa integrar o grupo de pesquisa-ensino num só lugar, com diversas especialidades, com economia de equipamento, biblioteca, etc... O que não se definiu até hoje, na maioria das universidades, foram as estruturas internas dos departamentos com respeito às diversas atividades e à distribuição dos cargos de titular, adjunto, assistente e auxiliares. Por outro lado, o sistema de rodízio, com mandatos curtos de dois ou três anos, para as chefias, vem contribuindo para o aumento da instabilidade, do atraso dos programas de ensino e pesquisa, com a constante mudança de orientação dos mesmos, aumentando a atividade política interna. Cuida-se mais de eleição para chefia que do programa de ensino e pesquisa. É importante salientar que adotamos o sistema departamental ao invés de cátedras. Urge estudar, em profundidade, o nosso sistema departamental. Em primeiro lugar, fixar a distribuição de cargos de professores nos diversos departamentos. As pré-qualificações de pessoal para serem escolhidos; em segundo lugar, a escolha da chefia deverá ser mediante uma seleção nacional ampla. Portanto, se há um departamento vago no Recife, por que o novo chefe não poderá vir de outra universidade? Em certos casos, até mesmo de universidades estrangeiras, o que seria raro, é lógico, mas isto aumentaria muito a integração dos valores nacionais. A seleção por uma comissão de cinco membros, sendo três estranhos ao departamento e especialistas, seria designada pelo Conselho Universitário ou pelo Conselho de Ensino e Pesquisa. Os mandatos dos chefes seriam, então, longos, cerca de seis ou mesmo oito anos,

com recondução, ou mandatos sem prazo, podendo o chefe pedir seu afastamento a qualquer tempo ou ser afastado pelo Pleno ou pelo Conselho Universitário, de acordo com as normas regimentais existentes e, definir com clareza e vigor, a qualidade para as chefias, prefixando, em edital, as condições de inscrição. Uma solução adequada para as chefias de departamento; pelo menos em grau de hierarquia, precisa ser imediatamente bem definido, a fim de que tenhamos, além da qualificação, maior estabilidade nos programas de pesquisa e ensino. Voltando a citar Anísio Teixeira, o mais importante é fixarmos tais estudos sobre o que pretendemos com os modelos universitários gerados até agora para, então, podermos, realmente, qualificar a universidade dentro do pensamento de uma casa de pesquisa e criadora do saber, capaz de afirmar a nossa expressão cultural. A universidade deste tipo, como historicamente nos mostraram, no passado, as nossas "Escolas Médicas", exigem reduzido número de matrículas e excelência docente e discente. Com o crescimento da população estudantil e poucos recursos humanos, fatalmente teremos pior ensino, face o aniquilamento da pesquisa. O que está aí não é fácil corrigir. Temos que analisar com frieza, pensar e refletir sobre as principais vias de saída. Uma das metas realmente significativa do período atual foi, sem dúvida, a institucionalização da pós-graduação, com o brilhante parecer de Newton Sucupira, outro grande pensador do nosso sistema educacional e este é o caminho certo para qualificação. O que visa o ensino pós-graduado senão a formação de quadros para pesquisa e a docência? Claro que é isto. Foi o que ocorreu nas várias Nações em todo o mundo, que conseguiram estabilizar seu pensamento universitário, mas nós, mais uma vez resolvemos expandir sem as necessárias medidas, a pós-graduação, a legislação inicial do Prof. Sucupira prevendo Centros Nacionais de pós-graduação, foram extintos antes de serem implantados e, hoje, estamos às voltas com a reavaliação da pós-graduação. É um grande equívoco pensar que vamos ter todas as universi-

dades ótimas. É impossível evitar segmentos que se destaquem, dentro das universidades, como centros de excelência. É o que acontece em todo o processo universitário na busca de melhor afirmação como instrumento real do saber. No meu entender, não é impossível desenvolvermos um bom sistema de pós-graduação no País, mas, que isto se processe dentro de um processo natural de evolução de um pensamento científico e nunca por decreto ou decisão apressada de quem quer que seja.

Baseado nas experiências existentes, sabemos que há, atualmente, cursos ótimos. Sabemos, perfeitamente, que a universidade que almejamos é a de fonte do saber, portanto, é a universidade onde o ensino há que ser de excelente qualidade, tendo como tema central, a pesquisa, portanto, esta universidade é incompatível com os docentes, discentes e o corpo técnico auxiliar em tempo parcial. A pós-graduação devia ser resultante de atividades de diferentes núcleos de pesquisa existentes e nunca implantada de cima para baixo. A universidade de tempo parcial é incompatível com tal atividade. A pós-graduação não é terminal, a não ser aparentemente. Ninguém deve parar porque conseguiu o doutoramento; ao contrário, aí é que é necessário trabalhar ativamente na busca de consolidação do saber e só assim formaremos massa crítica de gente capacitada.

A universidade que se pretende atingir não é aquela que forma profissionais, mas a que além disso forma os quadros de pesquisadores, estimula e consagra uma ação de pesquisa como elemento fundamental, visando consolidar um conhecimento básico capaz de inovar e criar e, sobretudo, definir um pensamento científico-cultural. Universidades deste porte seriam destaque nos centros nacionais onde estiverem inseridas e seriam portadoras de pensamento próprio, buscando a independência cultural de nossa pátria. A qualidade há de ser preservada para mestres e estudantes, então, o processo de seleção dos estudantes deverá ser muito bem feito, a fim

de evitar exatamente que galguem as universidades estudantes cujo nível de ensino esteja aquém do nível desejado pela universidade.

REFERÊNCIAS

- 1 — Newton Sucupira — **Reflexões sobre a idéia de universidade em sua condição atual** — Salvador (1973).
- 2 — Anísio Teixeira — **Educação no Brasil** — Cia. Editora Nacional MEC (1976).
- 3 — Della Santa T. — **Situação da pós-graduação** — MEC CAPES (1979).
- 4 — **Educação, Pesquisa e Desenvolvimento** — Visão Brasileira Editada por Pedro Goergeu (CAPES 1979).
- 5 — Alfredo Gostal — **A Universidade e o Desenvolvimento Social** — Educação Brasileira — Rev. Conselho de Reitores Universidades Brasileiras (2.º Semestre 1983) Ano 5 - N.º 11.
- 6 — George Browne Rego — **A Evolução do Ensino Brasileiro (Com Ênfase 1.º Grau)** — Lei 4024/61 — 5692/71. Secretaria da Educação de Pernambuco — Divisão de Avaliação e Pesquisa (Recife 1982).

O Princípio da Autencidade em “Seis Personagens à Procura de Autor” de Pirandello

Leônidas Câmara

“Seis Personagens à Procura de Autor”, uma “comédia a construir”, foi encenada pelo Teatro Valle de Roma, pela primeira vez, a 10 de maio de 1921. Logo a peça alcançou grande repercussão mundial, mas os críticos, na sua maioria, não entenderam as intenções do autor. Daí o famoso prefácio à nona edição, de 1930, um dos melhores exemplares modernos de auto-reflexão crítica e um dos textos fundamentais da dramaturgia contemporânea que rompe com as regras do realismo convencional e abre amplas perspectivas de trabalho no palco para autores da categoria de Cocteau, Eliot e Lorca e para a fundação do “teatro-poesia”. Do ângulo da crítica de literatura dramática, o prefácio e a peça têm fundamental importância, contribuindo tanto para a renovação do teatro quanto os textos de Antonin Artaud em “O Teatro e Seu Duplo” e o “O Teatro da Crueldade” ou as categorias anti-aristotélicas do teatro épico, de Brecht, embora tais posições em planos diferentes. O que importa, entretanto, é a superação do teatro realista convencional e mais que isso a possibilidade de uma nova estética filosófica como base para o texto dramático. Interessa à nossa análise retomar o tema de Pirandello do ponto de vista da atualização estética do seu pensamento quanto às categorias da autencidade e da identidade. A identidade como procura de uma harmonia entre o ser, como sujeito da per-

cepção do objeto e o próprio objeto, e a autenticidade como reconhecimento de um estatuto ontológico para as coisas produzidas pela arte e dadas à contemplação, isto é, reveladas à consciência como realidades concretas. Enfim, a real experiência estética.

Quando lemos um texto da categoria do de Edgar Allan Poe — “A Filosofia da Composição” — estamos diante de um virtuosismo técnico e de uma posterior justificação for mal de procedimentos poéticos na fatura de uma obra, que o autor pretende ter sido planejada como um trabalho de “engenheiro”. O poema “O Corvo” supraditado pela lógica da composição e é só com benevolência que aceitamos o raciocínio preconcebendo a emoção lírica... No caso de Pirandello, o seu prefácio nasceu da necessidade de orientar os críticos e indo além desse propósito, mero pretexto provocado pela irritação de não ver uma obra bem compreendida, o autor fundamenta toda uma atitude não só diante do teatro como instrumento do seu trabalho, mas diante mesmo da matéria da vida e da sua reação diante da arte como forma. Ou melhor: o contraste absoluto entre a mutabilidade da existência trivial e a imutabilidade da arte como fantasia pura e criação de seres autônomos. Sempre me fascinou o tom comovente e sincero de Pirandello no seu prefácio, escrito quando o autor atingia sessenta e três anos, havia adquirido fama internacional e experimentado na própria vida uma série de experiências capazes de fazê-lo retomar o seu tema obsessivo numa profundidade mais surpreendente que a peça como ficção dentro da ficção.

Pirandello situa-se numa perspectiva filosófica prévia à criação e até mesmo anterior à espontaneidade da fantasia dramática, o prefácio de 1930 uma confissão das obsessões que o perseguiram num extenso período da sua existência e das quais julgou se livrar pela projeção cênica, como se o drama, irrealizável, encontrasse o seu ritmo próprio numa comédia de equívocos. Uma comédia

de feição barroca, como tantos já notaram, ao modo do “teatro dentro do teatro”. Mas a irrealização do drama não elide a consecução da comédia, como a vida não elimina o sonho para impor a sua verdade pragmática sobre a verdade onírica. O contrário pode acontecer numa categoria fantástica, bastante para tanto conceder à arte os direitos de auto-afirmação e à fantasia o poder de gerar os seus entes, uma relação entre o desejo e a necessidade. Pirandello revela no prefácio: — “Criaturas do meu espírito, aqueles seis personagens viviam uma vida que lhes era própria, que já não era minha, uma vida que não dependia mais de mim negar-lhe”.

Sabe-se que Pirandello se sentiu compelido, a certa altura da sua carreira de romancista, a escrever a história daquela família enlutada, as seis personagens se constituindo numa verdadeira obsessão. Talvez ao menos um conto fosse possível conceber. Desistiu da idéia, tentou esquecer o projeto, mas não conseguiu, afinal, libertar-se daqueles entes de consistência virtualmente física ou “orgânica”, pois “nascidos com vida, queriam viver”. Uma vida que para Pirandello deveria encontrar uma eternidade na forma.

Um resumo do enredo da peça pode encerrar os seguintes pontos:

O Diretor, os atores e os artífices de uma companhia se preparam, pela manhã, para o ensaio do segundo ato da peça de Pirandello — “Cada qual o seu papel”. Os trabalhos são bruscamente interrompidos pela intromissão de uma família que guarda luto fechado. São o Pai, a Mãe, uma moça “belíssima”, um rapaz adulto, um rapaziinho de quatorze anos, uma menina. Solicita o grupo que no lugar do ensaio, o Diretor assuma a função de Autor e faça representar no palco o seu drama. Essas “criaturas da fantasia” divergem na postura, nas vestes ltuosas e nas falas. O pai é compenetrado, quase solene e às ve-

zes irônico ou amargo, veste-se de modo grave. A mãe, de olhos baixos e extrema lividez, está completamente de negro e cobre o rosto com um véu; a enteada, zombeteira e histriônica, usa o luto de uma forma sofisticada e elegante; a menina está de branco com uma cinta ou franja negra na cintura; o rapaz, desdenhoso e distante, veste "um casaco violáceo" e uma espécie de xale verde. O menino está de luto fechado. Pirandello recomenda aos encenadores o uso de máscaras para as seis personagens, "pois isso contribuiria a dar a impressão da figura construída por meio da arte e fixada cada uma imutavelmente na expressão do próprio sentimento fundamental".

Logo Diretor e atores se aborrecem com a invasão do palco, conquanto depois se divertam com a circunstância exótica daquelas figuras bizarras. O Diretor recusa encenar aquele drama, nele não encontrando possibilidade de público ou êxito comercial. O Diretor não é um Autor e sequer conhece a verdadeira natureza do drama que se abate sobre aquela família. Entretanto trava-se já o conflito entre as personagens, a progressão dramática avançando de uma forma caótica, cada uma personagem oferecendo uma versão particular e polêmica da realidade que todos enfrentam. O pai havia abandonado a mulher a um outro homem, consentido na relação, mas passou a observar, de perto, a nova família que ia se constituindo, os três filhos mais moços, bastardos. Descobriu, afinal, a enteada na casa de modas de Madame Paz, uma casa suspeita e quase manteve relações sexuais com a moça, impedido, no ato, pela mãe. Morto o amante da mulher, o grupo se reúne numa trama complexa de intrigas, tão intenso o clima de desavenças e ódios que o rapazinho termina por cometer o suicídio, quando descobre a menina afogada na fonte do jardim. Ao Diretor tais acontecimentos são narrados segundo a versão de cada personagem, na verdade o conflito maior envolvendo a enteada e o pai, a mãe numa atitude humilhada de fraca defesa. Essas várias versões humanas implicam naquilo

que Francis Fergusson chama, adequadamente, "a tomada do palco para o mito racionalizado". Acrescentamos que aí se trava a luta da identidade, a afirmação do verdadeiro ser num caminho irreversível para a epifania trágica. Mas estamos diante não de um drama representado para imitar as ações humanas, antes ali se desenrola uma tentativa, a "comédia a construir". Entre os dois planos, o da vulgaridade daquela gente da Companhia e os agentes da verdadeira ação dramática — as personagens — não parece ser possível qualquer conciliação em termos existenciais, a impossibilidade de os atores comuns assumirem a vida das seis personagens através do instrumento do palco realista ou mimético. Com a repetição, no palco, do suicídio do rapazinho, culmina a ação dramática na dialética ficção ou realidade, o grito da mãe, que corre para o filho morto, liquidando qualquer dúvida entre os atores de que diante de si tinham um mero espetáculo da fantasia, da simples ficção imitativa. Os efeitos cambiantes de luz e de escuridão, com a saída das personagens "como sombras", pela escada, e a gargalhada repetida da enteada, liquidando o espetáculo apenas pela destruição do ensaio, mas o drama da família, na realidade, prossegue como forma eterna da arte, o suicídio da criança uma "recorrência infernal", no dizer de Kayser. Neste ponto a palavra imutabilidade, que Pirandello emprega para mostrar que a arte contraria a fluidez da vida, por natureza um "destino cego", tem sua razão de ser como princípio filosófico solipsita. Afinal de contas, o Diretor pede ao electricista que lhe deixe ao menos uma luz, a fim de que ele tenha onde pôr os pés ao despertar de todo aquele pesadelo... O pesadelo deve ser uma referência à vida autêntica das criaturas num contraste violento com o realismo divertido de um ensaio de uma peça de Pirandello.

O sentido do prefácio de 1930 é a defesa das acusações de que o autor havia representado "um caos romântico". Com efeito, o drama das seis personagens não chega a ser representado porque o Diretor não assumiu,

nem poderia assumir, o papel de Autor. As coisas que acontecem ali no palco são uma mera tentativa tosca da repetição de fatos pelo contraste vigoroso de atitudes entre os verdadeiros atores e as criaturas verdadeiras da fantasia, posto em dúvida o ofício dos atores como mediação entre a arte e a vida. Aquilo que em Artaud assumiu uma forma radical de representação corporal. Se a mediação dos atores é uma impostura, as personagens da imaginação exigem um direito à vida como valor autêntico, assim como natureza e espírito. Um golpe na teoria dos "agentes" de Aristóteles e no teatro de soluções realistas empáticas. Algumas passagens do prefácio acusam uma linha de radicalismo teórico como teoria filosófica do drama ou de um teatro de idéias, um teatro-poesia. Pirandello distingue, tentando livrar-se das acusações, também, de sofisma, entre "representar um caos orgânico" e "representar caoticamente". Na verdade, Pirandello defendia aquilo que pode se denominar o estatuto ontológico da personagem, numa esfera sem artifícios para o texto dramático em si mesmo, a atitude diante do palco colocando em suspense a validade da função dos atores e do mundo da verossimilhança e das possibilidades fixadas nas normas aristotélicas. Na discussão preliminar do pai com o Diretor, quando a Companhia trabalhava passivamente o jogo das ilusões e seus efeitos psicológicos baixos sobre o público vê-se a inversão dos papéis da função mimética. Acusado louco, o pai replica: "— Senhor! Sabe que a vida está cheia de absurdos infinitos, que, desesperadamente, nem sequer têm necessidade de parecer verossímeis, porque são verdadeiros". E acrescenta: "— Digo que se pode considerar uma verdadeira loucura estorçar-se por fazer o contrário; isto é, criar absurdos verossímeis para que pareçam verdadeiros. Mas permita-me observar que se isto é uma loucura, esta loucura é a única razão do ofício de vocês".

Pirandello acreditava na relação necessidade e desejo como causalidade espontânea da criação imagina-

va e que "artificialmente não se cria a vida". A notação dessa resistência ao ilusionismo da representação dramática está na figura do filho legítimo, que segundo Pirandello quer permanecer apenas como personagem criado e não deseja ser personagem à procura de autor". O paradoxo ajuda a compreender o problema da identidade do ser reservado à área estética de uma fantasia, da qual não se pode libertar salvo pela imaginação do próprio autor, que, entretanto, como o faz Pirandello, superponha as camadas da fantasia a outras tantas camadas da fantasia sem nenhum compromisso formal fora do âmbito da arte "Tudo o que vive — diz o autor — pelo fato de viver tem forma e é porisso mesmo que deve morrer; exceto a obra de arte, que precisamente vive para sempre porque é formal".

O ponto de partida de Pirandello entre a concepção da vida e a concepção da arte consiste na revelação sincera de que a mobilidade da existência — e a transformação psicológica e física dos seres — é de tal modo que um ser não é o mesmo ser, sendo impossível uma compreensão total do homem e do seu destino, aquilo que ele define, com insistência, como "o trágico conflito imanente entre a vida que de contínuo se move e muda e a forma que a fixa, imutável". Claro que a formação filosófica de Pirandello, em Bonn, na Alemanha, é para um homem do seu tempo, Antonio Gramsci — "positivista", mas como intelectual não se filia, sabemos, ao hegelianismo de esquerda, por outro lado havendo alguma coisa na sua personalidade de artista (e não se discute aqui o homem que aderiu ao fascismo) que o faz, como também indica Gramsci, um introdutor "na cultura popular" (italiana) "da dialética da filosofia moderna, em oposição ao modo aristotélico-católico de conceber a "objetividade do real". Há nele, não se pode negar, apesar do que nos diz esse autor, algo do tom característico dos intelectuais da década primeira do século, que assumiam, mesmo quando marxistas, o que não é o caso de Pirandello, uma atitude

de clara influência do idealismo alemão clássico. Somente que foi necessária toda uma prévia perspectiva expressionista, surrealista e depois sobretudo existencialista para ver em Pirandello um grande precursor da autenticidade artística e um revelador da consciência fenomenológica moderna com respeito à captação dos objetos pela consciência imediata do real. Então o conceito de real em Pirandello é confundido com a superestimação esteticista romântica, coisa que ele trata, no seu prefácio, de desfazer com os recursos da linguagem do seu tempo e do seu estilo retórico. Assim na base do conflito "imaneente do homem", vemos, num primeiro plano, uma crítica justa pirandelliana ao realismo mimético e ao teatro de Bernard Shaw e Ibsen, mas numa outra perspectiva, de maior amplitude, há no prefácio uma consideração filosófica daquilo que Kayser, em "O Grotresco", denomina, no caso de Pirandello, o "distanciamento do eu". Não sei se a expressão define, razoavelmente pelo menos, a questão que se coloca a Pirandello como confissão de fé. A tentativa, por exemplo, de reduzir a interpretação da peça a um sentido psicológico básico pode ser de bom êxito, de um lado, quando reconhecemos à arte uma totalidade e coerência de significados que à existência múltipla é negada e aos atores que representam a vida é simplesmente classificada como "loucura". Mas por outro lado, a visão estética da comédia como "projeto", e não a visão do drama, um drama realista cujas ações humanas são imitadas, pode conduzir a uma definição reflexiva capaz de reformular — como de fato reformulou — a concepção moderna da dramaturgia ou no mínimo ajudou a reformular desde **Seis Personagens**. Daí "A Chamada à Ordem", de Cocteau, as peças e textos teóricos de Eliot, como "Crime na Catedral", o teatro de Obey, o primeiro Artaud de "O Teatro e o Seu Duplo" sem levar em conta o paralelismo das idéias de autonomia da natureza artística da moderna estética filosófica, culminando com Heidegger que considera como essência da obra de arte a essência também da verdade. Também o problema se es-

tendendo à **Teoria Crítica** da Escola de Adorno ou do Grupo de Frankfurt, quando é recolocado o problema da autenticidade como **situação** e não como qualidade do objeto dado à percepção do sujeito, o **fetichismo** da arte como meio de resistência ideal-burguesa num mundo de dissolução da vontade do sujeito e da predominância da **res**.

Forém o fato estético original em Pirandello gera toda uma ordem de indagação a respeito do posicionamento do homem no mundo — e do ator no palco como teatro da vida de feição barroca, os transe do destino, a ignorância do devir, a debilidade das potencialidades do espírito, coisas que a forma artística, perene para Pirandello, conseqüente como fantasia "orgânica", consegue resolver na restituição humana da realidade, não importa que de um modo arbitrário, impondo-se a relação indissolúvel do artista, como poeta, com os seres vivos que ele cria e cuja vida adquire autonomia. Assim é que Pirandello reconhece que as personagens podem ser "românticas", naquela sua peça, mas o drama não é romântico tal como elas o vivem e cujos atos podem ser repetidos ao infinito, assim tal a Francesca, de Dante, que ele cita como exemplo da forma imutável, nada alterando a vertigem de Dante ouvindo a sua voz e a mesma frase mil vezes ou como o grito da mãe diante do filho morto no final de "Seis Personagens". Ao acreditar Pirandello na imutabilidade da arte e no seu triunfo sobre a vida prosaica, jogando com uma premissa tão radical e sofrendo a acusação de sofista, pode afinal ensinar, assim o creio, que as condições limitadas da existência provisória e inorgânica quanto ao sentido e fim, impõem pelo menos a necessidade de reformular os instrumentos da arte que ele utiliza — o teatro, o romance e o conto — de um modo superior e puro e numa zona de transcendência dos valores pragmáticos. Assim investe com "ódio" contra a arte simbólica, o que nós chamamos hoje de arte transparente quanto à semântica, uma codificação mecânica de ícones ditados pela má ou falsa consciência. O que ele

propõe é o grande salto para o "umbral", quase com as mesmas palavras que a personagem-escritor Morelii, em "Rayuela", de Cortázar, emprega. Pirandello escreve: — "O nascimento de uma criatura da fantasia humana, nascimento que constitui o salto para o umbral entre o nada e a eternidade", que pode "produzir-se também de improviso, tendo por gestação uma necessidade". Repudiando a arte simbólica, como vimos, Pirandello exige para si, "e por desgraça", assim o diz, a condição de escritor filosófico (e não histórico ou descritivo), cuja compreensão espiritual do mundo leva-o a captar um "sentido particular da vida", um "valor universal". O mesmo vocabulário, num plano oposto, da teoria marxista do reflexo, em Lukács... O que mostra ser Lukács influenciado pelo idealismo alemão nos primeiros e nos últimos tempos...

É nessa direção que o pai questiona com orgulho e argúcia com o Diretor, pois reconhecendo a mutabilidade e variabilidade do destino de um homem, proclama por fim, a natureza definitiva da personagem. O objeto da arte — na moderna concepção estética — transfere-se ao sujeito com toda a sua carga de autenticidade. A imersão contemplativa do ser, no mundo dos seres autênticos, produzidos pela arte, é de certo modo uma concessão do espírito para elidir o tempo e para amoldar a sua imagem total e definitiva da existência do objeto estético, logo a ilusão e o engano residem na vida quotidiana e na ausência de perspectivas, fatores que a arte resolve pela fixidez da forma como natureza e espírito do ser.

O processo dialético demonstrado pela tensão barroca do teatro dentro do teatro avança, em Pirandello, segundo uma tipologia das personagens, cujas máscaras ajudariam a compreender, como assinalamos. No pai, o Remorso; na mãe, a Dor; "as lágrimas de cera da Mater Dolorosa"; nas crianças, o sentimento de ternura; na enteada, o espírito destruidor, cínico e zombeteiro; no filho

adulto, o desdém, a altivez. A imutabilidade marca o conflito e não seria possível modificação alguma no curso do drama, caso o Autor, assumisse o seu papel. Artaud, na juventude, segundo nos conta Allain Virmaux, impressionou-se bastante com o recurso às máscaras, como ele mais tarde apegou-se aos manequins. Artaud nos fala do "jogo de espelhos" em Pirandello, admirando o "contraste chocante entre os atores reais cabotinos, repugnantes" e "as personagens com rostos de espectros mal saídas de um sonho". Virmaux revela que "Artaud insiste com ardor nessa idéia de que a verdadeira realidade não está seguramente do lado dos vivos". Agradava ainda a Artaud em Pirandello "o jogo entre a vida e o teatro, o rosto e a máscara, a personagem e o autor", coisas que mais adiante utiliza noutro estilo e noutras profundidades, afastando-se de Pirandello.

A ruptura entre a vida dos homens e seu destino e todo o cortejo de cambiantes existenciais que disso decorre, o deslocamento humano do centro da realidade, posteriormente seria todo esse elenco levado às últimas conseqüências pelos pintores e pelo teatro poético. O radicalismo seria mais acentuado ainda com o monólogo, a meta-ficção e outros meios de representação como casos extremos da consciência. O privilégio de uma verdade intrínseca para a arte e da autenticidade do objeto em que o sujeito imerge, ultrapassariam, tais posições, de muito o dogmatismo estético de Pirandello, a tal ponto que um Kayser classifica como "débil" a sua posição com referência ao que vem depois, aquilo que poderíamos chamar uma fantasia construtiva.

Contudo a originalidade de Pirandello deve ser preservada acima do lugar comum de algumas posições de vanguarda. Quando lança mão do artifício, construindo uma situação ficcional dentro de uma ficção, contrasta as duas posições como esferas distintas quer da arte, quer da vida, a simbólica e a autêntica, a historicis-

ta e a transcendente ou filosófica. Persegue uma unidade de natureza e espírito, algo no tom do absoluto em Hegel, mas se aproxima, salvo engano, da valoração estética suprema de um Schelling na linha do infinito na arte e do finito na vida. Assim a **mãe** é natureza, o drama em si nada significando para ela e com isso fixa o caráter do instinto, pois ela não vive "em espírito". Viver em espírito, significa, no caso, transcender a pauta exata da existência como sujeição ao princípio natural, o que implica em valores que configuram a vida como tensão dinâmica dirigida a um fim, o que exige um movimento inquietante da consciência. Tudo isso resulta num esquema ético cuja solução superior está na arte que consolida os valores através de uma ordem, ao modo de Leibniz, pré-estabelecida em termos de harmonia e coerência. Assim a ordem imutável da arte elimina o arbítrio desde o momento em que o poeta defere a vida, cria as personagens no círculo cerrado e mágico da Francesca, de Dante... Por isso quando o Diretor pede fatos, o pai replica: "Mas um fato é como um saco vazio, não se sustenta. Para que fique de pé é necessário colocar dentro dele a razão e os sentimentos que o têm determinado". Assim, se não existe uma causalidade para os fatos da vida — que a arte realista representa pela aparência ou verossimilhança — torna-se imperioso rever o processo da arte pela base, no plano inclusive ético e teleológico, que seria o nível essencial da fantasia. Não importa se consciente ou inconscientemente, cremos. O racionalismo não interfere na essência das coisas, neste ponto. Diz o pai: — "Quem tem a sorte de nascer personagem viva pode rir até da morte. Não morre nunca mais!" E "morrerá o homem, instrumento da criação; a criatura não morre jamais".

Então se assiste em Pirandello a crença na arte que alguns consideram ingênua ou romântica, quando na verdade o que ele tenta é demonstrar, para o futuro, o caminho de acesso a certas essencialidades que fizeram o "leitmotiv" dos existencialistas. O seu realismo colo-

cando-se no âmbito das coisas geradas pela arte e pela própria arte encontrando causalidade e fim. O brutal suicídio do menino é uma cena que rompe com todo o caráter da representação meramente descritiva, o ato não um gesto no palco da realidade externa distanciada, mas presentificação repetida, exprimindo um domínio da área vital artística independente da manipulação mecânica e aleatória do público, o que faz com que os atores vejam, por fim, naquela morte, a prevalência da realidade sobre a ilusão já removida dos sentidos. Não sendo uma arte sensorial nem simbólica como no realismo de tradição, deverá ser uma arte poética como meio de conduzir a consciência à percepção imediata do dado real que o teatro configura, não como máquina de ilusões, mas como recorrente existencial "orgânica", para reiterar o termo de Pirandello.

Aquilo que mais impressiona no jogo da ficção dentro da ficção em Pirandello, é a busca desesperada não de um sentido para a vida, ou para a peça em si, pois isso as personagens não reclamam, mas a ação reivindicada ao autor e necessária à existência como fato trágico, exceção do filho adulto na sua aura irônica, todos os outros solicitando a concreção viva, ali no palco, do seu sofrimento, cada um aprisionado ao seu suplício sem que particularização obsessiva dos atos que estigmatizam o recorra ao drama como catarse das paixões, antes como ser no círculo de fogo da fantasia. Tradicionalmente o teatro é representação e solução de conflitos, liberando o espectador e libertando o ator das máscaras ao fim do espetáculo. Em Pirandello as máscaras continuam no rosto, o mistério permanece. Assim em "Enrique IV", inclusive. Não é algo que suceda num espaço e num tempo limitado, numa realidade dramática intensa, embora, mas finita. Pirandello não conhece limites porque não trabalha com artefatos simbólicos e como pretende Aristóteles, ele joga com as possibilidades e não com a imitação dos atos humanos. Materializa a ação do ser quantas vezes quantas forem necessárias para garantir a permanên-

cia — que ele chama eternidade — da forma. A sua noção de "corpo" ou "organismo" pode ser poética e especiosa como construção de uma idéia, mas nem porisso falsa, justo porque repele a má consciência e a mediação ilusória do autor no palco realista. A passagem de nível da vida prosaica para a vida da arte pode ser invertida na proporção em que os atos humanos careçam de forma ou significado ou pelo menos que a existência quotidiana se exonere de um Autor, na demiurgia que configure o seu sentido. Claro que o debate existencialista, à Kierkegaard, ao modo da culpa e castigo, só pode ser visto de um modo fragmentário na fluidez da vida e em circunstâncias realmente trágicas. Todo o conflito necessita de forma para a sua expressão, logo de uma linguagem poética que totalize a sua energia vital. Nessa direção é que Pirandello vê, nas seis personagens, verdadeiras criaturas e nos homens a mesma banalidade dos atores, o palco uma extensão do tempo e no espaço dos atos mecânicos, nunca porém o lugar onde a verdadeira cena se cria a si própria como improvisação. Na decorrência da vida trivial não existe o conhecimento perfeito de natureza e espírito, salvo se o indivíduo não se considerar uma mônada, salvo se ele souber ultrapassar todas as limitações e ver-se no outro, o que significa perceber-se como um todo desde a sua situação particular. Surge o problema da identidade do ser e da autenticidade do objeto. Não havendo a harmonia dos planos, a vida é crise e a crise um mero conflito que a convenção dramática realista reproduz com soluções estranhas aos entes criados pela fantasia, dupla traição: — à linguagem que elabora o ser e à consciência que determina as causas da tragicidade, aquilo que Pirandello chamou o "conflito imanente do homem".

O fato de a peça não ter um sentido final definido e de as personagens não encontrarem verdadeiramente o Autor, é sintomático para toda a arte moderna e sua meta-poeticidade. Em Kafka, também, o autor como causalidade dos fatos é lançado no desconhecido e não exis-

te um fim para a ação humana. Daí por diante toda visão da arte em geral, pintura, música e ficção, se torna radical no seu fechamento, na clausura do seu mundo. É um processo de dissolução de conteúdos vitais, é certo, enquanto recusa e heresia, mas é também um processo de triunfo formal. Quando, de improviso, Madame Paz ingressa em cena, o espectador pode imaginar uma solução do conflito dramático das seis personagens e um equilíbrio entre as forças em jogo. Seria um recurso à Ibsen ou à Shaw. Tal não acontece e a interveniência da sétima personagem da fantasia assinala o seu caráter indevido e absurdo no plano, como nos diz Pirandello, "de uma aparente falta de lógica". Vê-se, assim, que a lógica interna do drama está ao lado das seis personagens insolúveis, mas como pretende o autor, "o fantástico nascimento de Madame Paz está justificado por uma verdadeira necessidade em misteriosa relação orgânica com toda a vida da obra".

Se alguém exigir uma prova material da validade do ser da obra de arte, pode compartilhar com os atores de Pirandello o espanto pela morte da criança. Ficção ou realidade? — perguntam todos os atores. Pirandello ensinou que não se pode compreender a vida criativa como um artifício, que artificialmente "não se cria vida". Porisso o poeta espregueia a cena do ensaio e dela extrai a sua obra. Penso que a morte estúpida do rapazinho ao mesmo tempo que liquida a falsidade do ensaio faz ingressar na vida, através da arte dramática, um sentido essencial. E então não devemos mais separar a realidade da arte e a realidade da existência. Encontra-se, depois de tudo, um verdadeiro ponto de harmonia entre o homem, a arte e a vida.

REFERÊNCIAS:

- Wolfgang Kayser — **Lo Grottesco** — Ed. Nova B. Aires.
 A. Gramsci — **Literatura e Vida Nacional** — Civilização Brasileira.

- Allain Virmaux — **Artaud e o Teatro** — Ed. Perspectiva SP
 Francis Fergusson — **Evolução e Sentido do Teatro** —
 Zahar Editores.
 Luigi Pirandello — **Seis Personajes en busca de Autor** —
 E. Letras - Chile — 1936 com o prefácio à nona
 edição de 1930.

O Papel da Universidade em Ciência e Tecnologia*

Sérgio Machado Rezende

I — BREVE HISTÓRICO: Evolução da Pesquisa Universitária no Brasil.

O grau de prosperidade atingido pelos países tem uma forte correlação com a qualidade de seu ensino universitário e de suas atividades de pesquisa e desenvolvimento. Nos países desenvolvidos uma parcela significativa da população tem acesso ao ensino superior. Há uma grande variedade de escolas, faculdades e universidades, públicas e privadas, que atendem as aspirações dos vários segmentos da sociedade. As melhores universidades disputam os professores e pesquisadores mais qualificados, e em conseqüência são disputadas pelos melhores estudantes. Essas universidades têm uma longa tradição de ensino associado a pesquisa; além de formar profissionais de nível superior em grande quantidade, elas formam pesquisadores e constituem a principal fonte de geração do conhecimento. Nelas o ensino em nível de pós-graduação teve um desenvolvimento gradual e harmonioso possibilitando, principalmente após a segunda grande guerra, que um contingente cada vez maior de profissionais aprofundasse seus estudos para reforçar e expandir os quadros docentes universitários, formar centros de

* Trabalho apresentado no Encontro Regional das Universidades do Nordeste realizado em junho de 1985.

pesquisa e popular os laboratórios industriais. Em decorrência houve um desenvolvimento natural do sistema de ciência e tecnologia apoiado nos laboratórios dos centros de pesquisas das universidades e das indústrias, nos quais é gerada a sofisticada tecnologia moderna. Em suma, nos países desenvolvidos as universidades tem desempenhado um papel essencial na formação de recursos humanos de alto nível e na geração do conhecimento científico e tecnológico.

Nos países sub-desenvolvidos, por outro lado, uma parcela muito pequena da população tem acesso ao ensino superior. Este é em geral ministrado em escolas e faculdades isoladas, cujos professores são meros transmissores de conhecimento. Eles não realizam atividades de pesquisa, e nas áreas de ciências exatas e de tecnologia seu ensino é em geral estático e ultrapassado. O papel principal das escolas e faculdades é formar os "doutores" para ampliar os quadros profissionais e para satisfazer os caprichos de titulação das classes média e rica. Nessas escolas há um ou outro docente pesquisando e produzindo intelectualmente, mas isto decorre mais em função de suas características excepcionais do que do apoio institucional ao seu trabalho. O Brasil, com suas características de país desenvolvido em certas áreas e sub-desenvolvido em outras, apresenta os dois quadros. Por um lado há grupos de pesquisa básica competindo na fronteira do conhecimento com os melhores grupos do mundo, mas por outro lado seu ensino universitário é em geral precário, obsoleto, sub-desenvolvido. Já há geração de conhecimento na universidade brasileira atual, mas seu volume é relativamente pequeno e sua transmissão ao sistema produtivo é deficiente. Apesar das crises e contradições de hoje, a pesquisa e o ensino nas universidades brasileiras evoluíram progressivamente nas três últimas décadas.

A criação do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), em 1951 marcou o primeiro passo significativo

do Governo para alterar o estado latente em que se encontravam as escolas e faculdades brasileiras. Ligado diretamente à Presidência da República, o CNPq passou a fomentar a formação de grupos nas instituições de ensino apoiando individualmente os melhores pesquisadores, que não raro eram hostilizados pelos dirigentes de suas instituições e do próprio Ministério da Educação (MEC). Juntamente com a Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), órgão do MEC também criado em 1951, o CNPq iniciou um programa de formação de recursos humanos de alto nível, enviando bolsistas para cursos de pós-graduação no Exterior. Gradualmente foram criadas em todo o País universidades federais, em sua maioria pela aglutinação de escolas e faculdades isoladas, notadamente de medicina, engenharia, direito e filosofia e letras. Mas elas não dispunham de cargos e salários para professores em tempo integral, e a fixação dos raros pesquisadores que dispunham era difícil quando não impossível. As Universidades de São Paulo e Campinas, esta criada em tempos recentes, podem ser registradas como exceções à regra, pois foram idealizadas com forte direcionamento para a pesquisa integrada ao ensino. Como consequência dessa filosofia mais de cinquenta por cento dos pesquisadores com nível de doutorado, em atividade no País, trabalham em instituições do Estado de São Paulo.

Foi na década de 60 que iniciaram as profundas modificações no sistema universitário brasileiro. Em 1964 o BNDE instituiu o seu Fundo Nacional de Desenvolvimento Técnico Científico (FUNTEC) visando apoiar programas de pós-graduação e pesquisa nas áreas tecnológicas e de ciências exatas. Esses programas possibilitaram pela primeira vez, nas universidades federais, a contratação de docentes-pesquisadores com regime de trabalho em tempo integral. Eles absorveram os pesquisadores formados no Exterior e passaram a estimular um número cada vez maior de estudantes a buscar formação pós-gra-

duada. Contudo, durante vários anos esses programas foram mantidos à parte da estrutura universitária e somente poucas universidades os toleraram. Em 1968 foi promulgada a lei da reforma universitária, que extinguiu a cátedra e criava os departamentos nos moldes da Universidade de Brasília, que seguiam os padrões altamente bem sucedidos das universidades norte-americanas. Entretanto, enquanto a estruturação da Universidade de Brasília foi concebida e dirigida por alguns dos melhores professores e intelectuais do país, a reforma das universidades federais foi implantada por administradores e docentes que nunca viveram em um ambiente universitário de alta qualificação. A Universidade de Brasília nunca consolidou seu espírito original, destruído pelo próprio Governo Federal, e as universidades federais não tiveram vontade ou competência para implantar uma reforma com verdadeiras transformações orgânicas. Contribuíram para este insucesso a miopia e a falta de competência dos principais dirigentes do MEC, em geral escolhidos entre políticos burocratas das universidades ou homens com formação da caserna.

Uma medida fundamental tomada pelo MEC em 1970 foi a instituição do regime de trabalho em tempo integral para os professores pesquisadores. Os salários pagos eram competitivos e eram caracterizados por incentivos às atividades de pesquisa. Este passo, aliado à ação da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), órgão da SEPLAN que desde 1971 gerencia o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — (FUDCT), deu um enorme impulso aos grupos de pesquisa nas universidades federais. Apesar da massificação dos estudantes da estrutura universitária burocratizada e obsoleta e da ausência de líderes experientes qualificados — a maioria tinha sido cassado e aposentado pelo Governo — em vários aspectos as perspectivas das universidades federais eram animadoras em meados da década de 70. Os grupos de pesquisa se multiplicavam em

universidades espalhadas por todo o País, o FNDCT representava 1,1% do Orçamento da União em 1975 e dispunha de amplos recursos para financiar seus projetos; o CNPq foi transformado, tornando-se mais ágil e ampliando suas funções, a CAPES expandiu-se e assumiu um papel mais ativo no fomento da pós-graduação; algumas empresas estatais despertavam para a necessidade de financiar a pesquisa universitária para o desenvolvimento de tecnologia nacional sofisticada.

Nos últimos dez anos, todavia, erros e desacertos diversos vêm comprometendo a pesquisa nas universidades e o sistema de ciência e tecnologia do País como um todo, de tal forma que o grande investimento feito até o momento está seriamente ameaçado. No âmbito das universidades federais os maiores erros foram cometidos na área do MEC. Em 1975 foi implantado o plano de reclassificação de cargos para professores e funcionários. A reclassificação dos funcionários caracterizou-se pelo aproveitamento de todo o pessoal de apoio técnico e administrativo que já existia, sem distinguir os bons dos improdutivos, e sem que pessoal mais preparado fosse injetado na universidade, quer pela falta de vagas, quer pela manutenção dos baixos níveis salariais. Na reclassificação dos professores foram estabelecidos critérios rígidos de titulação pós-graduada que se por um lado tinham um objetivo correto, por outro lado geraram uma corrida aos cursos de pós-graduação que se multiplicaram além da capacitação existente no País. O MEC estimulou o aumento excessivo do número de estudantes universitários praticamente forçando as universidades a contratarem docentes improvisados ou recém-formados. Alguns foram buscar titulação pós-graduação nos cursos que se multiplicavam sem qualidade, muitos se contentavam em assegurar o emprego na categoria de professor colaborador que não era parte da carreira de magistério, e poucos se titularam em cursos de boa qualidade. Em várias universidades os professores colaboradores constituíram

por algum tempo a maior parte do corpo docente. Em 1981 mais uma vez o MEC alterou as regras da carreira do magistério, através de lei que permitia a absorção sem concurso de todos os colaboradores na categoria de professor assistente e criava mecanismos de promoção automática por tempo de serviço, independente de avaliação ou qualificação por titulação.

II — SITUAÇÃO ATUAL:

No momento atual as universidades brasileiras, juntamente com outros setores da sociedade, se encontram perante a maior crise de sua história. Esta crise caracteriza-se pelo desamparo econômico do Governo Federal, pela administração excessivamente centralizada e exercida por dirigentes pouco representativos e em geral despreparados, pelos baixos salários, pela pouca qualificação média do corpo docente, pelo despreparo dos alunos egressos do 2.º grau e culmina na falta de identificação de objetivos da comunidade universitária. Os sintomas agudos da crise são o desânimo e a frustração não somente dos estudantes, mas também dos professores mais qualificados, que se preparam durante anos para transformar a universidade brasileira no elemento chave do desenvolvimento sócio-cultural, científico e tecnológico do País. Grande parte dos professores se divide entre o discurso da democratização de todas as decisões universitárias e o autoritarismo das decisões de gabinete, esquecidos do conteúdo acadêmico e longe das vivências universitárias estimulantes. Neste quadro o ambiente para pesquisa nas universidades vem se deteriorando rapidamente agravado pela escassez cada vez maior de recursos e pelos baixos salários pagos aos docentes-pesquisadores e ao pessoal de apoio técnico e administrativo.

O FNDCT que em 1975 representava 1,1% do Orçamento da União hoje tem uma participação inferior a

0,3%. A parcela do Orçamento que cabe ao MEC é inferior a 3%, a menor da história recente. A manutenção da infraestrutura básica dos grupos de pesquisa de bom nível é feita pela FINEP, pois o MEC não assume esta responsabilidade por falta ou de competência ou de recursos. Com o FNDCT cada vez menor, a FINEP desdobra-se em atender um número crescente de grupos e instituições, sacrificando o apoio a todos. O CNPq montou uma enorme estrutura para ao mesmo tempo coordenar o sistema nacional de ciência e tecnologia, fomentar a pesquisa universitária e a formação de recursos humanos e realizar pesquisa em seus próprios institutos. Mas infelizmente não tem conseguido realizar bem nenhuma das três funções. O papel do Ministério de Ciência e Tecnologia criado no novo governo é ainda uma incógnita, e a crise atual de verbas para pesquisa é mais aguda do que nunca. A verdade é que a comunidade científica do País está inquieta com o apetite dos políticos para os cargos nos órgãos do sistema de ciência e tecnologia e com a demora de medidas concretas para aliviar a crise no sistema.

Apesar do quadro atual de crise que caracteriza o desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil é importante reconhecer que houve um enorme progresso nas duas últimas décadas e que o País ocupa uma posição privilegiada comparada a de outros países subdesenvolvidos. Foi desenvolvido um sistema de financiamento da pesquisa básica e aplicada, caracterizado pela pluralidade de agências, tanto do governo federal como dos estaduais, no qual os projetos submetidos são avaliados por membros da comunidade científica e tecnológica. Há grupos de pesquisa estabelecidos em quase todas as áreas do conhecimento, distribuídos em todo o território nacional. Em vários campos o País tem pesquisadores com competência reconhecida internacionalmente, capacitados a desenvolver aqui ou a trazer do Exterior conhecimentos imprescindíveis para a capacitação científica e tecnológica da Nação, o que é atestado pelos inúmeros

exemplos de frutos imediatos da pesquisa básica e aplicada realizadas nas universidades e nos institutos especializados. Entretanto este processo não está ocorrendo em volume suficiente para diminuir o atraso tecnológico do País.

III — AS UNIVERSIDADES DO NORDESTE:

Evidentemente as universidades federais do Nordeste não escapam da crise em que se encontra o sistema universitário do País. Pelo contrário, talvez ela seja mais aguda em nossa região do que no Centro-Sul. Além da maior falta de recursos e da precariedade das condições de trabalho, existem problemas sérios de qualificação dos professores e de falta de maior interesse e sentimento de responsabilidade em relação a universidade. Uma parcela considerável do corpo docente tem hoje regime de trabalho de 40h semanais ou dedicação exclusiva, mas dedica seu maior esforço a outras atividades alheias ao ensino e a pesquisa universitária. Como resultado da degradação dos salários os regimes de 40h e dedicação exclusiva passaram a ser gradualmente burlados e hoje assiste-se a um fenômeno de convivência coletiva. Não há sobre o docente qualquer mecanismo de cobrança ou de estímulo de sua produção intelectual ou da qualidade do seu trabalho acadêmico. Os alunos não protestam contra o desleixo de muitos professores e contra o baixo nível médio do ensino, e muitos fazem da obtenção do diploma com o menor esforço o principal objetivo de sua passagem pela universidade. Os funcionários de apoio técnico e administrativo têm salários indignos e por isso não são cobrados pela qualidade de seu serviço nem cumprem o horário de trabalho. Um fenômeno recente nas universidades brasileiras que é mais acentuado no Nordeste é o horário corrido com um expediente único de 6 horas diárias de trabalho dos funcionários, que veio comprometer ainda mais a já precária infraestrutura de apoio técnico administrativo.

Mesmo diante deste quadro, há sinais de que algumas transformações ocorridas nas últimas duas décadas representam um progresso não desprezível e que hoje há uma base a partir da qual talvez seja possível construir uma universidade melhor. Estes sinais são os grupos de professores dedicados e os departamentos onde a atividade de pesquisa floresceu e manteve acesa a chama do entusiasmo, da dedicação e sobretudo da qualidade acadêmica. No trabalho destes grupos há indícios evidentes de que o papel das universidades do Nordeste já não é apenas o de satisfazer os caprichos de titulação da sociedade. Embora em volume ainda reduzido elas atualmente contribuem efetivamente para a geração do conhecimento científico e tecnológico da Região, do País e da comunidade internacional.

Os exemplos dessas contribuições são inúmeros, mas vale a pena destacar alguns da Universidade Federal de Pernambuco. Nas áreas de economia e de ciências humanas e sociais há um crescente número de estudos e propostas de soluções para os nossos problemas sociais e econômicos elaborados com técnicas modernas e desenvolvidos nas teses dos programas de pós-graduação. Até recentemente esses estudos eram realizados por pesquisadores estrangeiros ou por indivíduos isolados que não contavam com apoio institucional. Na área de ciências biológicas há investigações sofisticadas dos sistemas biológicos tropicais. Em medicina há estudos originais de várias doenças tropicais, tais como a esquistossomose. Em ciências exatas há resultados de pesquisa básica em matemática, em ótica e em magnetismo que projetaram nossa universidade internacionalmente. Em engenharia cabe destacar o detalhado estudo geotécnico dos morros de Olinda que está em fase de conclusão. Há também desenvolvimentos significativos de alta tecnologia, como o microcomputador de 8 bits - o Corisco - que foi concebido e projetado na UFPE e que está sendo atualmente fabricado em escala industrial por uma empresa

do Recife. Este computador é o único de fabricação nacional que foi inteiramente desenvolvido no País.

IV — RECOMENDAÇÕES:

Os exemplos acima demonstram que as Universidades do Nordeste podem desempenhar no sistema de ciência e tecnologia do País e da região um papel autêntico de elemento chave na geração de conhecimento original e sofisticado. Entretanto, para que isto venha a ocorrer é preciso que as autoridades do governo e das universidades e sobretudo a própria comunidade universitária se conscientizem de que é preciso mudar o rumo atual. É preciso multiplicar as equipes de pesquisadores e técnicos de alto nível, melhorar as condições materiais de trabalho, aumentar a interação da universidade com o meio produtivo e remover os obstáculos estruturais que emperram a universidade brasileira. A mudança é particularmente necessária no Nordeste.

A hora é crítica pois hoje discute-se a universidade brasileira com a pré-disposição de reformá-la profundamente. O Ministro da Educação nomeou uma comissão para estudar a reforma e espera dela resultados concretos. As associações docentes ocupam espaços e mantêm uma pauta de reivindicações que, apesar de legítimas, são caracterizadas pela excessiva generalidade e por um caráter corporativista no qual a qualidade acadêmica é um parâmetro pouco relevante. Na discussão atual ganha corpo a idéia de que a médio prazo a pesquisa em volume compatível com as necessidades de desenvolvimento científico e tecnológico do País não é viável nas universidades públicas. A exemplo do que ocorre na Alemanha Ocidental e na União Soviética, prega-se a criação de institutos e centros de pesquisa voltados para ciência básica e alta tecnologia, deixando para a universidade o papel de instituição de ensino.

As recomendações abaixo resultaram das preocupações com a viabilização da universidade pública brasileira num elemento essencial na produção de conhecimento científico e tecnológico. Evidentemente este objetivo só será plenamente alcançado com a solução de problemas mais abrangentes da universidade brasileira, mas acreditamos que nesta hora é preciso que os vários segmentos da comunidade universitária explicitem suas opiniões e proposições.

AO GOVERNO FEDERAL:

1 — Metas de desenvolvimento científico e tecnológico

É preciso elaborar um novo Plano Brasileiro de Desenvolvimento Científico e Tecnológico com metas realistas de formação de recursos humanos e de investimento em pesquisa básica e aplicada, compatíveis com as necessidades de desenvolvimento científico e tecnológico do País. A elaboração deste Plano deve ser feita com a participação ativa de membros exponenciais da comunidade científica.

2 — Recursos para a pesquisa e a educação

Com a diminuição do valor real dos recursos para a pesquisa e a educação e com o aumento do número de pesquisadores, a quantia dispendida por pesquisador é hoje inferior a 20% do valor há 10 anos atrás. É preciso destinar ao MEC e às agências financiadoras da pesquisa, recursos compatíveis com as necessidades de desenvolvimento do País. As atividades de ensino do MEC devem caber 13% do Orçamento da União como previsto na Emenda João Calmon, e ao Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico deve caber no mínimo 4% deste Orçamento. É importante que o repasse de tais recursos objetive também corrigir as disparidades regio-

nais, facilitando aos grupos promissores do Nordeste acesso mais fácil às fontes de financiamento.

3 — Dirigentes do MED, do MCT, das agências financiadoras e das universidades

Durante os anos de regime militar autoritário muitos professores, cientistas e intelectuais fizeram coro com os políticos da oposição contra a nomeação de pessoas incompetentes, apadrinhadas pelo sistema, para dirigir os órgãos do Sistema Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — SNDCT. Causa preocupação assistir agora a nomeação em massa de dirigentes indicados pessoalmente por políticos, sem o respaldo da comunidade acadêmica, levando ao risco desses órgãos serem usados para fins político-eleitorais. É de importância fundamental que os dirigentes mais altos dos ministérios e órgãos do SNDCT, sejam pessoas com larga experiência, que tenham trânsito na comunidade universitária, e que tenham demonstrado o compromisso com o desenvolvimento cultural, científico e tecnológico do País.

AO MINISTÉRIO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA:

4 — Mecanismo de financiamento da pesquisa

É essencial preservar a idéia do financiamento da pesquisa nas universidades públicas através de recursos extra-MED. Os mecanismos de apoio financeiro das agências do MCT devem ser expandidos e aperfeiçoados, de modo a assegurar a operação ininterrupta dos grupos de pesquisa de boa qualidade já instalados e possibilitar a criação de novos grupos. É fundamental que membros representativos das comunidades científicas e tecnológicas tenham participação efetiva na formulação das estratégias de desenvolvimento, na definição das áreas de atuação das várias agências do sistema e na alocação dos recursos financeiros.

AO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO:

5 — Carreira do magistério

É preciso criar mecanismos permanentes de estímulo à formação e à fixação de docentes-pesquisadores para possibilitar a multiplicação das equipes e consolidar a pesquisa universitária.

O Decreto-Lei da carreira do magistério das universidades federais deve ser reformulado, de modo a incentivar a formação pós-graduada dos docentes e estimular sua produção científica, tecnológica, cultural e artística. O regime de 40h semanais deve ser abolido, permanecendo apenas os de 20h e Dedicção Exclusiva. Os salários devem ter níveis mínimos de dignidade, mas a conclusão do regime de Dedicção Exclusiva deve ser condicionada a critérios rígidos de qualificação e deve ser periodicamente avaliada.

6 — Manutenção da infra-estrutura de apoio

É preciso assegurar a plena manutenção da infra-estrutura de apoio técnico e administrativo dos departamentos e cursos de graduação e pós-graduação das universidades federais. Entretanto, para evitar desperdícios de recursos e para estimular a melhoria da qualidade do ensino e da pesquisa, a distribuição de recursos às universidades deve levar em conta avaliações globais que deveriam ser realizados periodicamente.

7 — Avaliação dos departamentos e cursos de Graduação

A expansão da maioria dos departamentos das universidades federais ocorreu em um curto período de tempo sem obedecer a um planejamento acadêmico prévio. Em consequência as universidades se encontram superpopuladas de docentes, apresentando uma razão profes-

sor/aluno muito mais alta do que a necessária, e sem apresentar os resultados desejados no ensino e na produção intelectual. É da mais alta importância que o Ministério da Educação estabeleça uma sistemática de avaliação periódica dos departamentos e dos cursos de graduação, à semelhança do sistema adotado pela CAPES e pelo CNPq para a pós-graduação, visando otimizar a distribuição de recursos e planejar futuras expansões.

8 — Democratização do poder nas universidades

A atual estrutura de poder das universidades, excessivamente centralizada nos reitores e composta por dirigentes pouco competentes escolhidos pelo apadrinhamento de candidatos indicados por conselhos não representativos, é uma das causas da degeneração das universidades públicas do País. É preciso descentralizar o poder e as responsabilidades. É necessário alterar a sistemática de escolha de dirigentes, mas isto deve ser feito de forma inteligente. Se por um lado a atual sistemática autoritária é insatisfatória, por outro lado o processo de eleição de um só candidato, feita diretamente por professores, alunos e funcionários não assegura a escolha de dirigentes mais qualificados que os atuais, nem garante aos eleitos o apoio pelos dirigentes superiores. Além disso, este processo poderá vir a "legitimar" a escolha de dirigentes comprometidos **politicamente** com a maioria mas não com a qualidade acadêmica. Ele também resulta em distorções graves como o nivelamento dos votos dos pesquisadores mais experientes e qualificados aos de funcionários humildes, que talvez estejam na universidade por acaso e que nem compreendam o alcance de seu papel na sociedade. É preciso buscar sistemáticas inteligentes de escolha de dirigentes que assegure a participação decisiva da comunidade universitária, mas que não estimule o carreirismo político de indivíduos não comprometidos com a qualidade acadêmica. É importante também que não se imponha a todas universidades uma sistemática única de

escolha de dirigentes, possibilitando a experiência de formas alternativas.

AO GOVERNO FEDERAL E AO CONGRESSO NACIONAL:

9 — Recursos de empresas para pesquisa

Devem ser criados mecanismos fiscais para incentivar as empresas a investirem em pesquisa nos laboratórios das universidades e dos institutos especializados. É preciso também criar lei que obrigue as empresas estatais a destinarem parcela de seu orçamento para financiar atividades de pesquisa em seus laboratórios ou nas universidades.

10 — Desenvolvimento da indústria nacional

Devem ser criados mecanismos de proteção à indústria nacional em todos os segmentos tecnológicos, semelhantes aqueles que estão sendo utilizados na área de informática. É preciso criar estímulos especiais às atividades de pesquisa e desenvolvimento nos laboratórios e à interação universidade-indústria.

Agradeço aos colegas do Departamento de Física da UFPE pelas críticas e sugestões, e em especial a Maurício Coutinho Filho, José Rios Leite, Ivon Fittipaldi, Celso Pinto de Melo e Cid Bartolomeu de Araújo.

WEYDSON BARROS LEAL

ÁGUA E PEDRA

POESIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
EDITORA UNIVERSITÁRIA
RECIFE — 1985

ÁGUA E PEDRA

POESIA

FRAGMENTO DO MUNDO I

Pude ver sobre a córnea azul
da água insegura
um reflexo/ /do mundo,
duro mudo reflexo...

Pude ver sob o aço do espelho
do mundo inseguro
um reflexo/ /da água azul,
mudo duro reflexo...

Água azul, mas, "Que azul!!", pois
o azul é o preto em seu ÂMAGO,
mágica cor das cores contidas,
das coisas contidas — das latas,
do mijo, dos restos de comidas
marmitas... — "Todos os operários em Greve!" ...

Também do arco-íris é don(a) impureza,
a impureza da cor
por suas cores (irreais)
que oscilam e s'estagnam, como o
preto óleo que expõe um espectro
(movediço) como cobra d'água n'água da pia à meia-noite

Chove torrencialmente
sobre a casa inundada

Choveu torrencialmente
na casa inundada

O Sol, de milhões de gotas trespassadas

o — í
c r
r i
a s

fabrica seu
que continua
sob as tábuas dos finos passeios...

A ROSA

(Aqui flutua

o impreciso /...../
o apenas entrevisto /...../
na margem
sonora
/...../

(César Leal, **A Quinta Estação**)

Pétalas do mundo
Que apodrecem em sua taça...
Pétalas escuras
De
Pessoas
Como peixes/////

Que rasgam a noite com suas lanças
Zodiacais
A mirar, do oceano que habitam
O brilho
De semelhantes (animais)
/semelhantes/,
Pessoas comuns
Que não sofrem o frio,
A(VASSALA)DOR
Da usura movediça
Que esmaga _____ Todos

Que em seus subsolos c

a
í
r
a
m

/não conseguindo/

Não mais,
Qualquer luz de estrela,
Qualquer lume de flor...

E serão (muitas pétalas)

Escuras /...../ Escusas /...../

Não que o todo
Putrescente considere,
Mas serão muitas delas
/apodrecidas,
/esquecidas,
/mal queridas,
/não benditas,

Pétalas de uma mesma flor...

*

Somos no todo
Como o todo das rosas:::
Em cálice
Mantemo-nos alguns
Milhões:
Sempre.....

Inseguros /

/

há o medo da queda...

Verdes corpos,
/lodo/lama/fossas humanas/
Sobre espinhos do caule mantêm as

mora(dias)
(in)seguras
de milhões
de inseguros
esquec(idos)
in(seguros)
equili(brados)
sobre os pêndulos
da rosa
insegura
de árdua tessitura
da rosa social...

*

Segue a Rosa
Por sua canção bifurcada
No entardecer da humana idade...

Sua flor primitiva, simples
Corola de 5 pétalas como 5 continentes
Perfuma o escuro _____ (Jardim)
Com seus giros de dançarina apedrejada /...../

Segue a Rosa
Formando a coroa
Com que rasga / / / / / a t-e-r-r-a
Com que divide : : : a F-a-c-e

/do pêlo/
Com a lágrima vermelha

(que desenha)

Sobre os olhos do mundo.

Assim seguiu

O Homem,

Coroado

Com as dores suspensas do Povo,

Coroado

(O Homem),

Com a pena das faltas
Dos seus sem(elh)antes

E o peso

/das lanças/ da Rosa

Na cabeça

Nas costas do

Homem

Maior,

Do Poeta Maior,

De palavras únicas como

as cores das rosas,

De olhares doces como

os odores das rosas,

Morrendo o Homem

! (Coroado)

Sob as dores da Rosa.

PÉTALA

a Mário Hélio

M(unidas) D/a/OS volumes descendentes
ascendentes do Impuro puro sangue
d'impuro ar Impura veia Impura
Di:Visão das mãos que jamais se dão =
ao Amor, vejo pernas br(ancas) pernas
p(retas) pernas an(d'antes) paraplégicas
famintas fatigadas pernas de
um mundo que não mais segue de bonde.

Longe Longe, bem longe da galáxia
Drummoniana que a humilde Itabira
resgatou como um bravo fez um dia
à mão que um cravo ergueu-lhe após o ato,
anônimo ao p(asseio) destas pernas
tenras(e)/t/ernas/p/ernas, lembro bem, (((?)))
do bonde que jamais vi e não verei...
O Mundo é a pa(larva) borboleta...

Sentindo um cheiro podre e de/s/humano
encher-lhe a b(oca) as ventas a alma
disse Adam Smith: O Homem é
no seu âmago mais fundo, um fundo
p(oço) de interessados monstros na
migalh/a/lheia, qu/e/xalam ao mínimo
grunhido os ruídos das segundas
in(tensões) — Dura Pétala Comum...

Gig(d)antesco nas fundas ondas ce(lestes) e oestes
canta em verso, não aos quatro
mas a meio dos três ventos
o maRemoto
que d'areia a rubros corais traçando
lança aos céus
a Tritão ou a Nereida dedicando.
Ah Netuno, teus vermelhos temp(c)orais
não traduzem o teu sangue (meta)morfético
que brota do teu sono
nas noites não dormidas nos teus (fundos) sonhos
em que aqueces como um homem
tuas roupas que orazulora(ç)ãoverdes
(de fina espuma linha)
pois que pintas no teu brando coração
a imagem do teu primo: Plutão.

Plutão —
por que tão longe ergues tua tocha, no
escuro frio aos outros meio escuso?
Quarenta passos
DEMO(désti)a longe então d'aqui(n)osDei
para claro a/que/seres i luminares
o escuro deste leiteiz...
Ah Plutão, em teu seio tão distante
de laba(redes) que te embalam
em tamanho tal qual meu
depolsiNto dos meus sonhos em teu sono o meu de (ser)jo:
ser-me eu feto e farto do teu f(rio).

LOUVARDES

a quem a voz possa incluir

Por que não segues por onde traçado
o traçado das c(ruas) sesmarias
dita o destino o seu hino cansado?
És potente, decerto: és, diria,
com tua branda silhueta esguia, limbo
impossível que a luz sufocaria,
como as tintas são co'os alvos lençóis
nos quais, tão louca, a voz cala sua faca,
nos quais, rubro, o Amor pinta seus heróis...
Por que não segues qual fruto d'out/r/ono
que do braço que o tem em seus rondóis
cai no dedo azul que ao mar vai em prumo?
Ter a cor definida um dia, tom
do canto que mil uma voz formaria
sei do horror do martelo deste som,
pois das bocas que a ti calei ouvido
pouco pintaram, pois pouco também
sabe a criança do láteo bebido.
Seguir jamais as mãos da correnteza,
lua acesa que desce as correrias
tendo fibra de impura e vil marquesa
eis o teu modo, eis pena da cria
das asas Liberdade que em ti abrem-se
à euforia, da áurea magestria
com que pintas, tão livre no teu quarto
de tantas quantas forem as paredes
tua divina Poesia — perfeito parto — ...
Even the rain, when gentle and soft, cages
the men inside its round and locked glasses...
Se, pois, o vôo insiste a rumo vário
dá-lhe mil asas para que não tenda;
que o traço quando frágil, avesso surge
à intensão, e tal mão que o tem por prenda
ou missão, muda míngua em procissão.

MEL

Por entre as faces da úmida pétala
Circula, interna e lenta, a lhana vida.
A morte é como o impune crime; fria
Não livra o corpo da prisão dos dias.

Por entre fartos ferros, que a ti, Homem,
Comprime como à tua voz, reavivo
A Poesia que está em todos nós;
Mas tu és busca, e a busca desgasta...

Word, after speech, reach into the silence.
O Silêncio... não há estrada sem
Sentido, porém; e o Homem é barro...

A fim de dar-te a Flor, busquei na chuva
Motivo para o seu fabrico; teu
E o mel, que em verso do meu corpo irrompe...

SIMETRIAS

(MAESTRO) (CONSCIÊNCIA DA MISSÃO) (CHAVE)

Mater MATÉria MATERNidade — Brota
a criança (simplesMENTE) da água
da carne das entranhas...
Assume então, o novo ente, lenta-
mente a sua Luz,
gritando como se pranto/ou calado como se
(in)diferente.....mas
sorrindo (internamente)
pois por todos os seus "cantos", a Luz, como num escuro

e
s
c
o
r
r
e rente /

II

(MAESTRO / CONSISTÊNCIA DA MISSÃO)

Circuncentro dos olhares
 nos quais mudo resvalava,
 das tangências dos seus círculos
 (em marrons ou outros tons),
 fiz do verso a chama guia
 que às pupilas, seus vigias,
 impôs tal ritmo, que súbito,
 em vazio então se viram
 (ou em ordem tão qualquer
 que sem ordem prosseguiram)...

Já eu cá com meus vocábulos:
 d'água áurea — clara cor —
 desta fonte — consCIÊNCIA —
 sempre em nome destes olhos
 tive punho e mão estreitos
 no desfolho do que deles
 feito espelhos e caminhos,
 os conduz como a estrela
 que em outrora noutras terras
 magnos t(reis) puderam vê-la.

VI

III

(SIMPETRIAS)

(IRMANAÇÃO)

Do erguer-se das pálpebras da noite, finda
 surge a luz azul,
 reflexo do infindo vazio
 de part(idas) estrelas...

Doutro erguer-se doutras pálpebras,
 não da noite, mas de lábios
 quadrilábios, surge a vã
 matéria vinda — ao encontro —
 ao tragar-se doutra vida-estrela vinda
 de outra luz, — Sublimã en(canto) —

Ó humana sina!
 Em teu nascimento
 teu biviário;
 em tua morte,
 tua bissetriz...

IV

(SIMETRIAS)

Afoguei minhas mãos
nas margens da Terra;
na lama l(impa)r do seu
meio inquieto; num mar de fôlegos
surdos e irregulares
qual suspiros de pombas.

À procura do seu pulso,
com os olhos loucos da águia (à
guisa dos que persegue),
in(vesti) sobre os meus membros
sua água
em batismo, e fiquei
como num poço às vezes fico,
olhos fundos, e ouvidos perd(idos).

Parece animado de algo mais forte
o corpo da Água: de um monstro batendo, em seu peito
de terra e cabelos de algas,
de uma revoada submersa, que tentasse emergir
sacudindo em volta,
de pessoas correndo e pulando obstáculos assimétricos,
de sinos sem língua tentando gritar e
seus movimentos provocassem avanços na borda,
de um balé submerso, de um deus acorrentado e
submerso, de uma Vida por trás dessa vida submersa.

V

IV

Semi-in(terno) como a íris (etéreo tom)
sempre tenro como o riso (humano dom)
e seu guizo de mil guizos (divino som)
oscila o Sempiterno
que trago envolto em mil texturas
enquanto Tempo e morada
sou,
enquanto somos, a contento, missão
em cumprimento — áureo Amor.

Seguindo juntos — desde
um tempo deste Tempo
desejos semi-mútuos — re(colhemos)
a cada palmo deste chão
de exist(entes) deste grão
a Experiência,
e no cheiro acre dos defuntos
a clarividência da continuação.

(DESTINAÇÃO DE UM TERÇO)

Vertente de mil vertentes,
sublime o Âmago, pueril seu
resto,

verterá massa orgânica
todo corpo que um dia
a ela se unirá!...

Ambos, quando partes de um mesmo solo,
adubarão os grossos troncos, os finos talos e
os vermes brancos
que um dia à frente, nutrirão novas raízes
fazendo farta a mesa de outros entes.

.....
Desta e de outras correntes, completa
a Vida a ela mesma,
como um cigarro acabado,
atirado nas margens de uma mata
Infinita...

("QUEST")

Sigamos as águas
do barco que em nossos olhos
navega.

Tentemos, através dos seus cristais
e gaivotas amontoadas que os rodeiam, de suas velas
multiformes, ora abertas, ora recolhidas por seus negros
marinheiros,

traduzir sua matéria submersa
que tão clara e eminente
se esquiva e se revela.

Mas, tenhamos pressa,
the time is flowing

e se esgota como as lágrimas mais precisas; e
envelhece, como um doce posto à espera;
como a estrela, morre; e
esvazia, como o castigo após seu tempo.

VIII

(UM PRISMA E UM INVERSO)

se o auge do Pensar em tal procura
(esta busca talvez louca, talvez
mais que Racional) traz à carne a dura
chama do Vazio, mesmo a rubra tez
perdida (pois envolta em desafio)
deve impor-se em tal árida subida,
árdua é a luta que em mente é manso rio
que mudo em si, às pedras queda a vida.
Tal vazio, que talvez a mente assuma,
deve às pedras então ser atirado,
pois na rocha em que nasce o mesmo rio
finda a jornada, morre a fina bruma,
e o muito que se quer ter alcançado
dela brota, como água em fino fio.

IX

(DETERMINAÇÃO EM BUSCA DO QUE SILENCIOS/A/
MENTE HABITA)

Que a sede seja Imensa e Infinita;
e como se olhássemos por nosso coração
que se perdera na relva,
audaz nos guie

plana a Razão
a dimensão Poética
plena Poética
Poética/

que levemente, sob o mais fundo de nós
em silêncio g

a i
r
num Tempo Único.

X

(FINAIS PONTUAÇÕES)

Às flores das sementes já plantadas

À revolve os meus anseios...

Da pedra achada, a vós, a nós é legada a lapidação,
de nós é sombra tal obrigação.

Suei em vidro as minhas trilhas, ao mar
em pouca embarcação lancei meu Verbo
farto de sede e de muitas formas
para a alga e a pedra tocar...

Volvemos agora à terra firme...

Em mim, pinga a vela
que trago envolta, à proa dos meus olhos,
em dedos e castiçal.

E seu pinga pedra, e qual pedra
assume forma — não tão dura quanto a pedra —
mas tão fruto quanto as linhas
do poema que traçado sobre a pedra
nos dá a forma do que o sua pelas unhas.

Sigamos então, sigamos em novas descobertas,
se tentarmos volver às ondas que passaram

elas lá não estarão, — direis que partiram,
dizimaram-se, seguiram
para em outras ressurgirem;
e se dizeis da mesma substância, talvez,
mas com a areia mais ausente,
o sal mais reprimido, a limpidez
mais aflorada, — ...

O AVESSO

Sento agora sobre o mundo
e percebo quão imenso
ele caminha,
girando sobre si
o Tudo e o Vazio
que deposita nos cofres escuros do Universo.

Leve, o olhar unta
o corpo (hirto)
e ao chão, silenciosa,
uma lagarta agoniza lentamente
sua morte traduzida.

O AVESSO

Seguia a barca à proa d'outras barcas;
velas fundas, içadas almas, ia
a esquadra em busca d'outra ventania...
Por onde rumo o leme a água marca,
por onde estrelas reto o homem guia
cobrindo em treze véus de espuma casta
o manto imaculado de água gasta
por lusa luz que ao Sul do azul se erguia...
Estreita e justa em rosa luminosa
cumpria a esquadra de ordem voz falida
do roto cetra a América saída.
Escrita toda tida em verso ou prosa
cantava ao rei a terra prometida,
por outros lusos antes conhecida.

CORREDOR

Corredor / Corredor / Corredor /
Corre(dor) /
Corre a dor // // // // // Corre(dor) // // // //
Corredor Corredor Corredor /
Que a cor da dor é cor e dor,
É a cor da Flor inver-
Tida da cor da sua dor
Que corre / corre / corre(dor) /
Por dentro da dor Maior
Que ausente a sustenta / /
Da dor sem cor nem dor
Da dor do amor.

Tempo de amor ()
Tempo de dor / . . . / pres(sentida) /
Da dor de cor e tamanho da espada
Que avança e decepa
A Flor / a Flor / a Flor /
Que escorre /// corre //// corre // // // //
Corre(dor) /
Corredor / Corredor / Corredor // // // // // // //

